



Alice no país das maravilhas
por Lewis Carroll





C3I9a

Carroll, Lewis - 1832-1898

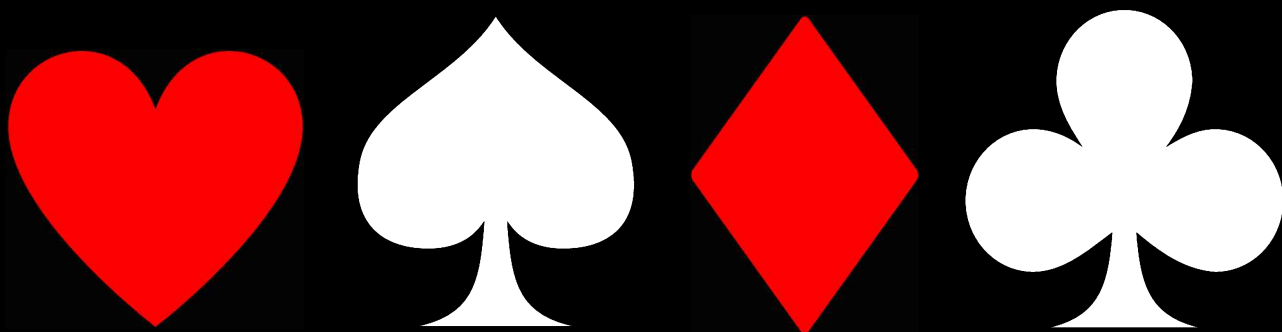
Alice no País das Maravilhas / Lewis Carroll.
Marília: Lycoris, 2022.

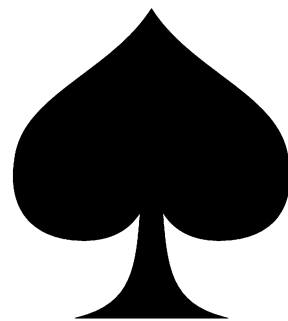
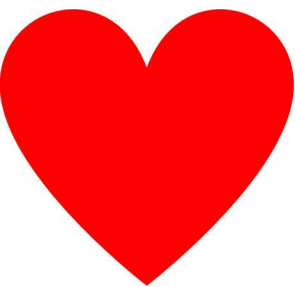
PDF.

I. Literatura Inglesa. 2. Juvenil. I. Alice no
País das Maravilhas.



Alice no país das maravilhas





Sumário

CAPÍTULO I

Descendo a Toca do Coelho

CAPÍTULO II

A piscina de lágrimas

CAPÍTULO III

A Corrida-Caucus e um longo conto

CAPÍTULO IV

O Coelho envia o Lagarto

CAPÍTULO V

Conselhos de uma Lagarta

CAPÍTULO VI

Porco e Pimenta

CAPÍTULO VII

Uma louca festa de chá

CAPÍTULO VIII

Campo de cróquete da rainha

CAPÍTULO IX

A História da Tartaruga Falsa

CAPÍTULO X

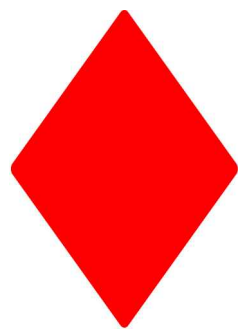
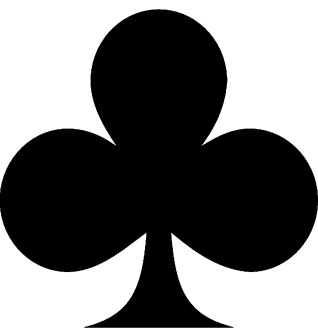
A Quadrilha da Lagosta

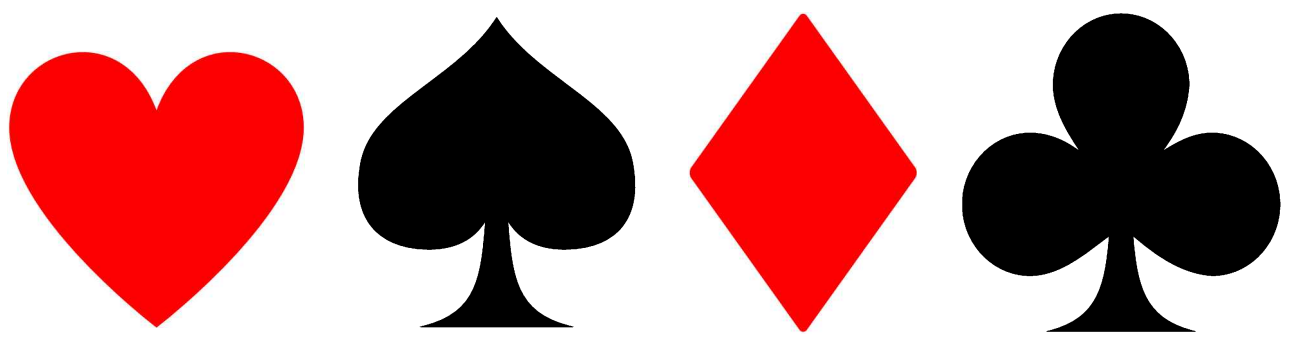
CAPÍTULO XI

Quem roubou as tortas?

CAPÍTULO XII

As provas de Alice







Descendo a Toca do Coelho

Alice estava começando a ficar muito cansada de ficar sentada ao lado da irmã a margem do riacho e de não ter nada para fazer, uma ou duas vezes ela havia espiado o livro que sua irmã estava lendo, mas não tinha gravuras ou diálogos nele, “e qual a utilidade de um livro”, pensou Alice “sem gravuras ou diálogos?”

Então ela estava pensando dentro da sua própria cabeça (o melhor que podia, pois o dia quente a fazia sentir-se muito sonolenta e estúpida), se o prazer de fazer uma coroa de margaridas valeria a pena o trabalho de levantar e colher as margaridas, quando de repente um Coelho Branco com olhos cor-de-rosa correu perto dela.

Não havia nada tão notável nisso, Alice nem achou muito estranho ouvir o Coelho dizer a si mesmo, “Oh, céus! Oh céus! Eu me atrasarei!” (quando ela pensou sobre isso depois, ocorreu-lhe que ela deveria ter se admirado com isso, mas na hora tudo parecia bastante natural), mas quando o Coelho tirou um relógio do bolso do colete, olhou para ele, e então se apressou, Alice começou a se importar, pois passou pela sua mente que ela nunca tinha visto um coelho com um colete... bolso, ou um relógio para tirar de dentro, e ardendo de curiosidade, ela correu pelo campo atrás dele, e felizmente chegou bem a tempo de vê-lo saltar por uma grande toca de coelho sob a cerca viva.

Em outro momento, Alice desceu atrás dele, nunca considerando como no mundo ela iria sair novamente.

A toca do coelho seguiu em frente como um túnel por algum tempo, e então descia de repente, tão subitamente que Alice não teve um momento

para pensar em parar, antes que ela se visse caindo em um poço muito profundo.

Ou o poço era muito fundo, ou ela caiu muito devagar, pois teve bastante tempo enquanto descia para olhar em volta e se perguntar o que aconteceria a seguir. Primeiro, ela tentou olhar para baixo e ver para onde estava indo, mas estava escuro demais para ver qualquer coisa, então ela olhou para os lados do poço e notou que eles estavam cheios de armários e estantes de livros, aqui e ali, ela via mapas e fotos pendurados em cabides. Ela pegou um pote de uma das prateleiras enquanto passava, estava rotulado "GELEIA DE LARANJA", mas, para sua grande decepção, estava vazio, ela não queria deixar o pote cair, por medo de matar alguém embaixo, então deu um jeito de colocá-lo em um dos armários ao passar por ele.

"Bom!!" pensou Alice para si mesma, "depois de uma queda como essa, não vai ser nada demais cair escada abaixo! Como todos eles vão me achar corajoso em casa! Ora, eu não reclamaria, mesmo se eu caísse do topo da casa!" (O que provavelmente era verdade.)

Baixo baixo Baixo. A queda nunca chegaria ao fim? "Eu me pergunto quantos quilômetros eu já caí a essa altura?" ela disse em voz alta. "Devo estar chegando em algum lugar perto do centro da terra. Deixe-me ver, isso seria quatro mil milhas abaixo, eu acho..." (pois, você vê, Alice tinha aprendido várias coisas desse tipo em suas aulas na sala de aula, e embora esta não fosse uma boa oportunidade para se exhibir conhecimento, já que não havia ninguém para ouvi-la, ainda assim era uma boa prática) "sim, essa é a distância certa, mas então eu me pergunto a que Latitude ou Longitude estou?" (Alice não tinha ideia do que era Latitude, ou Longitude também, mas achou que eram palavras bonitas para dizer.)

Logo ela começou de novo. "Eu me pergunto se vou cair e atravessar a terra! Como vai parecer engraçado sair entre as pessoas que andam de cabeça para baixo! As antipatias, eu acho..." (ela estava bastante feliz por não haver ninguém ouvindo, desta vez, pois não soava a palavra certa) "... mas vou ter que perguntar a eles qual é o nome do país, você sabe. Por

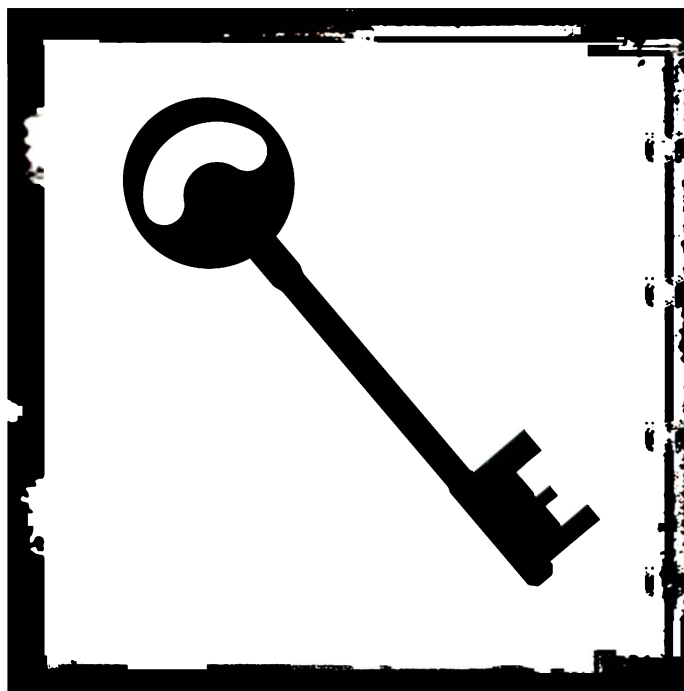
favor, senhora, isso é Nova Zelândia ou Austrália?” (e ela tentou fazer uma medida enquanto falava, imagina fazer uma medida enquanto você está caindo no ar! Você acha que conseguiria?) “E que garotinha ignorante ela vai me achar por perguntar! Não, nunca será bom perguntar, talvez eu veja isso escrito em algum lugar.”

Baixo baixo Baixo. Não havia mais nada a fazer, então Alice logo começou a falar novamente. “Dinah vai sentir muito minha falta esta noite, eu acho!” (Dinah era a gata.) “Espero que eles se lembrem do pires de leite dela na hora do chá. Dinah, minha querida! Queria que você estivesse aqui comigo! Não há ratos no ar, eu temo, mas você pode pegar um morcego, e isso é muito parecido com um rato, você sabe. Mas os gatos comem morcegos, eu me pergunto?” E aqui Alice começou a ficar um pouco sonolenta, e continuou dizendo para si mesma, de um jeito meio sonhador, “Os gatos comem morcegos? Os gatos comem morcegos?” e às vezes, “Os morcegos comem gatos?” pois, veja você, como ela não podia responder a nenhuma das perguntas, não importava muito de que maneira ela colocasse as coisas. Ela sentiu que estava cochilando e começou a sonhar que estava andando de mãos dadas com Dinah, e dizendo a ela muito seriamente, “Agora, Dinah, diga-me a verdade, você já comeu um morcego?” Quando de repente, baque! baque! caiu em um monte de gravetos e folhas secas, e a queda acabou.

Alice não se machucou nem um pouco e pôs-se de pé em um instante, olhou para o alto, mas estava tudo escuro lá em cima, diante dela havia outra longa passagem, e o Coelho Branco ainda estava à vista, correndo por ela. Não havia um momento a perder, Alice se foi como o vento, e chegou bem a tempo de ouvi-lo dizer, ao dobrar uma esquina, “Oh minhas orelhas e bigodes, como está ficando tarde!” Ela estava logo atrás quando dobrou a esquina, mas o Coelho não estava mais à vista, ela se viu em um salão longo e baixo, iluminado por uma fileira de lâmpadas penduradas no telhado.

Havia portas por todo o salão, mas todas estavam trancadas, e depois que Alice andou para um lado e também para outro, tentando todas as portas, ela caminhou tristemente pelo meio, imaginando como poderia sair de novo.

De repente, ela se deparou com uma mesinha de três pés, toda feita de vidro maciço, não havia nada nele, exceto uma pequena chave dourada, e o primeiro pensamento de Alice foi que poderia pertencer a uma das portas do corredor, mas, infelizmente! ou as fechaduras eram muito grandes, ou a chave era muito pequena, mas de qualquer forma não abria nenhuma delas. No entanto, na segunda vez, ela se deparou com uma cortina baixa que não havia notado antes, e atrás dela havia uma portinha de cerca de trinta centímetros de altura, ela experimentou a pequena chave dourada na fechadura e, para seu grande prazer, encaixou!



Alice abriu a porta e descobriu que dava para um pequeno corredor, não muito maior que um buraco de rato, ela se ajoelhou e olhou ao longo do corredor para o jardim mais lindo que você já viu. Como ela desejava sair daquele salão escuro e vagar entre aqueles canteiros de flores brilhantes e aquelas fontes frescas, mas ela não conseguia nem mesmo colocar a cabeça

pela porta, “e mesmo que minha cabeça passasse”, pensou a pobre Alice, “de pouco serviria sem meus ombros. Ah, como eu gostaria de poder retrair como um telescópio! Acho que poderia, se ao menos soubesse como começar.” Pois, você vê, tantas coisas fora do normal aconteceram ultimamente, que Alice começou a pensar que muitas poucas coisas eram realmente impossíveis.

Parecia inútil esperar na portinha, então ela voltou para a mesa, meio que esperando encontrar outra chave nela, ou pelo menos um livro de regras sobre retrair as pessoas como telescópios, desta vez ela encontrou uma garrafinha nela (“que certamente não estava aqui antes”, disse Alice), e no gargalo da garrafa havia uma etiqueta de papel com as palavras “Beba-me”, lindamente datilografadas em letras grandes.



Tudo bem dizer “Beba-me”, mas a sábia Alice não faria isso com pressa. “Não, vou olhar primeiro”, disse ela, “e ver se está marcado ‘veneno’ ou não”, pois ela havia lido várias pequenas histórias sobre crianças que foram queimadas e comidas por animais selvagens e outras coisas desagradáveis, tudo porque eles não se lembravam das regras simples que seus amigos lhes ensinaram, como, que um atizador em brasa vai te queimar

se você segurar por muito tempo, e que se você cortar o dedo muito profundamente com uma faca, geralmente sangra, e ela nunca havia esquecido que, se você beber muito de uma garrafa marcada como “veneno”, é quase certo que passará mal, mais cedo ou mais tarde.

No entanto, esta garrafa não estava marcada como “veneno”, então Alice aventurou-se a prová-la, e achando-a muito agradável (tinha, na verdade, uma espécie de sabor misto de torta de cereja, creme, abacaxi, peru assado, caramelo e torrada quente com manteiga), ela logo terminou de beber.

* * * * *

* * * * *

* * * * *

“Que sensação curiosa!” disse Alice, “Devo estar me retraindo como um telescópio.”

E assim foi de fato, ela agora tinha apenas 25 centímetros de altura, e seu rosto se iluminou ao pensar que agora ela tinha o tamanho certo para passar pela portinha para aquele lindo jardim. Antes, porém, ela esperou alguns minutos para ver se ia encolher ainda mais, ficou um pouco nervosa com isso, “pois pode acabar, você sabe”, disse Alice para si mesma, “como uma vela. E o que eu seria então?” E ela tentou imaginar como é a chama de uma vela depois que a vela é apagada, pois ela não conseguia se lembrar de ter visto tal coisa.

Depois de um tempo, percebendo que nada mais havia acontecido, ela decidiu ir imediatamente ao jardim, mas, ai da pobre Alice! quando chegou à porta, descobriu que havia esquecido a pequena chave de ouro e, quando voltou à mesa para pegá-la, descobriu que não poderia alcançá-la, podia vê-la claramente através do vidro e tentou seu melhor para subir uma das

pernas da mesa, mas era muito escorregadio, e quando se cansou de tentar, a pobrezinha sentou-se e chorou.

“Qual é, não adianta chorar assim!” disse Alice para si mesma bruscamente, “Aconselho você a parar neste minuto!” Ela geralmente se dava conselhos muito bons (embora raramente os seguisse), e às vezes se repreendia tão severamente que trazia lágrimas aos olhos, uma vez, ela se lembrou, de ter tentado puxar suas próprias orelhas por ter trapaceado em um jogo de crôquete que estava jogando contra si mesma, pois essa criança curiosa gostava muito de fingir ser duas pessoas. “Mas agora não adianta”, pensou a pobre Alice, “fingir ser duas pessoas! Ora, quase não resta o suficiente de mim para ser uma pessoa respeitável!”

Logo seus olhos caíram sobre uma caixinha de vidro que estava embaixo da mesa, ela a abriu e encontrou dentro dela um bolo muito pequeno, no qual as palavras “COMA-ME” estavam lindamente marcadas com groselhas. “Bem, eu vou comê-lo”, disse Alice, “e se me fizer crescer, posso alcançar a chave, e se isso me diminuir, posso rastejar por baixo da porta, então de qualquer forma eu vou entrar no jardim, e eu não me importo com o que vai acontecer!”

Ela comeu um pouco e disse ansiosamente para si mesma, “Para que lado? Para que lado?”, segurando a mão no alto da cabeça para sentir para que lado estava crescendo, e ficou bastante surpresa ao descobrir que continuava do mesmo tamanho, com certeza, isso geralmente acontece quando se come bolo, mas Alice tinha entrado tanto no caminho de esperar que nada além de coisas fora do comum acontecessem, que parecia bastante aborrecida que a vida continuasse da maneira comum.

Então ela começou a comer mais rápido, e logo terminou o bolo.

* * * * *

* * * * *

* * * * *



piscina de lágrimas

"Curioso e curioso!" exclamou Alice (ela ficou tão surpresa que, por um momento, esqueceu-se de como falar um bom português), "agora estou ampliando, como o maior telescópio que já existiu! Adeus, pés!" (pois quando ela olhou para seus pés, eles pareciam estar quase fora de vista, eles estavam ficando tão longe). "Oh, meus pobres pezinhos, eu me pergunto quem vai colocar seus sapatos e meias para vocês agora, queridos? Tenho certeza que não vou conseguir! Estarei longe demais para me incomodar com vocês, vocês devem se virar da melhor maneira possível...mas devo ser gentil com eles", pensou Alice, "ou talvez eles não andem do jeito que eu quero. Deixe-me ver, vou dar a eles um novo par de botas todo Natal."

E ela continuou planejando para si mesma como ela iria lidar com isso. "Elas devem ser enviadas pelo correio", pensou ela, "e como vai parecer engraçado mandar presentes para os próprios pés! E como o endereço vai parecer estranho!"

Sr. Pé direito de Alice,
Tapetinho da lareira,
próximo ao guarda-fogo,
(com amor, Alice).

Oh querida, que bobagem eu estou falando!"

Nesse momento, sua cabeça bateu no teto do salão, na verdade, ela estava agora com mais de três metros de altura, e imediatamente pegou a pequena chave de ouro e correu para a porta do jardim.

Pobre Alice! Era tudo o que ela podia fazer, deitada de lado, para olhar o jardim com um olho, mas passar era mais desesperador do que nunca, ela se sentou e começou a chorar de novo.

“Você deveria ter vergonha de si mesma”, disse Alice, “uma grande garota como você” (ela poderia muito bem dizer isso), “continuar chorando desse jeito! Pare neste momento, estou dizendo!” Mas ela continuou do mesmo jeito, derramando galões de lágrimas, até que surgiu uma grande poça ao seu redor, com cerca de dez centímetros de profundidade e alcançando metade do corredor.

Depois de um tempo, ela ouviu um pequeno barulho de pés ao longe, e ela rapidamente enxugou os olhos para ver o que estava por vir. Era o Coelho Branco que voltava, esplendidamente vestido, com um par de luvas brancas em uma das mãos e um grande leque na outra, ele vinha trotando com muita pressa, murmurando consigo mesmo ao chegar, “Oh! a Duquesa, a Duquesa! Oh! ela vai ficar uma fera, se eu a deixar esperando!” Alice sentiu-se tão desesperada que estava pronta para pedir ajuda a qualquer um, então, quando o Coelho se aproximou dela, ela começou, em voz baixa e tímida, “Por favor, senhor...”. O Coelho estremeceu violentamente, largou as luvas brancas e o leque e correu para a escuridão o mais rápido que pôde.

Alice pegou o leque e as luvas e, como o salão estava muito quente, ficou se abanando o tempo todo, falando, “oh céus, oh céus! Como tudo está esquisito hoje! E ontem as coisas estavam todas normais. Eu me pergunto, será que mudei tudo durante a noite? Deixe-me pensar, eu era a mesma quando me levantei esta manhã? Acho que me lembro de me sentir um pouco diferente. Mas se eu não sou eu mesma, a próxima pergunta é, Quem no mundo sou eu? Ah, esse é o grande quebra-cabeça!” E ela começou a pensar em todas as crianças que ela conhecia e que tinham a mesma idade que ela, para ver se ela poderia ter sido trocada por alguma delas.

“Tenho certeza de que não sou Ada”, disse ela, “pois o cabelo dela tem cachos tão compridos, e o meu não tem cachos, e tenho certeza de que não posso ser Mabel, pois sei todo tipo de coisa, e ela, ah! ela sabe tão pouco! Além disso, ela é ela, e eu sou eu, e... oh, que coisa intrigante! Quem sabe eu sei todas as coisas que eu costumava saber. Deixe-me ver, quatro vezes cinco é doze, e quatro vezes seis é treze, e quatro vezes sete é - oh céus! Nunca chegarei a vinte nesse ritmo! No entanto, multiplicação não significa nada, vamos tentar Geografia. Londres é a capital de Paris, e Paris é a capital de Roma, e Roma...não, está tudo errado, tenho certeza! Eu devo ter sido trocada com Mabel! Vou tentar recitar 'A abelinha ocupada...'”ela cruzou as mãos no colo, como se estivesse dando lições, e começou a repetir, mas sua voz soava rouca e estranha, e as palavras não saíam da mesma forma que costumavam sair:

“O pequeno crocodilo
Deixa a cauda tinindo
Derrama as águas do Nilo
Em todas as escamas douradas!

“Com alegria, ele parece sorrir,
E também mostra suas garras
Dá as boas-vindas aos peixinhos
Com mandíbulas abertas!”

“Tenho certeza de que essas não são as palavras certas,” disse a pobre Alice, e seus olhos se encheram de lágrimas novamente enquanto ela continuava, “eu devo ser Mabel afinal, e eu terei que ir morar naquela casinha, sem quase nenhum brinquedo para brincar, e oh! sempre tantas lições para aprender! Não, já decidi, se eu for a Mabel, fico aqui embaixo! Não adianta colocarem a cabeça no buraco e dizer 'Suba de novo, querida!' Vou apenas olhar para cima e dizer 'Quem sou eu então? Diga-me isso primeiro, e então,

se eu gostar de ser essa pessoa, eu vou subir, se não, eu vou ficar aqui embaixo até ser outra pessoa' - mas, oh meu Deus! gritou Alice, com uma súbita explosão de lágrimas, "Eu gostaria que eles colocassem as cabeças no buraco! Estou tão cansada de ficar sozinha aqui!"

Ao dizer isso, olhou para as mãos e ficou surpresa ao ver que havia colocado uma das luvinhas brancas do Coelho enquanto falava. "Como posso ter feito isso?" ela pensou. "Devo estar ficando pequena de novo." Ela se levantou e foi até a mesa para medir a si mesma, e descobriu que como imaginava, estava agora com cerca de sessenta centímetros de altura e estava encolhendo rapidamente, logo descobriu que a causa disso era o leque que ela estava segurando, e ela o largou rapidamente, bem a tempo de evitar encolher completamente.

"Foi por pouco!" disse Alice, bastante assustada com a mudança repentina, mas muito feliz por ainda existir, "e agora para o jardim!" e ela correu a toda velocidade de volta para a portinha, mas a portinhola estava fechada novamente, e a pequena chave de ouro estava sobre a mesa de vidro como antes, "e as coisas estão piores do que nunca", pensou a pobre criança, "porque eu nunca fui tão pequena assim antes, nunca! E eu declaro que é muito ruim, se é!"

Ao dizer essas palavras, seu pé escorregou e, em um momento, splash! ela estava até o queixo em água salgada. Sua primeira ideia foi que de alguma forma ela havia caído no mar, "e nesse caso eu posso voltar de trem", ela disse para si mesma. (Alice estivera à beira-mar uma vez na vida e chegará à conclusão geral de que, onde quer que você vá na costa inglesa, encontrará várias cabines de banho no mar, algumas crianças cavando na areia com pás de madeira, depois uma fileira de pensões e, atrás delas, uma estação de trem.) No entanto, ela logo percebeu que estava na poça de lágrimas que chorou quando tinha três metros de altura.

"Eu gostaria de não ter chorado tanto!" disse Alice, enquanto nadava, tentando encontrar a saída. "Serei punida por isso agora, suponho, sendo

afogada em minhas próprias lágrimas! Isso vai ser uma coisa estranha, com certeza! No entanto, tudo é estranho hoje”

Nesse momento, ela ouviu algo na poça um pouco mais a distante, e nadou mais perto para ver o que era, a princípio ela pensou que deveria ser uma morsa ou hipopótamo, mas então ela se lembrou de quão pequena ela era agora, e ela logo percebeu que era apenas um camundongo que como ela cairá na poça.

“Seria útil agora”, pensou Alice, “falar com este camundongo? Tudo está tão estranho aqui, que acho muito provável que ele possa falar, de qualquer forma, não há mal em tentar. Então ela começou, “Ó Camundongo, você conhece a saída desta poça? Estou muito cansado de nadar por aqui, ó Camundongo!” (Alice pensou que essa deveria ser a maneira certa de falar com um camundongo. Ela nunca tinha feito uma coisa dessas antes, mas ela se lembrava de ter visto na gramática latina de seu irmão, “Um camundongo, de um camundongo, para um camundongo, Ó camundongo!”) O Camundongo olhou para ela com bastante curiosidade, e pareceu-lhe piscar com um de seus olhinhos, mas não disse nada.

“Talvez não entenda português”, pensou Alice, “Ouso dizer que é um camundongo francês, veio com William, o Conquistador.” (Pois, com todo o seu conhecimento de história, Alice não tinha uma noção muito clara de há quanto tempo algo havia acontecido.) Então ela começou de novo, “Où est ma chatte?” que era a primeira frase em seu livro de aulas de francês. O Camundongo deu um salto súbito para fora da água e pareceu estremecer todo de medo. “Ah, me desculpe!” gritou Alice apressadamente, com medo de ter ferido os sentimentos do pobre animal. “Eu esqueci que você não gosta de gatos.”

“Não gosto de gatos!” gritou o Camundongo, com uma voz estridente e apaixonada. “Você gostaria de gatos se fosse eu?”

“Bem, talvez não”, disse Alice em um tom tranquilizador, “não fique bravo com isso. Gostaria de poder apresentar a você, nossa gata Dinah. Acho que você gostaria de gatos se pudesse conhecê-la. Ela é uma coisa tão

fofa e também muito quieta”, Alice continuou, meio para si mesma, enquanto nadava preguiçosamente na poça, “e ela fica ronronando perto a lareira, lambendo as patas e lavando o rosto, e ela é uma coisinha tão macia ao abraçar, e ela é ótima para pegar camundongos, oh, me perdoe! gritou Alice novamente, pois desta vez o camundongo estava todo eriçado, e ela teve certeza de que devia estar realmente ofendido. “Nós não vamos falar mais sobre ela se você preferir.”

“Nós!?” gritou o Camundongo, que tremia até a ponta do rabo. “Como se eu fosse falar sobre tal assunto! Minha família sempre odiou gatos, coisas desagradáveis, baixas, vulgares! Não me deixe ouvir o nome novamente!”

“Eu não vou mesmo!” disse Alice, com muita pressa para mudar o assunto da conversa. “Você...você gosta de cachorros?” O Camundongo não respondeu, então Alice continuou ansiosa, “Há um cachorrinho tão bonito perto de nossa casa que eu gostaria de mostrar a você! Um pequeno terrier de olhos brilhantes, você sabe, com os pelos castanhos tão longos e encaracolados! Que busca coisas quando você as joga, e abana o rabo quando quer brincar, e todo esse tipo de coisa – não consigo me lembrar de metade delas – e pertence a um fazendeiro, você sabe, ele diz que é tão útil, que vale cem libras! Ele diz que mata todos os camundongos e... oh meu Deus!” exclamou Alice em um tom pesaroso, “temo que tenha ofendido de novo!” Pois o Camundongo estava nadando para longe dela o mais forte que podia, e fazendo a poça sacudir.

Então ela chamou baixinho, “Camundongo querido! Volte novamente, não falaremos sobre gatos ou cachorros, se você não gosta deles” Quando o Camundongo ouviu isso, virou-se e nadou lentamente de volta para ela, seu rosto estava bastante pálido (de paixão, pensou Alice), e disse em voz baixa e trêmula, “Vou te contar minha história, e você vai entender por que eu odeio gatos e cachorros.”

Já era hora de ir, pois a poça estava ficando bastante cheia de pássaros e animais que haviam caído nela, havia um Pato e um Dodô, um

Papagaio e uma Águia, e várias outras criaturas curiosas. Alice liderou o caminho, e todo o grupo nadou até a praia.



Corrida-Caucus e um longo conto

Eles eram de fato um grupo de aparência esquisita, que se reunia na margem – os pássaros com penas arrastadas, os animais com seus pelos grudados, e todos pingando, zangados e desconfortáveis.

A primeira pergunta, claro, era como se secar de novo. Eles tiveram um debate sobre isso, e depois de alguns minutos parecia bastante natural para Alice encontrar-se conversando familiarmente com eles, como se os conhecesse a vida toda. Na verdade, ela teve uma longa discussão com o Papagaio, que ficou mal-humorado e apenas disse, “Sou mais velho que você e por isso sei mais,” e isso Alice não permitiria, não sem saber quantos anos tinha o Papagaio tinha, e como o Papagaio se recusou a dizer sua idade, não havia mais nada a ser dito.

Por fim, o Camundongo, que parecia ser uma pessoa de autoridade entre eles, gritou, “Sentem-se, todos vocês, e ouçam-me! Em breve farei vocês secarem!” Todos se sentaram ao mesmo tempo, em um grande círculo, com o Camundongo no meio. Alice manteve os olhos ansiosamente fixos nele, pois tinha certeza de que pegaria um resfriado forte se não se secasse logo.

“Aham!” disse o Camundongo com um ar importante, “vocês estão todos prontos? Esta é a coisa mais seca que conheço. Silêncio total, por favor! William o Conquistador, cuja causa era favorecida pelo papa, logo foi submetido pelos ingleses, que queriam líderes, e ultimamente estavam muito

acostumados à usurpação e conquista. Edwin e Morcar, os condes da Mércia e da Nortúmbria...”

"Eca!" disse o Papagaio, com um arrepio.

"Perdão!" disse o Camundongo, franzindo a testa, "Você falou?"

"Eu não!" disse o Papagaio apressadamente.

"Pensei que sim", disse o Camundongo. "— Eu prossigo. 'Edwin e Morcar, os condes de Mércia e Northumbria, declararam por ele, e até Stigand, o arcebispo patriótico de Canterbury achou isso aceitável...'"

"Achou o quê?" disse o Pato.

"Achou", o Camundongo respondeu com certa irritação, "é claro que você sabe o que 'isso' significa."

"Eu sei muito bem o que 'isso' significa, quando encontro uma coisa", disse o Pato, "geralmente é um sapo ou um verme. A questão é, o que o arcebispo achou?"

O Camundongo ignorou a pergunta, e continuou apressadamente, "achou aconselhável ir com Edgar Atheling para encontrar William e oferecer-lhe a coroa. A conduta de William no início foi moderada. Mas a insolência de seus normandos... Como você está agora, minha querida?" continuou, virando-se para Alice enquanto falava.

"Tão molhada como sempre", disse Alice em tom melancólico, "parece que não me sequei nem um pouco."

"Nesse caso", disse o Dodô solenemente, levantando-se, "proponho que a reunião fosse encerrada, para a adoção imediata de remédios mais enérgicos..."

"Fale Português!" disse a águia. "Não sei o significado de metade dessas palavras longas e além do mais, acredito que você também não!" A Águia abaixou a cabeça para esconder um sorriso, alguns dos outros pássaros deram risadinhas audíveis.

"O que eu ia dizer", disse o Dodô em tom ofendido, "era que a melhor coisa para nos secar seria uma Corrida-Caucus".

“O que é uma Corrida-Caucus?” disse Alice, não que ela quisesse saber muito, mas o Dodô havia parado como se achasse que alguém deveria falar algo, e ninguém mais parecia inclinado a dizer alguma coisa.

“Ora”, disse o Dodô, “a melhor maneira de explicar é fazendo”. (E, como você talvez queira experimentar, em algum dia de inverno, vou lhe contar como o Dodô fez.)

Primeiro marcou uma pista de corrida, em uma espécie de círculo, (“a forma exata não importa”, dizia) e depois todo o grupo foi colocado ao longo do percurso, aqui e ali. Não havia “um, dois, três e já”, eles começavam a correr quando queriam e paravam quando queriam, de modo que não era fácil saber quando a corrida terminava. No entanto, quando já estavam correndo por meia hora ou mais, e já estavam bem secos novamente, o Dodô de repente gritou, “A corrida acabou!” e todos se aglomeraram em volta dela, ofegantes e perguntando, “Mas quem ganhou?”

Essa pergunta o Dodô não pôde responder sem pensar muito, e ficou muito tempo com um dedo pressionado sobre a testa (a posição em que você costuma ver Shakespeare, nas fotos dele), enquanto o resto esperava em silêncio. Por fim, o Dodô disse, “ Todos ganharam e todos devem ter prêmios”.

“Mas quem deve dar os prêmios?” um grande coro de vozes perguntou.

“Ora, ela , é claro”, disse o Dodô, apontando para Alice com um dedo, e todo o grupo de uma vez se amontoou em volta dela, gritando de maneira confusa, “Prêmios! Prêmios!”

Alice não tinha ideia do que fazer e, em desespero, colocou a mão no bolso e tirou uma caixa de doces (por sorte a água salgada não entrou nela) e os entregou como prêmios. Havia exatamente um para cada.

“Mas ela mesma deve ganhar um prêmio, você sabe”, disse o Camundongo.

“Claro”, respondeu o Dodô muito gravemente. “O que mais você tem no bolso?” ele continuou, virando-se para Alice.

“Apenas um dedal,” disse Alice tristemente.

“Entregue aqui”, disse o Dodô.

Em seguida, todos se aglomeraram em volta dela mais uma vez, enquanto o Dodô apresentava solenemente o dedal, dizendo, “Nós imploramos sua aceitação deste elegante dedal” e, quando terminou este curto discurso, todos aplaudiram.

Alice achou tudo muito absurdo, mas todos pareciam tão sérios que ela não se atreveu a rir, e como não conseguia pensar em nada para dizer, simplesmente fez uma reverência e pegou o dedal, parecendo o mais solene que podia.

A próxima coisa foi comer os confeitos, isso causou algum barulho e confusão, pois os pássaros grandes reclamaram que não podiam sentir o sabor dos deles, e os pequenos engasgaram e tiveram que levar tapinhas nas costas. No entanto, finalmente acabou os confeitos, e eles se sentaram novamente em um círculo, e imploraram ao Camundongo que lhes contassem algo mais.

“Você prometeu me contar sua história, você sabe,” disse Alice, “e por que você odeia...C e D,” ela acrescentou em um sussurro, meio com medo de ofender novamente.

“A minha história é longa e triste!” disse o Camundongo, virando-se para Alice e suspirando.

“É uma cauda longa, certamente”, disse Alice, olhando com admiração para a cauda do Camundongo, “Mas por que você acha isso triste?” E ela continuou intrigada enquanto o Camundongo falava, de modo que sua ideia do conto era algo assim:

“Fúria disse ao rato
que conheceu em casa,
‘Vamos ambos a justiça,
Eu vou processá-lo,
Vamos, e não aceitarei nenhuma negação,
Precisamos ter um julgamento,

Pois esta manhã,
Não tenho nada para fazer'.
O rato disse para o cão:
Tal julgamento, caro senhor,
Sem júri ou juiz,
Apenas desperdício de palavras'.
'Eu serei o juiz,
Eu serei o júri',
Disse a
Velha Fúria
Astuta :
'Vou
tentar
de toda
maneira
condená -
lo
à
morte.'"

"Você não está prestando atenção!" Disse severamente o Camundongo para Alice. "O que você está pensando?"

"Desculpe", disse Alice muito humildemente, "você chegou à quinta curva, eu acho?"

"Nós não chegamos na quinta curva!" gritou agudo o Camundongo e com muita raiva.

"Um nó!" disse Alice, sempre pronta para ser útil, e olhando ansiosamente ao seu redor. "Oh, deixe-me ajudar a desfazê-lo!"

"Não farei nada disso", disse o Camundongo, levantando-se e indo embora. "Você me insulta falando tanta bobagem!"

"Eu não quis dizer isso!" Implorou a pobre Alice. "Mas você se ofende tão facilmente, você sabe!"

O Camundongo apenas rosnou em resposta.

"Por favor, volte e termine sua história!" Alice o chamou, e os outros todos se juntaram em coro, "Sim, por favor!" Mas o Camundongo apenas balançou a cabeça com impaciência e caminhou um pouco mais rápido.

"Que pena" suspirou o Papagaio, e assim que o Camundongo sumiu a vista de todos, uma velha Carangueja aproveitou para dizer à filha "Ah, minha querida! Que isso lhe sirva de lição, sobre nunca perder a calma!" "Segure sua língua, mãe!" disse a jovem Carangueja, um pouco irritada. "Você consegue testar a paciência até de uma ostra!"

"Eu gostaria que Dinah estivesse comigo!" disse Alice em voz alta, sem se dirigir a ninguém em particular. "Ela logo iria buscá-lo!"

"E quem é Dinah, se eu puder me aventurar a fazer a pergunta?" disse o Papagaio.

Alice respondeu ansiosa, pois estava sempre pronta para falar sobre seu bichinho, "Dinah é nossa gata. E ela é tão boa para pegar ratos que você nem imagina! E oh, eu gostaria que você pudesse vê-la caçando pássaros! Basta apenas olhar para um passarinho e está feito!"

Este discurso causou uma sensação notável entre o grupo. Alguns dos pássaros saíram correndo imediatamente, uma velha Gralha começou a se embrulhar com muito cuidado, comentando, "Eu já devia estar chegando em casa, o ar noturno não combina com minha garganta!" e um Canário gritou com voz trêmula para seus filhos, "Venham, meus queridos! Já é hora de vocês estarem todos na cama!" Sob vários pretextos, todos se afastaram, e Alice logo foi deixada sozinha.

"Eu gostaria de não ter mencionado Dinah!" ela disse para si mesma em um tom melancólico. "Ninguém parece gostar dela aqui embaixo, e tenho certeza que ela é a melhor gata do mundo! Oh, minha querida Dinah! Eu me pergunto se algum dia verei você novamente!" E aqui a pobre Alice começou a chorar de novo, pois se sentia muito solitária e desanimada. Em pouco

tempo, no entanto, ela novamente ouviu um pequeno tamborilar de passos ao longe, e ela olhou para cima ansiosamente, meio esperando que o Camundongo tivesse mudado de ideia e estivesse voltando para terminar sua história.



Coelho envia o Lagarto

Era o Coelho Branco, trotando lentamente de volta e olhando ansiosamente em volta, como se tivesse perdido alguma coisa, e ela o ouviu murmurando para si mesmo “A Duquesa! A duquesa! Oh minhas queridas patas! Oh meu pelo e bigodes! Ela vai me executar, tão certo quanto furões são furões! Onde posso tê-los deixado, eu me pergunto?” Alice adivinhou em um momento que ele estava procurando o leque e o par de luvas brancas, e ela muito bem-humorada começou a procurá-los, mas eles não estavam em lugar algum - tudo parecia ter mudado desde que ela nadará na poça, e o grande salão, com a mesa de vidro e a portinha, desapareceram completamente.

Logo o Coelho notou Alice, enquanto ela estava procurando, e gritou para ela em um tom irritado, “Mary Ann, o que você está fazendo aqui? Corra para casa neste momento e traga-me um par de luvas e um leque! Rápido, agora!” E Alice ficou tão assustada que saiu correndo na direção que ele apontava, sem tentar explicar o erro que havia cometido.

“Ele me confundiu com sua empregada,” ela disse para si mesma enquanto corria. “Como ele ficará surpreso quando descobrir quem eu sou! Mas é melhor eu levar para ele o leque e as luvas, isto é, se eu conseguir encontrar. Ao dizer isso, ela se deparou com uma casinha arrumada, na porta

da qual havia uma placa de latão brilhante com o nome “W. COELHO”, gravado nele. Ela entrou sem bater e correu escada acima, com muito medo de encontrar a verdadeira Mary Ann e ser expulsa da casa antes de encontrar o leque e as luvas

“Que estranho”, Alice disse para si mesma, “buscar coisas para um coelho! Suponho que Dinah vá começar me pedir coisas também!” E ela começou a imaginar o tipo de coisa que iria acontecer, “Senhorita Alice! Venha aqui imediatamente e prepare-se para sua caminhada!, Chegando em um minuto, ama! Preciso cuidar para que o rato não saia da toca. Mas acho,” Alice continuou, “que eles não deixariam Dinah dentro de casa, se ela comesse a mandar nas pessoas assim!”

A essa altura, ela já havia entrado em um quartinho arrumado com uma mesa na janela e sobre ela (como esperava) um leque e dois ou três pares de pequenas luvas brancas de pelica, pegou o leque e um par de das luvas, já ia sair da sala, quando seus olhos se depararam com uma garrafinha que estava perto do espelho. Desta vez não havia nenhum rótulo com as palavras “BEBA-ME”, mas mesmo assim ela o abriu e o levou aos lábios. “Sei que algo interessante certamente acontecerá”, disse para si mesma, “sempre que eu comer ou beber alguma coisa, então vou ver o que essa garrafa faz. Eu espero que isso me faça crescer novamente, pois realmente estou muito cansado de ser uma coisinha tão pequena!”

De fato, e muito mais cedo do que ela esperava, antes de beber metade da garrafa, ela sentiu a cabeça pressionada contra o teto e teve que se curvar para evitar que seu pescoço fosse quebrado. Ela rapidamente largou a garrafa, dizendo para si mesma, “Já chega...espero não crescer mais, já não posso sair pela porta, gostaria de não ter bebido tanto!”

Infelizmente! Era tarde demais para desejar isso! Ela foi crescendo e crescendo, e logo teve que se ajoelhar no chão, em um minuto não havia nem espaço para estar ajoelhada, então experimentou se deitar, com um cotovelo contra a porta e o outro braço enrolado em volta da cabeça dela. Mesmo assim ela continuou crescendo e, como último recurso, colocou um

braço para fora da janela, e um pé pela chaminé, e disse a si mesma, “Agora não posso fazer mais nada, aconteça o que acontecer. O que será de mim?”

Para a sorte de Alice, a garrafinha mágica já tinha feito todo o efeito, e ela não cresceu mais, ainda assim era muito desconfortável e, como parecia não haver nenhuma chance dela sair do quarto novamente, não é de admirar ela se sentia infeliz.

“Era muito mais agradável estar em casa”, pensou a pobre Alice, “quando a gente não crescia e diminuía de uma hora para outra e não recebia ordens de camundongos e coelhos. Eu quase gostaria de não ter entrado naquela toca de coelho – e ainda assim – e ainda assim, é bastante curioso, você sabe, esse tipo de vida! Eu me pergunto o que pode ter acontecido comigo! Quando eu lia contos de fadas, achava que esse tipo de coisa nunca acontecia, e agora aqui estou eu no meio de um! Deveria haver um livro escrito sobre mim, deveria! E quando eu crescer, vou escrever um, mas agora estou crescida”, acrescentou em um tom triste, “pelo menos não há mais espaço para crescer aqui .”

“Mas então”, pensou Alice, “ nunca ficarei mais velha do que sou agora? Isso vai ser um conforto, de um jeito – nunca ser uma mulher velha – sempre ter lições a aprender! Ah, eu não gostaria disso! ”

"Oh, sua tola Alice!" ela mesma respondeu. "Como você pode aprender lições aqui? Ora, mal há espaço para você , e não há espaço para nenhum livro de lições!"

E assim ela continuou, conversando bastante sobre o assunto, mas depois de alguns minutos ela ouviu uma voz do lado de fora e parou para ouvir.

"Mary Ann! Mary Ann!" disse a voz. "Traga-me minhas luvas neste momento!" Então veio um pequeno tamborilar de pés na escada. Alice sabia que era o Coelho que vinha procurá-la e tremeu até sacudir a casa, esquecendo-se de que agora era cerca de mil vezes maior que o Coelho e não tinha motivos para ter medo dele.

Logo o Coelho veio até a porta e tentou abri-la, mas quando a porta se abriu para dentro e o cotovelo de Alice foi pressionado com força contra ela, essa tentativa foi um fracasso. Alice o ouviu dizer para si mesmo, “Então eu vou dar a volta e entrar pela janela”.

“Que? você não vai!” pensou Alice, e depois de esperar, ela imaginou ter ouvido o Coelho logo abaixo da janela, então de repente estendeu a mão e fez um puxão no ar. Ela não pegou nada, mas ouviu um pequeno grito e uma queda, e um estrondo de vidro quebrado, do qual concluiu que era bem possível que tivesse caído em uma estufa de pepino, ou algo do tipo.

Em seguida veio uma voz raivosa, a do Coelho, “Pat! Pat! Onde você está?” E então uma voz que ela nunca tinha ouvido antes, “Estou aqui! Cavando maçãs, meritíssimo!”

“Cavando maçãs!” disse o Coelho com raiva. “Aqui! Venha me ajudar com isso!” (Sons de mais vidro quebrado.)

“Agora me diga, Pat, o que é isso na janela?”

“Claro, é um braço, meritíssimo!” (Ele pronunciou “brasssu”.)

“Um braço, seu idiota! Já viu um desse tamanho? Ele preenche toda a janela!”

“Claro que sim, meritíssimo, tudo isso é um braço.”

“Bem, de qualquer maneira, isso não devia estar aí, trate de tirar e leve embora!”

Houve um longo silêncio depois disso, e Alice só podia ouvir sussurros de vez em quando, tais como, “Claro, eu não gosto disso, sua honra, nada, nada!” “Faça o que eu digo, seu covarde!” e por fim ela estendeu a mão novamente e fez outro movimento no ar. Desta vez houve dois pequenos gritos e mais sons de vidro quebrado. “Que quantidade de estufas de pepino deve haver!” pensou Alice. “Eu me pergunto o que eles vão fazer em seguida! Quanto a me puxar para fora da janela, eu só gostaria que eles conseguissem! Tenho certeza que não quero mais ficar aqui!”

Ela esperou algum tempo sem ouvir mais nada, finalmente veio o estrondo de muitas vozes falando juntas, ela decifrou as palavras, “Onde está

a outra escada? traga apenas uma; Bill está com a outra....; Bill! Pegue aqui, rapaz!; Aqui, coloque neste canto; Não, amarre-as primeiro; elas não chegam a metade da altura ainda; Oh! eles vão se sair bem; não seja exigente; Aqui, Bill! agarre essa corda; O telhado vai aguentar?; Cuidado com essa telha solta; Ah, está caindo! cuidado com as cabeças!" (um estrondo alto) "Quem fez isso?; Foi Bill, eu imagino; Quem vai descer pela chaminé?; Não, eu não vou! Você faz isso!; Que? eu não vou!, Bill vai descer; Aqui, Bill! o mestre diz que você deve descer pela chaminé!"

"Oh! Então Bill tem que descer pela chaminé, tem? disse Alice para si mesma. "Tadinho, eles parecem colocar tudo nas costas de Bill! Eu não gostaria de estar no lugar de Bill, esta lareira é estreita, mas acho que consigo chutar um pouco!"

Ela puxou o pé o mais fundo que pôde e esperou até ouvir um bichinho (ela não conseguia adivinhar de que espécie era) arranhando e se arrastando na chaminé logo acima dela, então, dizendo a si mesma, Este é o Bill," ela deu um chute forte, e esperou para ver o que aconteceria a seguir.

A primeira coisa que ela ouviu foi um coro geral de "Lá vai o Bill!" então a voz do Coelho junto – "Pegue-o, você pela cerca!" depois silêncio, e então outra confusão de vozes, "Levante a cabeça dele; Não o sufoque; Como foi, meu velho? O que aconteceu com você? Conte-nos tudo!"

Por último, veio uma voz um pouco fraca e esganiçada ("Esse é o Bill", pensou Alice,) "Bem, eu mal sei, mas, obrigado, Estou melhor agora, mas estou muito nervoso para dizer a você, tudo o que sei, mas algo me atingiu e eu voei como um foguete".

"Certamente velho companheiro, como um foguete!" disseram os outros.

"Temos que incendiar a casa!" disse a voz do Coelho, e Alice gritou o mais alto que pôde, "Se você fizer isso, eu vou colocar Dinah para pegar você!"

Houve um silêncio mortal instantaneamente, e Alice pensou consigo mesma, "Eu me pergunto o que eles farão a seguir! Se tivessem juízo,

arrancariam o telhado.” Depois de um minuto ou dois, eles começaram a se mover novamente, e Alice ouviu o Coelho dizer, “Um carrinho de mão serve, para começar”.

“Um carrinho de mão de quê? ” pensou Alice, mas ela não teve muito tempo para pensar, pois no momento seguinte uma chuva de pedrinhas caiu pela janela, e algumas delas a atingiram no rosto. “Vou acabar com isso”, disse para si mesma, e gritou, “É melhor não fazer isso de novo!” o que produziu outro silêncio mortal.

Alice notou com alguma surpresa que as pedrinhas estavam se transformando em pequenos bolos enquanto estavam no chão, e uma ideia brilhante veio à sua cabeça. “Se eu comer um desses bolos”, pensou ela, “com certeza fará alguma mudança no meu tamanho, e como não pode me fazer maior, deve me fazer menor, suponho.

Então ela engoliu um dos bolos e ficou encantada ao descobrir que começou a encolher diretamente. Assim que ela ficou pequena o suficiente para passar pela porta, ela correu para fora da casa e encontrou uma multidão de pequenos animais e pássaros esperando do lado de fora. O pobre lagarto, Bill, estava no meio, sendo sustentado por dois porquinhos-da-índia, que lhe davam algo de uma garrafa. Todos correram para Alice no momento em que ela apareceu, mas ela correu o máximo que pôde e logo se viu segura em uma floresta densa.

“A primeira coisa que tenho que fazer”, disse Alice para si mesma, enquanto vagava pela floresta, “é voltar ao meu tamanho certo, e a segunda coisa é encontrar meu caminho para aquele lindo jardim. Acho que esse será o melhor plano.”

Parecia um excelente plano, sem dúvida, e muito bem organizado e simples, a única dificuldade era que ela não tinha a menor idéia de como começar, e enquanto ela olhava ansiosamente entre as árvores, um pequeno latido agudo logo acima de sua cabeça a fez olhar para cima com grande pressa.

Um cachorrinho enorme estava olhando para ela com grandes olhos redondos, e debilmente esticando uma pata, tentando tocá-la. "Coitadinho!" disse Alice, em um tom de persuasão, e ela se esforçou para assobiar para ele, mas ela estava terrivelmente assustada o tempo todo com o pensamento de que ele poderia estar com fome, e nesse caso seria muito provável que a comeria apesar de toda a sua persuasão.

Mal sabendo o que fazia, ela pegou um pedaço de pau e estendeu para o cachorrinho, então o cachorrinho pulou no ar com todas as patas de uma vez, com um ganido de prazer, e correu para a vareta, então Alice se esquivou atrás de um grande cardo, para não ser atropelada, e no momento em que ela apareceu do outro lado, o cachorrinho fez outra investida na vara, e caiu de ponta-cabeça na pressa de segurá-la, então Alice, pensando ser uma brincadeira, e esperando a cada momento ser pisoteada, correu novamente em volta do cardo, então o cachorrinho começou uma série de investidas curtas na vareta, correndo um pouco para a frente a cada vez e um longo caminho para trás, e latindo roucamente o tempo todo, até que finalmente sentou-se bem longe, ofegante.

Isso pareceu a Alice uma boa oportunidade para escapar, então ela partiu imediatamente e correu até ficar muito cansada e sem fôlego, e até que o latido do filhote soou bem fraco à distância.

"Que cachorrinho querido!" disse Alice, apoiando-se num botão de ouro para descansar, e abanando-se com uma das folhas, "Eu teria gostado muito de ensinar truques, se... se eu tivesse o tamanho certo! Oh céus! Eu quase tinha esquecido que eu tenho que crescer de novo! Deixe-me ver, como isso deve ser administrado? Suponho que devo comer ou beber uma coisa ou outra, mas a grande questão é, o quê?"

A grande questão certamente era, o quê? Alice olhou ao seu redor para as flores e as folhas de grama, mas não viu nada que parecesse a coisa certa para comer ou beber naquelas circunstâncias. Havia um grande cogumelo crescendo perto dela, mais ou menos da mesma altura que ela, e quando ela

olhou por baixo dele, e em ambos os lados, e atrás dele, ocorreu-lhe que ela poderia muito bem olhar e ver o que estava em cima dele.

Ela se esticou na ponta dos pés e espiou por cima da borda do cogumelo, e seus olhos imediatamente encontraram os de uma grande lagarta azul, que estava sentada no topo com os braços cruzados, fumando silenciosamente um longo narguilé e não dando atenção para ela, ou qualquer outra coisa.



Conselhos de uma Lagarta

A Lagarta e Alice se entreolharam por algum tempo em silêncio, finalmente a Lagarta tirou o narguilé da boca e se dirigiu a ela com uma voz lânguida e sonolenta.

“Quem é você?” disse a Lagarta.

Esta não era uma abertura encorajadora para uma conversa. Alice respondeu, um tanto tímida, “Eu...eu mal sei senhor, pelo menos no momento, eu sei quem eu era quando me levantei esta manhã, mas acho que devo ter mudado várias vezes desde então.”

“O que você quer dizer com isso?” disse a Lagarta severamente. “Explique-se!”

“Temo que não posso me explicar”, disse Alice, “porque eu não sou eu mesma, sabe.”

“Eu não sei,” disse a Lagarta.

“Receio que não posso ser mais clara”, Alice respondeu muito educadamente, “pois eu mesma não consigo entender para começar, e ter tantos tamanhos diferentes em um dia é muito confuso.”

“Não é”, disse a Lagarta.

“Bem, talvez você não ache ainda”, disse Alice, “mas quando você tiver que se transformar em uma crisálida, você vai um dia, e depois disso em uma borboleta, eu acho que você vai se sentir um pouco estranho, não é?”

“Nem um pouco,” disse a Lagarta.

“Bem, talvez seus sentimentos possam ser diferentes”, disse Alice, “Tudo o que sei é que seria muito estranho para mim .”

“Você!” disse a Lagarta com desprezo. “Quem é você? ”

O que os trouxe de volta ao início da conversa. Alice ficou um pouco irritada com a Lagarta fazendo comentários tão curtos , se endireitou e disse, muito grave, “Acho que você deveria me dizer quem você é, primeiro”.

“Por que?” disse a Lagarta.

Aqui estava outra pergunta intrigante, e como Alice não conseguia pensar em nenhuma boa resposta, e como a Lagarta parecia estar em um estado de espírito muito desagradável, ela se virou.

“Volte!” a Lagarta chamou por ela. “Tenho algo importante a dizer!”

Isso certamente parecia promissor, Alice se virou e voltou.

“Mantenha seu temperamento,” disse a Lagarta.

“Isso é tudo?” disse Alice, engolindo sua raiva o melhor que podia.

“Não”, disse a Lagarta.

Alice achou que deveria esperar, já que não tinha mais nada para fazer, e talvez, afinal de contas, isso pudesse ser algo que valesse a pena ouvir. Por alguns minutos ele bufou sem falar, mas finalmente abriu os braços, tirou o narguilé da boca novamente e disse, “Então você acha que mudou, não é?”

“Receio que sim, senhor”, disse Alice, “Eu não consigo me lembrar das coisas como eu costumava , e eu não mantenho o mesmo tamanho por dez minutos!”

“Não consegue lembrar quais coisas?” disse a Lagarta.

“Bem, eu tentei dizer "recitar a abelhinha ocupada", mas tudo saiu diferente!” Alice respondeu com uma voz muito melancólica.

“Repita, ' Você está velho, padre William ’”, disse a Lagarta.

Alice cruzou as mãos e começou:

“Você está velho, padre William”, disse o jovem,
“e seu cabelo ficou muito branco,
E, no entanto, você fica de cabeça para baixo incessantemente...
Você acha que, na sua idade, isso está certo?”

“Na minha juventude”, respondeu o padre William ao filho,
“temia que pudesse ferir o cérebro,
Mas, agora que tenho certeza absoluta de que não tenho nenhum,
Faço isso de novo e de novo.”

“Você está velho”, disse o jovem, “como mencionei antes,
e engordou de maneira incomum,
No entanto, você deu uma cambalhota na porta...
Por favor, qual é a razão disso?”

“Na minha juventude”, disse o sábio, enquanto balançava seus cabelos
grisalhos,
“mantive todos os meus membros muito flexíveis
Pelo uso desta pomada, um xelim a caixa,
Permita-me vender-lhe um par?”

“Você é velho”, disse o jovem, “e suas mandíbulas são muito fracas
Para qualquer coisa mais dura que sebo,
No entanto, você acabou com o ganso, com os ossos e o bico ...
Como você consegue fazer isso?”

“Na minha juventude”, disse o velho, “eu levei à lei,
E discuti cada caso com minha esposa,
E a força muscular, que deu ao meu maxilar,

durou o resto da minha vida.”

“Você está velho”, disse o jovem,
“difícilmente se poderia supor
que seu olho estava tão firme como sempre,
No entanto, você equilibrou uma enguia na ponta do nariz
... como?

“Respondi a três perguntas e isso basta”,
disse o velho, “não se dê ares!
Você acha que eu posso ouvir essas coisas o dia todo?
Saia, ou eu vou chutar você escada abaixo!”

“Isso não está certo”, disse a Lagarta.

“Não está eu temo,” disse Alice, timidamente, “algumas das palavras foram alteradas.”

“Está errado do começo ao fim”, disse a Lagarta decididamente, e houve silêncio por alguns minutos.

A Lagarta foi a primeira a falar.

“De que tamanho você quer ser?” perguntou.

“Oh, eu não sou muito exigente quanto ao tamanho,” Alice respondeu apressadamente, “apenas não gosto de mudar com tanta frequência, você sabe.”

“Eu não sei,” disse a Lagarta.

Alice não disse nada, ela nunca havia sido tão contrariada em sua vida antes, e ela sentiu que estava perdendo a paciência.

“Você está contente agora?” disse a Lagarta.

“Bem, eu gostaria de ser um pouco maior senhor, se você não se importar”, disse Alice, “três polegadas é uma altura tão miserável para ter.”

“É uma altura muito boa” disse a Lagarta com raiva, erguendo-se enquanto falava (tinha exatamente três polegadas de altura).

“Mas eu não estou acostumado com isso!” Implorou a pobre Alice em um tom lamentável. E ela pensou consigo mesma, “Gostaria que as criaturas não se ofendissem tão facilmente!”

“Você vai se acostumar com o tempo”, disse a Lagarta, e colocou o narguilé na boca e começou a fumar novamente.

Desta vez Alice esperou pacientemente até que ela resolvesse falar novamente. Em um minuto ou dois, a Lagarta tirou o narguilé da boca e bocejou uma ou duas vezes, e se sacudiu. Então ele desceu do cogumelo e se arrastou para longe na grama, apenas comentando, “Um lado fará você crescer mais alto e o outro lado fará você diminuir”.

“Um lado do quê? O outro lado de quê? ” pensou Alice consigo mesma.

“Do cogumelo”, disse a Lagarta, como se tivesse perguntado em voz alta, e em outro segundo estava fora de vista.



Alice ficou olhando pensativa para o cogumelo por um minuto, tentando distinguir quais eram os dois lados dele, e como era perfeitamente redondo, ela achou esta uma pergunta muito difícil. No entanto, por fim, ela esticou os

braços em volta dele o máximo que pôde, e quebrou um pouco da borda com cada mão.

“E agora qual é qual?” disse a si mesma, e mordiscou um pouco do lado direito para experimentar o efeito, no momento seguinte sentiu um golpe no queixo, atingiu o pé!

Ela estava bastante assustada com essa mudança tão repentina, mas sentiu que não havia tempo a perder, pois estava encolhendo rapidamente, então ela começou imediatamente a comer um pouco do outro pedaço. Seu queixo estava tão pressionado contra o pé, que mal havia espaço para abrir a boca, mas ela finalmente conseguiu engolir um pedaço do cogumelo em sua mão esquerda.

* * * * *

* * * * *

* * * * *

“Minha cabeça finalmente está livre!” disse Alice em um tom de deleite, que se transformou em alarme no momento, quando descobriu que seus ombros não estavam em lugar algum, tudo o que ela podia ver, quando ela olhava para baixo, era um imenso comprimento de pescoço, que parecia se erguer como um mastro de navio, um navio navegando em um mar de folhas verdes.

“O que pode ser toda essa coisa verde?” disse Alice. “E onde meus ombros foram parar ? E oh, minhas pobres mãos, como é que eu não posso vê-las?” Ela as movia enquanto falava, mas nenhum resultado, exceto um pequeno tremor entre as folhas verdes distantes.

Como parecia não haver chance de levar as mãos à cabeça, ela tentou baixar a cabeça até elas e ficou encantada ao descobrir que seu pescoço se dobrava facilmente em qualquer direção, como uma serpente. Ela tinha acabado de curvá-lo em um ziguezague gracioso e ia mergulhar entre as

folhas, que ela descobriu não ser nada além das copas das árvores sob as quais ela estava vagando, quando um silvo agudo a fez recuar. com pressa, um pombo grande voou em direção ao seu rosto e batia nela violentamente com as asas.

"Serpente!" gritou o Pombo.

"Eu não sou uma serpente!" disse Alice indignada. "Deixe-me em paz!"

"Serpente!" repetiu o Pombo, mas em tom mais moderado, e acrescentou com uma espécie de soluço, "Já tentei de todas as formas, e nada parece funcionar!"

"Eu não tenho a menor ideia do que você está falando," disse Alice.

"Já experimentei as raízes das árvores, experimentei os bancos e experimentei as sebes", prosseguiu o Pombo, sem lhe dar atenção, "mas essas serpentes! Não há como se esconder!"

Alice estava cada vez mais intrigada, mas achava que não adiantava dizer mais nada até que o Pombo terminasse.

"Como se não fosse problema suficiente chocar os ovos", disse a Pomba, "mas devo estar atento às serpentes noite e dia! Ora, eu não tive uma piscadela de sono nessas três semanas!"

"Sinto muito que você tenha se aborrecido", disse Alice, que estava começando a entender o significado.

"E assim que eu subi a árvore mais alta da floresta", continuou o Pombo, elevando sua voz para um grito, "e exatamente quando eu estava pensando que deveria estar finalmente livre delas, elas começam a descer do céu! Ugh, Serpente!"

"Mas eu não sou uma serpente, eu lhe garanto!" disse Alice. "Eu sou uma...eu sou uma..."

"O que você é!?" disse o Pombo. "Eu posso ver que você está tentando inventar alguma coisa!"

"Eu...eu sou uma garotinha," disse Alice, um tanto duvidosa, enquanto ela se lembrava do número de mudanças que ela tinha passado naquele dia.

“Uma história provável, de fato!” disse o Pombo num tom do mais profundo desprezo. “Já vi muitas menininhas no meu tempo, mas nunca uma com um pescoço como esse! Não não! Você é uma serpente, e não adianta negar. Suponho que a seguir você vai me dizer que nunca provou um ovo!”

“Eu certamente provei ovos”, disse Alice, que era uma criança muito sincera, “mas garotinhas comem ovos tanto quanto as serpentes, você sabe.”

“Não acredito”, disse o Pombo, “mas se faz isso, é por que então são uma espécie de serpente.”

Essa era uma ideia tão nova para Alice, que ela ficou em silêncio por um minuto ou dois, o que deu ao Pombo a oportunidade de acrescentar, “Você está procurando ovos, eu sei muito bem disso, e o que me importa se você é uma garotinha ou uma serpente?”

“É muito importante para mim ”, disse Alice apressadamente, “mas não estou procurando ovos, e se estivesse, não iria querer os seus, não gosto deles crus.”

“Bem, vá embora, então!” disse o Pombo em tom amuado, enquanto se acomodava novamente em seu ninho. Alice se agachou entre as árvores o melhor que pôde, pois seu pescoço ficava se enroscando entre os galhos, e de vez em quando ela tinha que parar e desenroscá-lo. Depois de um tempo, ela se lembrou de que ainda segurava os pedaços de cogumelo nas mãos e começou a trabalhar com muito cuidado, mordiscando primeiro um e depois o outro, e ficando às vezes mais alta e às vezes mais baixa, até conseguir se recompor. até sua altura normal.

Fazia tanto tempo que ela não chegava perto do tamanho certo, que a princípio pareceu bem estranho, mas ela se acostumou em poucos minutos e começou a falar sozinha, como sempre. “Ora, metade do meu plano está feito agora! Como são intrigantes todas essas mudanças! Eu nunca tenho certeza do que vou ser, de um minuto para o outro! No entanto, voltei ao meu tamanho certo, a próxima coisa é entrar naquele lindo jardim...como isso pode ser feito, eu me pergunto?” Ao dizer isso, ela chegou de repente a um lugar aberto, com uma casinha de cerca de um metro e meio de altura.

“Quem mora lá”, pensou Alice, “não será bom entrar lá deste tamanho, eu poderia assustá-los até eles chegarem à loucura!” Então ela começou a morder o lado direito novamente, e não se aventurou a se aproximar da casa até que ela chegasse a nove polegadas de altura.



Porco e Pimenta

Por um minuto ou dois ela ficou olhando para a casa, e se perguntando o que fazer a seguir, quando de repente um lacaios de libré saiu correndo da floresta (ela o considerou um lacaios porque ele estava de libré, caso contrário, a julgar por só o rosto, ela o teria chamado de peixe), e bateu ruidosamente na porta com os nós dos dedos. Foi aberto por outro lacaios de libré, rosto redondo e olhos grandes como os de um sapo, e ambos os lacaios, Alice notou, tinham cabelos empoados que se enrolavam por toda a cabeça. Ela ficou muito curiosa para saber do que se tratava, e se esgueirou um pouco para fora da floresta para ouvir.

O Lacaios-Peixe começou tirando debaixo do braço uma grande carta, quase do tamanho dele, e a entregou ao outro, dizendo, em tom solene, “Para a Duquesa. Um convite da Rainha para jogar cróquete.” O Lacaios-Sapo repetiu, no mesmo tom solene, apenas mudando um pouco a ordem das palavras, “Da Rainha. Um convite para a Duquesa jogar cróquete.”

Em seguida, ambos se curvaram e seus cachos ficaram emaranhados.

Alice riu tanto disso que teve que correr de volta para a floresta com medo de que a ouvissem, e quando ela espiou de novo o Lacaios-Peixe tinha sumido, e o outro estava sentado no chão perto da porta, olhando estupidamente para o céu.

Alice foi timidamente até a porta e bateu.

“Não adianta bater”, disse o Lacaio, “e isso por duas razões. Primeiro, porque estou do mesmo lado da porta que você, em segundo lugar, porque eles estão fazendo tanto barulho lá dentro, ninguém poderia ouvi-la. E certamente havia um barulho extraordinário acontecendo lá dentro, um constante uivo e espirros, e de vez em quando um grande estrondo, como se um prato ou chaleira tivesse sido quebrado em pedaços.

“Por favor, então”, disse Alice, “como vou entrar?”

“Talvez haja algum sentido em você bater,” o Lacaio continuou sem respondê-la, “se tivéssemos a porta entre nós. Por exemplo, se você estivesse dentro, você poderia bater, e eu poderia deixá-la sair, você sabe.” Ele estava olhando para o céu o tempo todo em que falava, e isso Alice achou decididamente incivil. “Mas talvez ele não possa evitar”, ela disse para si mesma, “seus olhos estão quase no topo de sua cabeça. Mas, de qualquer forma, ele pode responder a perguntas. “Como vou entrar?” ela repetiu, em voz alta.

“Vou me sentar aqui”, observou o Lacaio, “até amanhã...”

Nesse momento a porta da casa se abriu e um grande prato saiu deslizando, direto na cabeça do Lacaio, apenas roçou seu nariz e se quebrou em pedaços contra uma das árvores atrás dele.

“...ou no dia seguinte, talvez,” o Lacaio continuou no mesmo tom, exatamente como se nada tivesse acontecido.

“Como vou entrar?” perguntou Alice novamente, em um tom mais alto.

“Você vai entrar mesmo?” disse o lacaio. “Essa é a primeira pergunta.”

Era, sem dúvida, só que Alice não gostava que lhe dissessem isso. “É realmente terrível,” ela murmurou para si mesma, “o jeito que todas as criaturas discutem. É o suficiente para deixar qualquer um louco!”

O Lacaio pareceu pensar que esta era uma boa oportunidade para repetir sua observação, com variações. “Vou me sentar aqui”, disse ele, “por dias e dias”.

“Mas o que devo fazer?” disse Alice.

"Qualquer coisa que você quiser", disse o Lacaio, e começou a assobiar.

"Ah, não adianta falar com ele", disse Alice desesperadamente, "ele é perfeitamente idiota!" E ela abriu a porta e entrou.

A porta dava direto para uma grande cozinha, cheia de fumaça de uma ponta à outra, a Duquesa estava sentada em um banquinho de três pernas no meio, amamentando um bebê, o cozinheiro estava debruçado sobre o fogo, mexendo um grande caldeirão que parecia estar cheio de sopa.

"Certamente há muita pimenta nessa sopa!" Alice disse para si mesma, enquanto espirrava.

Certamente havia muita no ar. Até a Duquesa espirrava de vez em quando, e quanto ao bebê, espirrava e berrava alternadamente sem um momento de pausa. As únicas coisas na cozinha que não espirrou, foram o cozinheiro e um grande gato que estava sentado na lareira e sorrindo de orelha a orelha.

"Por favor, você poderia me dizer", disse Alice, um pouco tímida, pois não tinha certeza se era uma boa educação falar primeiro, "por que seu gato sorri assim?"

"É um gato Cheshire", disse a Duquesa, "e é por isso. Porco!"

Ela disse a última palavra com uma violência tão repentina que Alice deu um pulo, mas ela viu em outro momento que era dirigida ao bebê, e não a ela, então ela tomou coragem e continuou.

"Eu não sabia que os gatos Cheshire sempre sorriam, na verdade, eu não sabia que os gatos podiam sorrir."

"Todos podem", disse a Duquesa, "e a maioria deles faz."

"Eu não conheço nenhum que faça isso," Alice disse muito educadamente, sentindo-se bastante satisfeita por ter entrado em uma conversa.

"Você não sabe muito", disse a Duquesa, "e isso é um fato."

Alice não gostou nada do tom dessa observação e achou que seria bom introduzir outro assunto de conversa. Enquanto ela tentava preparar

uma, o cozinheiro tirou o caldeirão de sopa do fogo e imediatamente começou a trabalhar jogando tudo ao seu alcance na Duquesa e no bebê, os ferros de engomar vinham primeiro, depois seguiu-se uma chuva de panelas, pratos e pratos. A Duquesa não deu atenção a eles, mesmo quando bateram nela, e o bebê já estava berrando tanto que era impossível dizer se os golpes o machucavam ou não.

“Oh, por favor , preste atenção no que você está fazendo!” gritou Alice, pulando para cima e para baixo em uma agonia de terror. “Oh, lá se vai o nariz precioso dele!” quando uma panela extraordinariamente grande voou perto dele e quase o levou embora.

“Se todo mundo cuidasse da sua própria vida”, disse a Duquesa em um grunhido rouco, “o mundo giraria mais rápido do que gira”.

“O que não seria uma vantagem”, disse Alice, que se sentiu muito feliz por ter a oportunidade de mostrar um pouco de seu conhecimento. “Pense no trabalho que daria com o dia e a noite! Você vê que a Terra leva vinte e quatro horas para girar em torno de seu eixo...”

“Falando em machados”, disse a Duquesa, “cortam a cabeça dela!”

Alice olhou ansiosamente para o cozinheiro, para ver se ele havia escutado, mas o cozinheiro estava ocupado mexendo a sopa e parecia não estar ouvindo, então ela continuou, “Vinte e quatro horas, eu acho, ou são doze? Eu...”

“Ah, não me incomode ”, disse a Duquesa, “Eu nunca pude tolerar números!” E com isso ela começou a amamentar seu filho novamente, cantando uma espécie de canção de ninar para ele enquanto fazia isso, e dando-lhe uma sacudida violenta no final de cada linha:

“Fale grosseiramente com seu filho,
E bata nele quando ele espirra,
Ele só faz isso para irritar,
Porque ele sabe que provoca”.

CORO.

(Em que o cozinheiro e o bebê se juntaram):

"Uau! uau! uau!"

Enquanto a Duquesa cantava o segundo verso da canção, ela continuava jogando o bebê violentamente para cima e para baixo, e o coitadinho berrou tanto, que Alice mal podia ouvir as palavras:

“Falo severamente com meu filho,
bato nele quando espirra,
Pois ele pode desfrutar completamente da
pimenta quando quiser!”

CORO.

"Uau! uau! uau!"

"Aqui! você pode amamentar um pouco, se quiser!" a Duquesa disse para Alice, jogando o bebê nela enquanto falava. “Preciso ir e me preparar para jogar cróquete com a Rainha”, e ela saiu correndo da sala. O cozinheiro jogou uma frigideira atrás dela quando ela saiu, mas não acertou.

Alice pegou o bebê com alguma dificuldade, pois era uma criaturinha de formato esquisito, e estendeu seus braços e pernas em todas as direções, “como uma estrela do mar”, pensou Alice. A coitadinha estava bufando como uma máquina a vapor quando ela o pegou, e continuou se dobrando e se endireitando novamente, de modo que, no total, durante o primeiro minuto ou dois, foi o máximo que ela pôde fazer para segurá-lo.

Assim que ela descobriu a maneira correta de cuidar dele (que era torcê-lo em uma espécie de nó, e depois segurar firmemente sua orelha direita e pé esquerdo, para evitar que ele se desfizesse), ela levou-o ao ar

livre. “Se eu não levar essa criança comigo”, pensou Alice, “com certeza eles a matarão em um ou dois dias, não seria um assassinato deixá-la para trás?” Ela disse as últimas palavras em voz alta, e a coisinha grunhiu em resposta (a essa altura já havia parado de espirrar). “Não resmungue”, disse Alice, “essa não é uma maneira adequada de se expressar.”

O bebê grunhiu novamente, e Alice olhou ansiosamente em seu rosto para ver qual era o problema com ele. Não havia dúvida de que tinha um nariz muito arrebitado, muito mais parecido com um focinho do que com um nariz de verdade, seus olhos estavam ficando extremamente pequenos para um bebê, no geral Alice não gostou nada da aparência da coisa. “Mas talvez estivesse apenas soluçando”, ela pensou, e olhou em seus olhos novamente, para ver se havia lágrimas.

Não, não houve lágrimas. “Se você vai virar um porco meu querido,” disse Alice, séria, “não terei mais nada a ver com você!.” O pobrezinho voltou a soluçar (ou grunhir, era impossível dizer), e eles continuaram em silêncio por algum tempo.

Alice estava começando a pensar consigo mesma, “Agora, o que vou fazer com essa criatura quando chegar em casa?” quando ele grunhiu de novo, tão violentamente, que ela olhou para baixo em seu rosto com algum alarme. Desta vez não podia haver engano, não era nem mais nem menos do que um porco, e ela sentiu que seria um absurdo levá-lo adiante.

Então ela colocou a pequena criatura no chão e se sentiu bastante aliviada ao vê-la trotar silenciosamente para dentro da floresta. “Se tivesse crescido”, disse para si mesma, “daria uma criança terrivelmente feia, mas é um porco bastante bonito, eu acho”. E ela começou a pensar em outras crianças que ela conhecia, que poderiam se dar muito bem como porcos, e estava apenas dizendo para si mesma, “se alguém soubesse a maneira certa de mudá-las...” quando ela ficou um pouco assustada ao ver o Gato de Cheshire sentado em um galho de uma árvore a alguns metros de distância.

O Gato apenas sorriu quando viu Alice. Parecia bem-humorado, ela pensou, tinha garras muito longas e muitos dentes, então ela sentiu que deveria ser tratado com respeito.

"Gatinho de Cheshire", começou ela, um tanto tímida, pois não sabia se ele gostaria do nome, no entanto, apenas sorriu um pouco mais. "Bom, até agora parece satisfeito", pensou Alice, e continuou. "Você poderia me dizer, por favor, que caminho devo seguir a partir daqui?"

"Isso depende muito de onde você quer chegar", disse o Gato.

"Eu não me importo muito onde..." disse Alice.

"Então não importa para onde você vá", disse o Gato.

"...desde que eu chegue a algum lugar," Alice adicionou como uma explicação.

"Ah, você com certeza fará isso", disse o Gato, "se você caminhar o suficiente."

Alice sentiu que isso não podia ser negado, então ela tentou outra pergunta. "Que tipo de gente vive aqui?"

"Naquela direção", disse o Gato, acenando com a pata direita, "vive um Chapeleiro, e naquela direção", acenando com a outra pata, "vive uma Lebre de Março. Visite o que você quiser, ambos são loucos."

"Mas eu não quero andar entre pessoas loucas," Alice comentou.

"Ah, você não pode evitar isso", disse o Gato, "nós somos todos loucos aqui. Eu sou louco. Você é louca."

"Como você sabe que eu sou louca?" disse Alice.

"Você deve ser", disse o Gato, "ou não teria vindo aqui."

Alice achava que isso não provava nada, no entanto, ela continuou "E como você sabe está louco?"

"Para começar", disse o Gato, "um cachorro não é louco. Você concede isso?"

"Acho que sim", disse Alice.

"Bem, então," o Gato continuou, "veja, um cachorro rosna quando está com raiva, e abana o rabo quando está satisfeito. Agora eu rosno quando

estou satisfeito e abano o rabo quando estou com raiva. Portanto, estou louco.”

“ Eu chamo isso de ronronar, não de rosnar,” disse Alice.

“Chame como quiser”, disse o Gato. "Você irá jogar cróquete com a rainha hoje?"

“Gostaria muito”, disse Alice, “mas ainda não fui convidada.”

“Você vai me ver lá”, disse o Gato, e desapareceu.

Alice não estava muito surpresa com isso, ela estava ficando tão acostumada com coisas estranhas acontecendo. Enquanto estava olhando para o lugar onde estava, de repente apareceu novamente.



"Adeus, o que aconteceu com o bebê?" disse o Gato. "Quase me esqueci de perguntar."

"Ele se transformou em um porco", disse Alice calmamente, como se tivesse voltado de uma forma natural.

"Imaginei que sim", disse o Gato, e desapareceu novamente.

Alice esperou um pouco, meio esperando vê-lo novamente, mas ele não apareceu, e depois de um minuto ou dois ela caminhou na direção em

que se dizia que a Lebre de Março vivia. “Já vi chapeleiros antes”, disse para si mesma, “a Lebre de Março será muito mais interessante, e talvez, como estamos em maio, não seja uma loucura delirante, pelo menos não tão louca quanto em março.” Ao dizer isso, ela olhou para cima e lá estava o Gato novamente, sentado em um galho de uma árvore.

“Você disse porco ou figo?” disse o Gato.

“Eu disse porco”, respondeu Alice, “e eu gostaria que você não continuasse aparecendo e desaparecendo tão de repente, você me deixa tonta.”

“Tudo bem”, disse o Gato, e desta vez desapareceu bem devagar, começando com a ponta da cauda e terminando com o sorriso, que permaneceu algum tempo depois que o resto se foi.

“Bem! Muitas vezes vi um gato sem sorriso”, pensou Alice, “mas um sorriso sem um gato! É a coisa mais curiosa que já vi na minha vida!”

Não tinha ido muito longe antes de avistar a casa da Lebre de Março, pensou que devia ser a casa certa, porque as chaminés eram em forma de orelhas e o telhado era de palha. Era uma casa tão grande que ela não gostou de se aproximar até ter mordiscado um pouco mais do pedaço de cogumelo da mão esquerda e se ergueu a cerca de sessenta centímetros de altura, mesmo assim, ela caminhou até ela timidamente, dizendo a si mesma “Suponho estar delirando! Eu quase gostaria de ter ido ver o Chapeleiro em vez disso!”



ma louca festa de chá

Havia uma mesa posta debaixo de uma árvore em frente à casa, e a Lebre de Março e o Chapeleiro tomavam chá, um Arganaz estava sentado entre eles, dormindo profundamente, e os outros dois a usavam como almofada, descansando seus cotovelos sobre ele, e falando sobre sua cabeça. “Muito desconfortável para o Ratinho”, pensou Alice, “só que, como está adormecido, suponho que não se importe.”

A mesa era grande, mas os três estavam todos amontoados em um canto dela, “Sem espaço! Sem espaço!” eles gritaram quando viram Alice chegando. “Há muito espaço!” disse Alice indignada, e ela se sentou em uma grande poltrona em uma ponta da mesa.

“Tome um pouco de vinho,” a Lebre de Março disse em um tom encorajador.

Alice olhou ao redor da mesa, mas não havia nada além de chá. “Eu não vejo nenhum vinho,” ela comentou.

“Não há nenhum”, disse a Lebre de Março.

“Então não foi muito educado da sua parte oferecer isso,” disse Alice com raiva.

“Não foi muito educado você se sentar sem ser convidada”, disse a Lebre de Março.

“Eu não sabia que era sua a mesa,” disse Alice, “E além do mais, cabe muito mais do que três.”

“Seu cabelo precisa ser cortado”, disse o Chapeleiro. Ele estava olhando para Alice há algum tempo com grande curiosidade, e este era sua primeira declaração.

“Você deveria aprender a não fazer comentários pessoais,” Alice disse com alguma severidade, “é muito rude.”

O Chapeleiro arregalou os olhos ao ouvir isso, mas tudo o que ele disse foi, “Qual a semelhança entre um corvo é como uma escrivanhinha?”

“Bem, vamos nos divertir agora!” pensou Alice. “Estou feliz que eles começaram a fazer enigmas. “eu acredito que posso adivinhar isso,” ela acrescentou em voz alta.

"Você quer dizer que você acha que pode descobrir a resposta para isso?" disse a Lebre de Março.

"Exatamente", disse Alice.

"Então você deveria dizer o que quer dizer," a Lebre de Março continuou.

"Sim," Alice respondeu apressadamente, "pelo menos...pelo menos eu quero dizer o que digo...é a mesma coisa, você sabe."

"Não é nem um pouco a mesma coisa!" disse o Chapeleiro. "Você pode dizer que 'eu vejo o que eu como' é a mesma coisa que 'eu como o que eu vejo'!"

"Você pode muito bem dizer", acrescentou a Lebre de Março, "que 'gosto do que consigo' é a mesma coisa que consigo o que gosto'!"

"Você pode muito bem dizer", acrescentou o Arganaz, que parecia estar falando durante o sono, "que 'eu respiro quando durmo' é a mesma coisa que 'eu durmo quando respiro'!"

"É a mesma coisa com você", disse o Chapeleiro, e aqui a conversa se acalmou, e a festa ficou em silêncio por um minuto, enquanto Alice pensava em tudo o que conseguia lembrar sobre corvos e escrivainhas, o que não era muito.

O Chapeleiro foi o primeiro a quebrar o silêncio. "Que dia do mês é hoje?" disse ele, virando-se para Alice, tinha tirado o relógio do bolso e olhava para ele inquieto, sacudindo-o de vez em quando e levando-o ao ouvido.

Alice pensou um pouco, e então disse "Quarta-feira".

"Dois dias errados!" suspirou o Chapeleiro. "Eu disse que a manteiga não serviria para as obras!" Ele acrescentou olhando com raiva para a Lebre de Março.

"Era a melhor manteiga", respondeu a Lebre de Março humildemente.

"Sim, mas algumas migalhas também devem ter entrado", resmungou o Chapeleiro, "você não deveria ter passado a faca de pão."

A Lebre de Março pegou o relógio e olhou para ele com tristeza, então ele o mergulhou em sua xícara de chá e olhou para ele novamente, mas ele

não conseguiu pensar em nada melhor para dizer do que sua primeira observação, “Era a melhor manteiga, você sabe.”

Alice estava olhando por cima do ombro dele com alguma curiosidade. “Que relógio engraçado!” ela comentou. “Diz o dia do mês e não diz que horas são!”

“Por que deveria?” murmurou o Chapeleiro. “ Seu relógio diz que ano estamos?”

“Claro que não”, Alice respondeu prontamente, “mas é porque permanece o mesmo ano por tanto tempo.”

“Que é exatamente o caso do meu ”, disse o Chapeleiro.

Alice sentiu-se terrivelmente confusa. A observação do Chapeleiro parecia não ter nenhum significado, e no entanto, era certamente português. “Eu não entendo muito você,” ela disse tão educadamente quanto ela podia.

“O Arganaz está dormindo de novo”, disse o Chapeleiro, e derramou um pouco de chá quente em seu nariz.

O Arganaz balançou a cabeça impacientemente e disse, sem abrir os olhos, “Claro, claro, exatamente o que eu ia observar.”

“Você já adivinhou o enigma?” o Chapeleiro disse, virando-se para Alice novamente.

“Não, eu desisto”, Alice respondeu, “qual é a resposta?”

“Não faço a menor ideia”, disse o Chapeleiro.

“Nem eu”, disse a Lebre de Março.

Alice suspirou cansada. “Acho que você pode fazer algo melhor com o tempo”, disse ela, “do que desperdiçá-lo fazendo enigmas que não têm respostas.”

“Se você conhecesse o Tempo tão bem quanto eu”, disse o Chapeleiro, “não falaria em desperdiçá -lo.”

“Eu não sei o que você quer dizer,” disse Alice.

“Claro que não!” disse o Chapeleiro, balançando a cabeça com desprezo. “Atrevo-me a dizer que você nunca falou com o Tempo!”

“Talvez não”, Alice respondeu cautelosamente, “mas eu sei que tenho que bater o tempo enquanto aprendo música.”

“Ah! isso explica”, disse o Chapeleiro. “Ele não vai gostar de apanhar. Agora, se você apenas mantivesse um bom relacionamento com ele, ele faria quase tudo que você quisesse com o relógio. Por exemplo, suponha que fossem nove horas da manhã, apenas hora de começar as aulas, você só teria que sussurrar uma dica para o Tempo, e o relógio gira em um piscar de olhos! Uma e meia, hora do jantar!”

(“Eu só queria que fosse”, disse a Lebre de Março para si mesma em um sussurro.)

“Isso seria ótimo, certamente,” disse Alice pensativa, “mas então...eu não iria ficar com fome?.”

“A princípio não, talvez”, disse o Chapeleiro, “mas você pode ficar em uma e meia o tempo que quiser.”

“É assim que você administra?” Alice perguntou.

O Chapeleiro balançou a cabeça tristemente. “Eu não!” ele respondeu. “Nós brigamos em março passado, pouco antes de ele enlouquecer, você sabe” (apontando com sua colher de chá para a Lebre de Março) “foi no grande concerto dado pela Rainha de Copas, e eu tive que cantar:

“‘Brilha, brilha, morceguinho!
O que você está fazendo?’

Você conhece a música, talvez?”

“Já ouvi algo parecido,” disse Alice.

“Continue, você sabe,” o Chapeleiro continuou, “desse jeito:

'Acima do mundo você voa,
Como uma bandeja de chá no céu.
Brilha Brilha”

Aqui o Arganaz se sacudiu e começou a cantar em seu sono “ Twinkle, twinkle, twinkle ...” e continuou por tanto tempo que eles tiveram que beliscá-lo para fazê-lo parar.

“Bem, eu mal tinha terminado o primeiro verso”, disse o Chapeleiro, “quando a Rainha deu um pulo e gritou: 'Ele está matando o tempo! Cortem a cabeça dele!’”

“Que terrivelmente selvagem!” exclamou Alice.

“E desde então,” o Chapeleiro continuou em um tom pesaroso, “ele não faz nada do que eu peço! São sempre seis horas agora.”

Uma ideia brilhante veio à cabeça de Alice. “É por isso que tantas coisas de chá estão colocadas aqui?” ela perguntou.

“Sim, é isso”, disse o Chapeleiro com um suspiro, “sempre é hora do chá, e não temos tempo para lavar as coisas entre os tempos.”

“Então você continua se movendo de lugar pela mesa, suponho?” disse Alice.

“Exatamente”, disse o Chapeleiro, “à medida que as coisas vão se esgotando”.

“Mas o que acontece quando você volta ao início?” Alice aventurou-se a perguntar.

“Suponha que mudemos de assunto,” a Lebre de Março interrompeu, bocejando. “Estou ficando cansado disso. Eu voto que a jovem nos conta uma história.”

“Acho que não conheço nenhuma”, disse Alice, bastante alarmada com a proposta.

“Então o Arganaz deve!” ambos disseram. “Acorde, Cachorro!” E eles beliscaram dos dois lados de uma vez.

O Arganaz lentamente abriu os olhos. “Eu não estava dormindo”, ele disse com uma voz rouca e fraca, “Eu ouvi cada palavra que vocês estavam dizendo.”

“Conte-nos uma história!” disse a Lebre de Março.

“Sim por favor!” suplicou Alice.

“E seja rápido”, acrescentou o Chapeleiro, “ou você vai dormir de novo antes que acabe.”

“Era uma vez três irmãzinhas”, começou o Arganaz com muita pressa, “e seus nomes eram Elsie, Lacie e Tillie, elas viviam no fundo de um poço...”

“Do que elas viviam?” disse Alice, que sempre se interessou muito por questões de comer e beber.

“Elas viviam de melado”, disse o Arganaz, depois de pensar um minuto ou dois.

“Elas não poderiam fazer isso, você sabe,” Alice gentilmente comentou, “elas estariam doentes”.

“Então elas eram,” disse o Arganaz, “ muito doentes”.

Alice tentou imaginar como seria um modo de vida tão extraordinário, mas isso a intrigou demais, então ela continuou, “Mas por que elas moravam no fundo de um poço?”

“Tome mais chá”, disse a Lebre de Março a Alice, muito seriamente.

“Ainda não tomei nada”, Alice respondeu em tom ofendido, “não tem como tomar *mais*.”

“Você quer dizer que não pode tomar menos ”, disse o Chapeleiro, “é muito fácil tomar mais, quando não se tomou nada.”

“Ninguém pediu sua opinião”, disse Alice.

“Quem está fazendo comentários pessoais agora?” o Chapeleiro perguntou triunfante.

Alice não sabia bem o que dizer a isso, então ela se serviu de um pouco de chá e pão com manteiga, e então virou-se para o Arganaz e repetiu sua pergunta. “Por que elas moravam no fundo de um poço?”

O Arganaz novamente levou um minuto ou dois para pensar sobre isso, e então disse, “Era um poço de melado”.

“Não existe tal coisa!” Alice estava começando a ficar com muita raiva, mas o Chapeleiro e a Lebre de Março fizeram “Sh! sh!” e o Arganaz comentou amuado, “Se você não pode ser civilizada, é melhor terminar a história você mesma.”

“Não, por favor, continue!” Alice disse muito humildemente, “Eu não vou interromper novamente. Atrevo-me a dizer que pode haver um .”

“Um, de fato!” disse o Arganaz indignado. No entanto, ele consentiu em continuar. “E então essas três irmãzinhas...elas estavam aprendendo a desenhar.”

“O que elas desenhavam?” disse Alice, completamente esquecendo sua promessa.

“Melado,” disse o Arganaz, sem nem pensar.

“Quero uma xícara limpa”, interrompeu o Chapeleiro, “vamos todos passar para outro lugar.”

Ele seguiu em frente enquanto falava, e o Arganaz o seguiu, a Lebre de Março mudou-se para o lugar do Arganaz, e Alice tomou o lugar da Lebre de Março, um tanto a contragosto. O Chapeleiro foi o único que tirou alguma vantagem da mudança, e Alice estava bem pior do que antes, pois a Lebre de Março acabara de virar a jarra de leite em seu prato.

Alice não queria ofender o Arganaz novamente, então começou muito cautelosamente, “Mas eu não entendo. De onde elas tiraram o melado?”

“Você pode tirar água de um poço de água”, disse o Chapeleiro, “então eu acho que você poderia tirar melado de um poço de melado, parece estúpido assim?”

“Mas elas estavam no poço,” Alice disse ao Arganaz, não escolhendo notar esta última observação.

“Claro que sim”, disse o Arganaz, “bem dentro.”

Essa resposta confundiu tanto a pobre Alice, que ela deixou o Arganaz continuar por algum tempo sem interrompê-lo.

“Elas estavam aprendendo a desenhar”, continuou o Arganaz, bocejando e esfregando os olhos, pois estava ficando com muito sono, “e elas desenhavam todo tipo de coisas, tudo que começa com um M...”

“Por que com um M?” disse Alice.

“Por que não?” disse a Lebre de Março.

Alice ficou em silêncio.

A essa altura, o Arganaz havia fechado os olhos e estava cochilando, mas, ao ser beliscado pelo Chapeleiro, acordou de novo com um gritinho e continuou, "...que começa com um M, como o mar, e metade da lua, e memória, e muito mais, você sabe o que dizem, sobre muito mais", você já viu um desenho de muito mais?

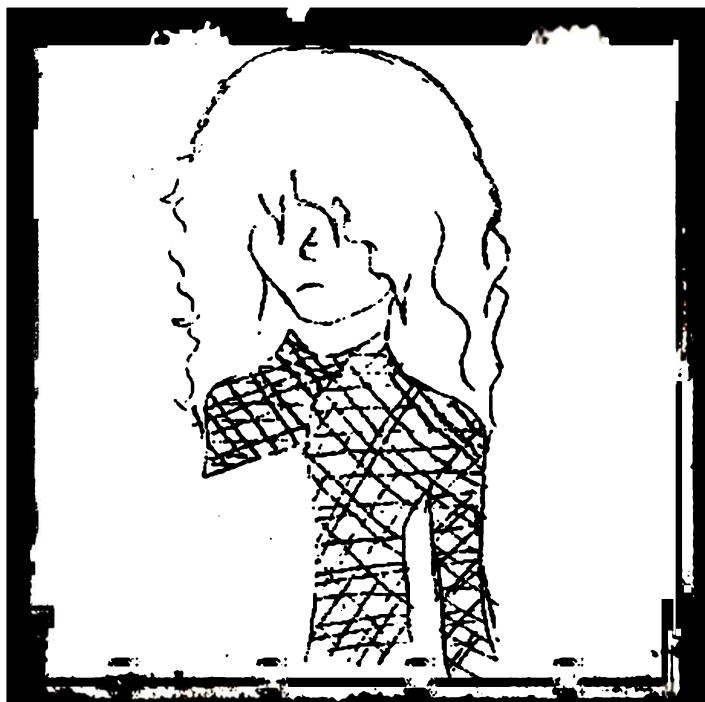
"Realmente, agora que você me pergunta," disse Alice, muito confusa, "eu não acho que..."

"Então você não deveria falar," disse o Chapeleiro.

Essa grosseria foi mais do que Alice podia suportar, ela se levantou com grande desgosto e foi embora, o Arganaz adormeceu instantaneamente, e nenhum dos outros deu a menor atenção à sua partida, embora ela tenha olhado para trás uma ou duas vezes, meio esperando que eles a chamassem, a última vez que os viu, eles estavam tentando colocar o Arganaz no bule de chá.

"De qualquer forma, nunca mais vou lá!" disse Alice enquanto abria caminho pela floresta. "É a festa do chá mais estúpida que eu já participei em toda a minha vida!"

Assim que ela disse isso, ela notou que uma das árvores tinha uma porta. "Isso é muito curioso!" ela pensou. "Mas tudo está curioso hoje. Acho que posso entrar imediatamente. E ela entrou.



Mais uma vez ela se viu no longo corredor, e perto da mesinha de vidro. “Vou me virar melhor desta vez”, disse ela para si mesma, e começou pegando a pequena chave de ouro e destrancando a porta que dava para o jardim. Então ela começou a mordiscar o cogumelo (ela havia guardado um pedaço dele no bolso) até atingir cerca de um pé de altura, então ela caminhou pelo pequeno corredor, e então...ela finalmente se encontrou no lindo jardim, entre os canteiros de flores brilhantes e as fontes frescas.



ampo de cróquete da rainha

Uma grande roseira estava perto da entrada do jardim, as rosas que cresciam nela eram brancas, mas havia três jardineiros, ocupados em

pintá-las de vermelho. Alice achou isso uma coisa muito curiosa, e se aproximou para observá-los, e assim que se aproximou deles ouviu um deles dizer, “Cuidado agora, Cinco! Não vá espirrar tinta em mim desse jeito!”

"Eu não pude evitar", disse Cinco, em tom amuado, "Sete mexeu no meu cotovelo."

Sete olhou para cima e disse, "Isso mesmo, Cinco! Sempre coloque a culpa nos outros!"

"É melhor você não reclamar!" disse Cinco. "Eu ouvi a Rainha dizer ontem que você merecia ser decapitado!"

"Pelo que?" disse o que tinha falado primeiro.

"Isso não é da sua conta, Dois!" disse Sete.

"Sim, é assunto dele!" disse Cinco, "e eu vou dizer a ele, foi por trazer ao cozinheiro raízes de tulipa em vez de cebolas."

Sete largou o pincel "Bem, de todas as coisas injustas..." quando seus olhos caíram sobre Alice, enquanto ela os observava, e ele se conteve de repente, os outros olharam em volta também, e todos de eles se curvaram.

"Você poderia me dizer", disse Alice, um pouco tímida, "por que você está pintando essas rosas?"

Cinco e Sete não disseram nada, mas olharam para Dois. Dois começou em voz baixa, "Ora, o fato é senhorita, esta aqui deveria ter sido uma roseira vermelha, e nós plantamos uma branca por engano, e se a Rainha descobrisse, todos nós devemos ter nossas cabeças cortadas. Então, senhorita, estamos fazendo o nosso melhor, antes que ela venha, para..." Nesse momento Cinco, que estava olhando ansiosamente para o jardim, gritou, "A Rainha! A rainha!" e os três jardineiros imediatamente se jogaram de cara no chão. Houve o som de muitos passos, e Alice olhou em volta, ansiosa para ver a Rainha.

Primeiro vieram dez soldados carregando porretes, todos tinham a forma dos três jardineiros, oblongos e chatos, com as mãos e os pés nos cantos, depois os dez cortesãos, estes eram todo enfeitados com diamantes, e andavam dois a dois, como faziam os soldados. Depois destes vieram os

filhos reais, eram dez, e os queridinhos vinham pulando alegremente de mãos dadas, aos pares, todos enfeitados com corações. Em seguida vieram os convidados, na maioria reis e rainhas, e entre eles Alice reconheceu o Coelho Branco, ele falava de maneira nervosa e apressada, sorrindo para tudo o que era dito, e passou sem notá-la. Em seguida, seguiu o Valete de Copas, carregando a coroa do Rei em uma almofada de veludo carmesim, e por último de toda esta grande procissão, veio O REI E A RAINHA DE COPAS.

Alice estava em dúvida se não deveria se deitar de bruços como os três jardineiros, mas não se lembrava de ter ouvido falar de tal regra nas procissões, “e, além disso, do que se tratava aquela procissão”, pensou ela, “e se as pessoas tivessem que se deitar de bruços para não ver?” Então ela ficou parada onde estava e esperou.

Quando a procissão veio em frente a Alice, todos eles pararam e olharam para ela, e a Rainha disse severamente “Quem é esta?” Ela disse isso ao Valete de Copas, que apenas se curvou e sorriu em resposta.

"Idiota!" disse a Rainha, balançando a cabeça com impaciência, e, virando-se para Alice, ela continuou, "Qual é o seu nome, criança?"

“Meu nome é Alice, Sua Majestade,” disse Alice muito educadamente, mas acrescentou, para si mesma, “Ora, eles são apenas um baralho de cartas, afinal, eu não preciso ter medo deles!”

“E quem são esses? disse a Rainha, apontando para os três jardineiros que estavam deitados ao redor da roseira, como eles estavam deitados de bruços, e o padrão em suas costas era o mesmo que o resto do bando, ela não sabia dizer se eram jardineiros, soldados, cortesãos ou três de seus próprios filhos.

“Como devo saber?” disse Alice, surpresa com sua própria coragem. “Não é da minha conta.”

A rainha ficou vermelha de fúria, e depois de olhar para ela por um momento como uma fera selvagem, gritou “Cortem a cabeça dela!”

"Absurdo!" disse Alice, muito alto e decididamente, e a Rainha ficou em silêncio.

O rei colocou a mão em seu braço e timidamente disse, “Considere, minha querida, ela é apenas uma criança!”

A Rainha virou-se furiosamente para longe dele e disse ao Valete, “Vire-os!”

O Valete fez isso, com muito cuidado, com um pé.

“Levantem-se!” disse a Rainha, em voz alta e estridente, e os três jardineiros instantaneamente pularam e começaram a se curvar para o Rei, a Rainha, as crianças reais e todos os outros.

“O que é isso?!” gritou a Rainha. “Me deixa tonta.” E então, virando-se para a roseira, ela continuou, “O que vocês tem feito aqui?”

“Que agrade a Vossa Majestade”, disse Dois, em um tom muito humilde, ajoelhando-se enquanto falava, “nós estávamos tentando...”

“ Entendo!” disse a Rainha, que enquanto isso examinava as rosas. “Cortem a cabeça deles!” e a procissão continuou, três dos soldados ficaram para trás para executar os desafortunados jardineiros, que correram para Alice em busca de proteção.

“Vocês não serão decapitados!” disse Alice, e ela os colocou em um grande vaso de flores que estava perto. Os três soldados vagaram por um minuto ou dois, procurando por eles, e então marcharam silenciosamente atrás dos outros.

“As cabeças deles foram cortadas?” gritou a rainha.

“Desapareceram, Vossa Majestade!” Os soldados gritaram em resposta.

“Isso mesmo!” gritou a rainha. “Você sabe jogar cróquete?”

Os soldados ficaram em silêncio e olharam para Alice, pois a pergunta era evidentemente dirigida a ela.

“Sim!” gritou Alice.

“Venha, então!” rugiu a Rainha, e Alice juntou-se à procissão, imaginando o que aconteceria a seguir.

“É...é um dia muito bom!” disse uma voz tímida ao seu lado. Ela estava passando pelo Coelho Branco, que olhava ansiosamente em seu rosto.

“Muito”, disse Alice, “-onde está a Duquesa?”

"Silêncio! Silêncio!" disse o Coelho em um tom baixo e apressado. Ele olhou ansiosamente por cima do ombro enquanto falava, e então ficou na ponta dos pés, colocou a boca perto do ouvido dela e sussurrou, “Ela está sob sentença de execução”.

"Pelo que?" disse Alice.

"Você disse 'Que pena!'" perguntou o Coelho.

“Não, não disse”, disse Alice. “Não acho que seja uma pena. Eu disse 'Pelo o que?'"

“Ela deu um soco nas orelhas da Rainha...” disse o Coelho. Alice deu um pequeno grito de riso. “Ah, silêncio!” o Coelho sussurrou em um tom assustado. “A Rainha vai te ouvir! Veja bem, ela chegou bem tarde, e a Rainha disse...”

“Cheguem aos vossos lugares!” gritou a Rainha com uma voz de trovão, e as pessoas começaram a correr em todas as direções, tropeçando umas nas outras, no entanto, eles se acalmaram em um minuto ou dois, e o jogo começou. Alice pensou que nunca tinha visto um campo de cróquete tão curioso em sua vida, era tudo cumes e sulcos, as bolas eram ouriços vivos, as marretas, flamingos, e os soldados tinham que se dobrar e ficar de pé, para fazer os arcos.

A principal dificuldade que Alice encontrou no início foi em lidar com seu flamingo, ela conseguiu enfiar o corpo dele confortavelmente, debaixo do braço, com as pernas penduradas, mas geralmente quando ia dar um golpe com a cabeça no ouriço, ele torcia o pescoço e olhava para o rosto dela, com uma expressão tão perplexa que ela não pôde deixar de cair na gargalhada, e quando ela baixou a cabeça e ia começar de novo, foi muito provocador descobrir que o ouriço desenrolou-se e engatinhava pelo campo, além de tudo isso, havia geralmente um cume ou sulco no caminho para onde ela queria mandar o ouriço e, como os soldados dobrados estavam sempre se levantando e indo embora para outras partes do terreno, Alice logo chegou à conclusão de que era um jogo muito difícil mesmo.

Os jogadores jogavam todos ao mesmo tempo sem esperar turnos, brigando o tempo todo e brigando pelos ouriços, e em muito pouco tempo a rainha estava furiosa e saiu batendo os pés e gritando “Cortem a cabeça dele!” ou “Cortem a cabeça dela!” cerca de uma vez por minuto.

Alice começou a se sentir muito desconfortável, com certeza ela ainda não havia brigado com a rainha, mas sabia que isso poderia acontecer a qualquer momento, “e então”, pensou ela, “o que seria de mim? Eles gostam terrivelmente de decapitar pessoas aqui, a grande maravilha é que ainda haja alguém vivo!”

Ela estava procurando uma maneira de escapar e se perguntando se poderia escapar sem ser vista, quando notou uma aparência curiosa no ar, a princípio a intrigou muito, mas depois de observá-la por um minuto ou dois, ela percebeu ser um sorriso e disse a si mesma, “É o Gato de Cheshire, agora vou ter alguém com quem conversar”.

“Como você está indo?” disse o Gato, assim que havia boca suficiente para ele falar.

Alice esperou até que os olhos aparecessem, e então assentiu. “Não adianta falar com ele”, pensou ela, “até que os ouvidos cheguem, ou pelo menos um deles.” Em um minuto a cabeça inteira apareceu, e então Alice largou seu flamingo, e começou um relato do jogo, sentindo-se muito feliz por ter alguém para ouvi-la. O Gato parecia pensar que já havia o suficiente à vista, e nada mais apareceu.

“Acho que eles não jogam de maneira justa”, começou Alice, em tom um tanto queixoso, “e todos brigam tão terrivelmente que não se pode ouvir a si mesmo falar, e eles não parecem ter nenhuma regra em particular, pelo menos, se houver, ninguém segue, e você não tem ideia de como é confuso todas as coisas estarem vivas, por exemplo, há o arco pelo qual tenho que passar que está andando na outra extremidade do terreno, e eu deveria ter acertado o ouriço da rainha agora, só que ele fugiu quando viu o meu chegando!”

“Você gosta da Rainha?” disse o Gato em voz baixa.

“Nem um pouco,” disse Alice, “ela é tão extremamente...” Só então ela notou que a Rainha estava bem atrás dela, escutando então ela continuou “boa nesse jogo”.

A rainha sorriu e passou.

“Com quem você está falando?” disse o Rei, aproximando-se de Alice, e olhando para a cabeça do Gato com grande curiosidade.

“É um amigo meu...um gato de Cheshire”, disse Alice, “permita-me apresentá-lo.”

“Não gosto nada disso”, disse o rei, “mas pode beijar minha mão se quiser.”

“Prefiro não”, comentou o Gato.

“Não seja impertinente”, disse o Rei, “e não me olhe assim!” Ele ficou atrás de Alice enquanto falava.

“Um gato pode olhar para um rei”, disse Alice. “Eu li isso em algum livro, mas não me lembro onde.”

“Bem, deve ser removido”, disse o Rei muito decididamente, e chamou a Rainha, que estava passando no momento, “Minha querida! Eu gostaria que você removesse esse gato!”

A Rainha só tinha uma maneira de resolver todas as dificuldades, grandes ou pequenas. “Cortem a cabeça dele!” ela disse, sem sequer olhar em volta.

“Eu mesmo vou buscar o carrasco”, disse o rei ansiosamente, e ele se apressou.

Alice achou que poderia voltar e ver como estava o jogo, enquanto ouvia a voz da Rainha ao longe, gritando de paixão. Ela já tinha ouvido a sentença de três jogadores para serem executados por terem perdido seus turnos, e ela não gostou nada da aparência das coisas, pois o jogo estava tão confuso que ela nunca sabia se era sua vez ou não. Então ela foi em busca de seu ouriço.

O ouriço estava brigando com outro ouriço, o que parecia a Alice uma excelente oportunidade para fazer cróquete um com o outro, a única

dificuldade era que seu flamingo tinha ido para o outro lado do jardim, onde Alice podia ver tentando de uma maneira impotente voar para cima de uma árvore.

No momento em que ela pegou o flamingo e o trouxe de volta, a luta acabou e os dois ouriços estavam fora de vista, “mas não importa muito”, pensou Alice, “já que todos os arcos desapareceram deste lado do solo.” Então ela o guardou debaixo do braço, para que não escapasse novamente, e voltou para conversar um pouco mais com o amigo.

Quando ela voltou para o Gato de Cheshire, ela ficou surpresa ao encontrar uma grande multidão reunida em torno dele, havia uma disputa entre o Carrasco, o Rei e a Rainha, que estavam todos falando ao mesmo tempo, enquanto todos os outros estavam bastante silenciosos e pareciam muito desconfortáveis.

No momento em que Alice apareceu, os três apelaram para que ela resolvesse a questão, e eles repetiram seus argumentos para ela, embora, como todos falassem ao mesmo tempo, e ela tenha achado muito difícil entender exatamente o que eles disseram.

O argumento do carrasco era que você não poderia cortar uma cabeça a menos que houvesse um corpo para cortá-la, que ele nunca teve que fazer tal coisa antes, e ele não iria começar nesse momento da vida.

O argumento do Rei era que qualquer coisa que tivesse cabeça poderia ser decapitada e que não se deveria falar bobagem.

O argumento da Rainha era que, se algo não fosse feito a respeito em pouco tempo, ela mandaria executar todos, em todos os lugares. (Foi essa última observação que fez toda a festa parecer tão séria e ansiosa).

Alice não conseguia pensar em mais nada para dizer a não ser “Pertence à Duquesa, é melhor você perguntar a ela sobre isso.”

“Ela está na prisão”, disse a Rainha ao Carrasco, “traga-a aqui.” E o Carrasco disparou como uma flecha.

A cabeça do Gato começou a desaparecer no momento em que ele se foi, e quando voltou com a Duquesa, havia desaparecido completamente,

então o Rei e o Carrasco correram loucamente para cima e para baixo procurando por ele, enquanto o resto do grupo voltou para o jogo.



História da Tartaruga Falsa

"Você não pode imaginar como estou feliz em vê-la novamente querida!" disse a Duquesa, enquanto enfiava seu braço carinhosamente no de Alice, e elas se afastavam juntas.

Alice ficou muito feliz por encontrá-la com um temperamento tão agradável e pensou consigo mesma que talvez fosse apenas a pimenta que a tornara tão selvagem quando se encontraram na cozinha.

"Quando eu for uma duquesa," ela disse para si mesma (embora não em um tom muito esperançoso), "eu não vou ter pimenta na minha cozinha. Sopa fica muito bem sem, talvez seja sempre pimenta que deixa as pessoas irascíveis, continuou ela, muito satisfeita por ter descoberto um novo tipo de ideia, e vinagre que as torna azedas, e camomila que as torna amargas, e...e açúcar de cevada tornam as crianças com temperamento doce. Eu só gostaria que as pessoas soubessem disso, então, bem, eles não seriam tão mesquinhos sobre isso..."

Ela já havia esquecido a Duquesa a essa altura e ficou um pouco assustada quando ouviu sua voz perto de seu ouvido. "Você está pensando em alguma coisa, minha querida, e isso faz você esquecer de falar. Não posso dizer agora qual é a moral disso, mas vou me lembrar daqui a pouco."

"Talvez não tenha uma", Alice arriscou-se a comentar.

“Puft, puft, criança!” disse a Duquesa. “Tudo tem uma moral, se você souber encontrá-la.” E ela se apertou mais perto de Alice enquanto falava.

Alice não gostava muito de ficar tão perto dela, primeiro porque a Duquesa era muito feia, e em segundo lugar, porque ela tinha exatamente a altura certa para apoiar o queixo no ombro de Alice, e era um queixo desconfortavelmente pontudo. No entanto, ela não gostava de ser rude, então ela suportou isso o melhor que pôde.

“O jogo está indo bem melhor agora”, disse ela, para manter um pouco a conversa.

“Sim”, disse a Duquesa, “e a moral disso é, ‘Oh, é o amor, é o amor, que faz o mundo girar!’”

“Alguém disse”, Alice sussurrou, “que o que faz isso, são todos cuidando de suas próprias vidas!”

“Ah bem! Significa quase a mesma coisa”, disse a Duquesa, enterrando seu queixo pontudo no ombro de Alice enquanto acrescentava, “e a moral disso é, ‘Cuide dos sentidos, e os sons cuidarão de si mesmos’”.

“Como ela gosta de encontrar moral nas coisas!” Alice pensou consigo mesma.

“Atrevo-me a dizer que você está se perguntando por que não coloco meu braço em volta de sua cintura”, disse a Duquesa após uma pausa, “a razão é que estou em dúvida sobre o temperamento de seu flamingo. Devo tentar?”

“Ele pode morder”, Alice respondeu cautelosamente, não se sentindo nem um pouco ansiosa para tentar o experimento.

“É verdade”, disse a Duquesa, “flamingos e mostarda mordem. E a moral disso é, ‘Pássaros da mesma plumagem voam juntos’”.

“Mostarda não é um pássaro”, comentou Alice.

“Certa, como sempre”, disse a Duquesa, “que maneira clara você tem de colocar as coisas!”

“É um mineral, eu acho ”, disse Alice.

“Claro que é”, disse a Duquesa, que parecia disposta a concordar com tudo o que Alice dizia, “há uma grande mina de mostarda aqui perto. E a moral disso é, 'Quanto mais há do meu, menos há do seu.'”

"Oh eu sei!" exclamou Alice, que não tinha prestado atenção a esta última observação, “é um vegetal. Não parece, mas é.”

“Concordo plenamente com você”, disse a Duquesa, “e a moral disso é, ‘Seja o que você parece ser’, ou se você preferir colocar de forma mais simples, ‘Nunca imagine que você não seja diferente do que pode parecer aos outros que o que você era ou poderia ser, ter sido não foi diferente do que você teria sido para eles parecer de outra forma.’”

“Acho que entenderia isso melhor”, Alice disse muito educadamente, “se eu tivesse escrito, mas não consigo seguir exatamente como você diz.”

“Isso não é nada perto do que eu poderia dizer,” a Duquesa respondeu, em um tom satisfeito.

“Por favor, não se preocupe em dizer isso por mais tempo do que já disse,” disse Alice.

“Ah, não fale sobre problemas!” disse a duquesa. “Eu te dou de presente tudo o que eu disse até agora.”

“Um tipo de presente barato!” pensou Alice. “Estou feliz que eles não dão presentes de aniversário assim!” Mas ela não se atreveu a dizer isso em voz alta.

“Pensando de novo?” A Duquesa perguntou, com outra covinha em seu queixo pontudo.

"Eu tenho o direito de pensar", disse Alice bruscamente, pois ela estava começando a se sentir um pouco preocupada.

“Tão certo”, disse a Duquesa, “como os porcos têm de voar, e eles...”

Mas aqui, para grande surpresa de Alice, a voz da Duquesa sumiu, mesmo no meio de sua palavra favorita "moral", e o braço que estava ligado ao dela começou a tremer. Alice olhou para cima, e lá estava a Rainha na frente deles, com os braços cruzados, franzindo a testa como uma tempestade.

“Um belo dia, Majestade!” A Duquesa começou com uma voz baixa e fraca.

“Agora, eu lhe dou um aviso justo”, gritou a Rainha, batendo no chão enquanto falava, “ou você ou sua cabeça devem desaparecer, e isso em pouco tempo! Faça sua escolha!”

A Duquesa fez sua escolha e se foi em um momento.

“Vamos continuar com o jogo”, disse a Rainha a Alice, e Alice estava muito assustada para dizer uma palavra, mas lentamente a seguiu de volta ao campo de crôquete.

Os outros convidados aproveitaram a ausência da rainha e descansavam à sombra, no entanto, assim que a viram, correram de volta para o jogo, a rainha apenas comentando que um momento de atraso lhes custaria a vida.

Durante todo o tempo em que eles estavam jogando, a Rainha nunca parava de brigar com os outros jogadores e gritar “Cortem a cabeça dele!” ou “Cortem a cabeça dela!” Aqueles que ela condenou foram levados sob custódia pelos soldados, que naturalmente tiveram que deixar de ser arcos para fazer isso, de modo que ao final de meia hora não havia mais arcos, e todos os jogadores, exceto o Rei, a Rainha e Alice, estavam sob custódia e sob sentença de execução.

Então a Rainha parou, quase sem fôlego, e disse a Alice, “Você já viu a Tartaruga Falsa?”

“Não”, disse Alice. “Eu nem sei o que é uma Tartaruga Falsa.”

“É a coisa de que é feita a Sopa de Tartaruga Falsa”, disse a Rainha.

“Eu nunca vi uma, ou ouvi falar de uma”, disse Alice.

“Vamos, então,” disse a Rainha, “e ela lhe contará sua história.”

Enquanto caminhavam juntos, Alice ouviu o Rei dizer em voz baixa, para a companhia em geral, “Vocês estão todos perdoados”. “Bom, isso é uma coisa boa!” disse a si mesma, pois se sentira bastante infeliz com o número de execuções que a rainha ordenara.

Eles logo encontraram um Grifo, dormindo profundamente ao sol. “Acorde, preguiçoso!” disse a Rainha, “e leve esta jovem para ver a Falsa Tartaruga e ouvir sua história. Devo voltar e ver algumas execuções que ordenei”, e ela foi embora, deixando Alice sozinha com o Grifo. Alice não gostou muito da aparência da criatura, mas no geral achou que seria tão seguro ficar com ela quanto ir atrás daquela rainha selvagem, então ela esperou.

O Grifo sentou-se e esfregou os olhos, depois observou a Rainha até ela sumir de vista, depois riu. “Que divertido!” disse o Grifo, metade para si mesmo, metade para Alice.

“Qual é a graça?” disse Alice.

“Ora, ela ,” disse o Grifo. “É tudo capricho dela, eles nunca executam ninguém. Vamos!”

“Todo mundo diz 'vamos!' aqui”, pensou Alice, indo lentamente atrás dele, “Nunca recebi tanta ordem em toda a minha vida, nunca!”

Eles não tinham ido muito longe quando viram a Tartaruga Falsa ao longe, sentada triste e solitária em uma pequena saliência de pedra, e quando se aproximaram, Alice pôde ouvi-la suspirar como se seu coração fosse quebrar. Ela sentiu pena profundamente. “Qual é a sua tristeza?” ela perguntou ao Grifo, e o Grifo respondeu, quase com as mesmas palavras de antes, “É tudo fantasia dela, ela não tem tristeza. Vamos!”

Então eles foram até a Tartaruga Falsa, que olhou para eles com grandes olhos cheios de lágrimas, mas não disse nada.

“Esta mocinha aqui ,” disse o Grifo, “ela quer conhecer sua história.”

“Vou dizer a ela”, disse a Tartaruga Falsa em um tom profundo e oco, “sentem-se vocês dois e não digam uma palavra até eu terminar.”

Então eles se sentaram e ninguém falou por alguns minutos. Alice pensou consigo mesma, “Não vejo como ela pode terminar, se não começar”. Mas ela esperou pacientemente.

“Uma vez”, por fim disse a Tartaruga Falsa, com um suspiro profundo, “eu fui uma Tartaruga de verdade.”

Essas palavras foram seguidas por um silêncio muito longo, quebrado apenas por uma exclamação ocasional de “Hjckrrh!” do Grifo, e os constantes soluços pesados da Tartaruga Falsa. Alice estava quase se levantando e dizendo, “Obrigada senhora, por sua história interessante”, mas ela não pôde deixar de pensar que deveria haver mais por vir, então ela ficou quieta e não disse nada.

“Quando éramos pequenos”, a Tartaruga Falsa continuou mais calma, embora ainda soluçando um pouco de vez em quando, “nós íamos para a escola no mar. O professor era uma velha Tartaruga, costumávamos chamá-lo de Jabuti...”

"Por que você o chamava de Jabuti, se ele não era um?" Alice perguntou.

“Nós o chamávamos de Jabuti porque ele nos ensinava”, disse a Tartaruga Falsa com raiva, “realmente você é muita chata!”

“Você deveria se envergonhar por fazer uma pergunta tão boba”, acrescentou o Grifo, e então os dois ficaram em silêncio e olharam para a pobre Alice, que se sentia pronta para afundar na terra. Por fim, o Grifo disse à Tartaruga Falsa, “Continue, minha velha! Não fique o dia todo com isso!” e prosseguiu com estas palavras.

“Sim, nós fomos para a escola no mar, embora você não acredite...”

"Eu nunca disse que não!" interrompeu Alice.

"Você fez", disse a Tartaruga Falsa.

"Segure sua língua!" acrescentou o Grifo, antes que Alice pudesse falar novamente. A Tartaruga Falsa continuou.

“Tínhamos a melhor educação, na verdade, íamos à escola todos os dias...”

“ Eu também frequentei uma escola”, disse Alice, “você não precisa ser tão orgulhoso assim.”

“Com aulas extras?” perguntou a Tartaruga Falsa um pouco ansiosa.

“Sim”, disse Alice, “aprendemos francês e música”.

“E lavar roupa?” disse a Tartaruga Falsa.

"Certamente não!" disse Alice indignada.

"Ah! então a sua escola não era muito boa," disse a Tartaruga Falsa em tom de grande alívio. "Agora na nossa , tinham aula extra de, 'francês, música e lavagem de roupa.'"

"Você não deveria aprender muito", disse Alice, "vivendo no fundo do mar".

"Eu não podia me dar ao luxo de aprender." disse a Tartaruga Falsa com um suspiro. "Só fiz o curso padrão."

"O que é isso?" perguntou Alice.

"Escrita e caminhada lenta, é claro", respondeu a Falsa Tartaruga, "e então os diferentes ramos da Aritmética...Ambição, Distração, Feiurar e Escárnio."

"Eu nunca ouvi falar de feiurar", Alice se aventurou a dizer. "O que é isso?"

O Grifo ergueu ambas as patas surpreso. "O que! Nunca ouvi falar em feiurar!" exclamou. "Você sabe o que é embelezar, suponho?"

"Sim", disse Alice em dúvida, "significa...tornar...qualquer coisa...mais bonita."

"Bem, então," o Grifo continuou, "se você não sabe o que é feiurar, você é uma simplório."

Alice não se sentiu encorajada a fazer mais perguntas sobre isso, então ela se virou para a Tartaruga Falsa e disse, "O que mais você tinha para aprender?"

"Bem, havia o Mistério", respondeu a Tartaruga Falsa, contando os assuntos em suas melindrosas, "Mistério antigo e moderno, com *Marografia*, depois Desenho, o professor de desenho era uma velha enguia congro, que costumava vir uma vez por semana, ele nos ensinou a desenhar, alongar e subir para baixo."

"Como faz isso ?" disse Alice.

“Bem, eu não posso te mostrar,” a Falsa Tartaruga disse, “Estou muito velha e rígida. E o Grifo nunca aprendeu.”

“Não tive tempo”, disse o Grifo, “mas fui ao curso clássico. O professor era um caranguejo velho.”

“Eu fiz esse curso de curta duração”, disse a Tartaruga Falsa com um suspiro, “ele ensinava Riso e Dor, costumavam dizer.”

“Ensinava, ensinava” disse o Grifo, suspirando por sua vez, e ambas as criaturas escondiam seus rostos em suas patas.

“E quantas horas por dia você fazia aulas?” disse Alice, com pressa de mudar de assunto.

“Dez horas no primeiro dia”, disse a Tartaruga Falsa, “nove horas no dia seguinte, e assim por diante”.

“Que plano curioso!” exclamou Alice.

“É por isso que são chamados de cursos de curta duração”, observou o Grifo, “porque eles encurtam de dia para dia.”

Essa era uma ideia bastante nova para Alice, e ela pensou um pouco antes de fazer seu próximo comentário. “Então o décimo primeiro dia deve ter sido um feriado?”

“Claro que foi”, disse a Tartaruga Falsa.

“E como você se saiu no décimo segundo?” Alice continuou ansiosa.

“Já chega de aulas”, interrompeu o Grifo em tom muito decidido, “fale-lhe agora alguma coisa sobre os jogos.”



Quadrilha da Lagosta

A Tartaruga Falsa suspirou profundamente e passou a parte de trás de uma melindrosa sobre os olhos. Ela olhou para Alice e tentou falar, mas por um minuto ou dois soluços sufocaram sua voz. “Como se tivesse um osso na garganta”, disse o Grifo, sacudindo-o e socando-o nas costas. Por fim, a Tartaruga Falsa recuperou a voz e, com lágrimas escorrendo pelo rosto, continuou.

“Você pode não ter vivido muito no fundo do mar...” (“Eu não,” disse Alice) “...e talvez você nunca tenha sido apresentado a uma lagosta...” (Alice começou a dizer “Uma vez eu provei...”, mas apressadamente disse “Não, nunca”) “...então você não pode ter ideia de como é linda uma Quadrilha de Lagosta!”

“Não, de fato,” disse Alice. “Que tipo de dança é essa?”

“Ora,” disse o Grifo, “você primeiro forma uma linha ao longo da costa do mar...”

“Duas linhas!” gritou a Tartaruga Falsa. “Focas, tartarugas, salmões e assim por diante, então, quando você tiver tirado todas as águas-vivas do caminho...”

“Isso geralmente leva algum tempo,” interrompeu o Grifo.

“...você avança duas vezes...”

“Cada um com uma lagosta como parceira!” gritou o Grifo.

“Claro”, disse a Tartaruga Falsa, “avançar duas vezes, definir parceiros...”

“...troque as lagostas e retire-se na mesma ordem,” continuou o Grifo.

“Então, você sabe,” a Tartaruga Falsa continuou, “você joga a...”

“As lagostas!” gritou o Grifo, com um salto no ar.

“...o mais longe que você puder no mar...”

“Nade atrás delas!” gritou o Grifo.

“Dá uma cambalhota no mar!” gritou a Tartaruga Falsa, saltitando loucamente.

“Mude lagostas novamente!” gritou o Grifo com toda a sua voz.

“E volta à terra, e esse é o primeiro ato”, disse a Tartaruga Falsa, baixando subitamente a voz, e as duas criaturas, que estavam pulando como loucas todo esse tempo, sentaram-se novamente muito tristes e silenciosas, e olharam para Alice.

“Deve ser uma dança muito bonita”, disse Alice timidamente.

“Você gostaria de ver um pouco disso?” disse a Tartaruga Falsa.

“Muito mesmo,” disse Alice.

“Venha, vamos tentar o primeiro ato!” Disse a Tartaruga Falsa para o Grifo. “Podemos fazer lagostas, sabe. Quem deve cantar?”

“Oh, você canta,” disse o Grifo. “Esqueci as palavras.”

Então eles começaram a dançar solenemente em volta de Alice, de vez em quando pisando em seus pés quando passavam muito perto, e acenando com as patas dianteiras para marcar o tempo, enquanto a Falsa Tartaruga cantava, muito lenta e tristemente:

“Você vai andar um pouco mais rápido?” disse um badejo a um caracol.

“Há um boto logo atrás de nós, e ele está pisando no meu rabo.

Veja com que avidez as lagostas e as tartarugas avançam!

Eles estão esperando no cascalho, você virá e se juntará à dança?

Você vai, não vai, vai, não vai, vai se juntar à dança?

Você vai, não vai, vai, não vai, não vai se juntar à dança?

“Você realmente não tem noção de como será bom quando eles nos pegarem e nos jogarem, com as lagostas, no mar!” Mas o caracol respondeu, “Muito longe, muito longe!” e deu uma olhada de soslaio

Agradeceu gentilmente ao badejo, mas não quis participar da dança.

Não iria, não poderia, não iria, não poderia, não iria entrar na dança.

Não queria, não podia, não queria, não podia, não podia entrar na dança.

“O que importa o quão longe vamos?” seu amigo escamoso respondeu.

“Há outra margem, você sabe, do outro lado.

Quanto mais longe da Inglaterra, mais perto da França...

Então não fique pálido, caracol amado, mas venha e participe da dança.

Você vai, não vai, vai, não vai, vai se juntar à dança?

Você vai, não vai, vai, não vai, não vai se juntar à dança?”

“Obrigada, é uma dança muito interessante de assistir”, disse Alice, sentindo-se muito feliz por finalmente ter acabado, “e eu gostei muito daquela música curiosa sobre o badejo!”

“Ah, quanto ao badejo”, disse a Tartaruga Falsa, “Você já os viu, é claro?”

“Sim,” disse Alice, “eu os vejo muitas vezes no jantar...” ela se conteve apressadamente.

“Eu não sei onde Dinn pode estar”, disse a Tartaruga Falsa, “mas se você os vê com tanta frequência, é claro que sabe como eles são.”

“Acredito que sim,” Alice respondeu pensativa. “Todos tem rabo na boca, e estão cheios de migalhas por cima.”

“Você está errado sobre as migalhas”, disse a Tartaruga Falsa, “as migalhas seriam todas lavadas no mar. Mas eles têm o rabo na boca, e a razão é...” aqui a Tartaruga Falsa bocejou e fechou os olhos. “Conte a ela sobre a razão,” ela disse para o Grifo.

“A razão é,” disse o Grifo, “que eles quiseram ir com as lagostas ao baile. Então eles foram jogados no mar. Então tiveram o rabo enfiado na boca. E não puderam tirá-los novamente. Isso é tudo.”

“Obrigada”, disse Alice, “é muito interessante. Eu nunca soube tanto sobre um badejo antes.”

“Posso dizer mais do que isso, se você quiser”, disse o Grifo. “Você sabe por que é chamado de badejo?”

“Nunca pensei nisso”, disse Alice. “Por que?”

“ Por causa das botas e dos sapatos ”, respondeu o Grifo muito solenemente.

Alice estava completamente confusa. “As botas e sapatos!” ela repetiu em um tom de admiração.

“Do que seus sapatos são feitos?” disse o Grifo. “Quero dizer, o que os torna tão brilhantes?”

Alice olhou para eles e considerou um pouco antes de dar sua resposta. “Eles refletem a luz imagino.”

“Botas e sapatos no fundo do mar,” o Grifo continuou com uma voz profunda, “são feitos com badejo. Agora você sabe.”

“E do que eles são feitos?” Alice perguntou em um tom de grande curiosidade.

“Solhas e enguias, é claro”, respondeu o Grifo com bastante impaciência, “qualquer camarão poderia ter dito isso.”

“Se eu fosse um badejo”, disse Alice, cujos pensamentos ainda estavam concentrados na música, “eu teria dito ao boto, 'Afasto-se, por favor, não queremos você conosco!’”

“Eles foram obrigados a tê-lo com eles”, disse a Tartaruga Falsa, “nenhum peixe sábio iria a lugar algum sem um boto”.

“Não?” disse Alice em um tom de grande surpresa.

“Claro que não”, disse a Tartaruga Falsa, “por que, se um peixe vier até mim e me disser que está viajando, eu deveria dizer 'Com que boto?’”

“Você não quer dizer 'propósito?’” disse Alice.

“Quero dizer o que digo”, respondeu a Falsa Tartaruga em tom ofendido. E o Grifo acrescentou, “Venha, vamos ouvir algumas de suas aventuras”.

“Eu poderia contar minhas aventuras...começando a partir desta manhã”, disse Alice um pouco tímida, “mas não adianta voltar para ontem, porque eu era uma pessoa diferente naquela época.”

“Explique tudo isso”, disse a Tartaruga Falsa.

"Não não! As aventuras primeiro", disse o Grifo em tom impaciente, "as explicações levam um tempo terrível."

Então Alice começou a contar suas aventuras a partir do momento em que viu o Coelho Branco pela primeira vez. Ela estava um pouco nervosa com isso no começo, as duas criaturas chegaram tão perto dela, uma de cada lado, e abriram os olhos e a boca muito bem, mas ela ganhou coragem à medida que prosseguia. Seus ouvintes ficaram perfeitamente quietos até que ela chegou à parte em que ela recitava "Você está velho, padre William" para a Lagarta, e as palavras saíam todas diferentes, e então a Tartaruga Falsa respirou fundo e disse, "Isso é muito curioso. ."

"É o mais curioso possível", disse o Grifo.

"Tudo veio diferente!" A Tartaruga Falsa repetiu pensativamente. "Eu gostaria de ouvi-la tentar repetir algo agora. Diga a ela para começar." Ela olhou para o Grifo como se achasse que tinha algum tipo de autoridade sobre Alice.

"Levante-se e repita ' É a voz do preguiçoso '", disse o Grifo.

"Como as criaturas dão ordens e me fazem repetir as lições!" pensou Alice, "Eu poderia muito bem estar na escola agora." No entanto, ela se levantou e começou a recitá-lo, mas sua cabeça estava tão cheia da Quadrilha da Lagosta, que ela mal sabia o que estava dizendo, e as palavras saíram muito estranhas:

"É a voz da Lagosta, Eu o ouvi declarar,
"Você me deixou muito marrom, devo adoçar meu cabelo".
Como o pato com as pálpebras, assim ele com o nariz
Apara o cinto e os botões e vira os dedos dos pés."

Quando as areias estão todas secas, ele é alegre como uma cotovia,
E falará em tom desdenhoso de Tubarão,
Mas, quando a maré sobe e os tubarões estão por perto,
Sua voz tem um som tímido e trêmulo".

“Isso é diferente do que eu costumava recitar quando criança”, disse o Grifo.

“Bem, eu nunca ouvi isso antes”, disse a Tartaruga Falsa, “mas parece um absurdo incomum.”

Alice não disse nada, ela havia se sentado com o rosto nas mãos, imaginando se alguma coisa voltaria a acontecer de forma natural.

“Gostaria que me explicassem”, disse a Tartaruga Falsa.

“Ela não pode explicar,” disse o Grifo apressadamente. “Continue com o próximo verso.”

“Mas sobre os dedos dos pés?” A Tartaruga Falsa persistiu. “Como ele pode virar, sabe?”

“É a primeira posição na dança.” Alice disse, mas estava terrivelmente intrigada com a coisa toda e desejava mudar de assunto.

“Continue com o próximo verso”, repetiu o Grifo com impaciência, “Recite ' Passei pelo jardim dele '”.

Alice não se atreveu a desobedecer, embora tivesse certeza de que tudo daria errado, e continuou com a voz trêmula:

“Passei pelo jardim dele e marquei, com um olho,
Como a Coruja e a Pantera estavam compartilhando uma torta...”

“A Pantera pegou a crosta de torta, molho e carne,
Enquanto a Coruja ficou com o prato como sua parte.
Terminada a torta, a Coruja agradeceu,
foi gentilmente receber a colher,
Enquanto a Pantera recebeu faca e garfo com um rosnado,
E concluiu o banquete...”

“Qual é a utilidade de repetir todas essas coisas,” a Falsa Tartaruga interrompeu, “se você não explica enquanto repete? É de longe a coisa mais confusa que já ouvi!”

“Sim, acho melhor você parar”, disse o Grifo, e Alice ficou muito feliz em fazê-lo.

“Vamos tentar outro ato da Quadrilha da Lagosta?” o Grifo continuou. “Ou você gostaria que a Tartaruga Falsa cantasse uma música para você?”

“Ah, uma música, por favor, seria tão gentil”, Alice respondeu, tão ansiosa que o Grifo disse, em um tom bastante ofendido, “Hm! Sem julgar os gostos! Cante para ela, Sopa de Tartaruga ', sim minha velha”?

A Falsa Tartaruga suspirou profundamente e começou, com uma voz às vezes embargada de soluços, a cantar isto:

“Bela Sopa, tão rica e verde,
Esperando numa terrina quente!
Quem para tais guloseimas não se rebaixaria?
Sopa da noite, bela Sopa!
Sopa da noite, bela Sopa!
Be-----lal So-----pa!
Be-----lal So-----pa!
So-----pa de noit-e,
Linda, linda Sopa!

“Bela Sopa! Quem gosta de peixe,
ou qualquer outro prato?
Quem não daria tudo por dois
Apenas centavos em cuma bela Sopa?
Vale a pena a bela Sopa?
Be-----lal So-----pa!
Be-----lal So-----pa!
So-----pa de noit-e,

Linda, linda – SOPA COMPLETA!”

“Refrão de novo!” gritou o Grifo, e a Tartaruga Falsa tinha começado a repeti-lo, quando um grito de “O julgamento está começando!” foi ouvido ao longe.

“Vamos!” gritou o Grifo, e, pegando pela mão de Alice, saiu apressado, sem esperar o fim da canção.

“Que julgamento é esse?” Alice ofegou enquanto corria, mas o Grifo apenas respondeu, “Vamos!” e correram cada vez mais rápido, enquanto cada vez mais fracas vinham, carregadas na brisa que os seguia, as palavras melancólicas:

“So-----pa de noit-e,
Linda, linda Sopa!”



Quem roubou as tortas?

O Rei e a Rainha de Copas estavam sentados em seus tronos quando chegaram, com uma grande multidão reunida em torno deles, todos os tipos de passarinhos e feras, assim como todo o baralho de cartas, o Valete estava de pé diante deles, acorrentado, com um soldado de cada lado para segura-lo, e perto do Rei estava o Coelho Branco, com uma trombeta em uma mão e um rolo de pergaminho na outra. Bem no meio do pátio havia uma mesa, com um grande prato de tortas sobre ela, elas pareciam tão boas que deu muita fome em Alice ao olhar para elas, “Eu gostaria que eles terminassem o julgamento”, ela pensou. , “e que distribuam refrescos!” Mas

parecia não haver chance disso acontecer, então ela começou a olhar tudo em volta, para passar o tempo.

Alice nunca tinha estado em um tribunal de justiça antes, mas ela tinha lido sobre eles em livros, e ela ficou muito satisfeita ao descobrir que sabia o nome de quase tudo lá. “Esse é o juiz”, ela disse para si mesma, “por causa de sua grande peruca.”

O juiz, aliás, era o Rei, e ele usava sua coroa sobre a peruca, não parecia nada confortável, e certamente não era adequado.

“E essa é a caixa do júri”, pensou Alice, “e aquelas doze criaturas” (ela foi obrigada a dizer “criaturas”, porque algumas delas eram animais, e algumas eram pássaros) os jurados”. Ela disse esta última palavra duas ou três vezes para si mesma, bastante orgulhosa disso, pois ela pensava, e com razão também, que muito poucas meninas de sua idade sabiam o significado disso. No entanto, “membros do júri” causaria o mesmo efeito.

Os doze jurados estavam todos escrevendo muito ocupados em lousas. “O que eles estão fazendo?” Alice sussurrou para o Grifo. “Eles não podem ter nada para colocar ainda, antes do julgamento começar.”

“Eles estão anotando seus nomes”, sussurrou o Grifo em resposta, “por medo de que os esqueçam antes do final do julgamento.”

“Coisas estúpidas!” Alice comentou com uma voz alta e indignada, mas parou apressadamente, pois o Coelho Branco gritou, “Silêncio no tribunal!” e o Rei colocou os óculos e olhou ansioso em volta, para ver quem estava falando.

Alice podia ver, olhando por cima dos ombros deles, que todos os jurados estavam escrevendo “coisas estúpidas!” em suas lousas, e ela pôde até perceber que um deles não sabia escrever “estúpido”, e que teve que pedir ao vizinho que lhe contasse. “Uma boa confusão estarão suas lousas antes do julgamento acabar!” pensou Alice.

Um dos jurados tinha um lápis que chiava. Isso, é claro, Alice não suportou, e ela deu a volta na caixa e ficou atrás dele, e logo encontrou uma oportunidade de tirá-lo dele. Ela fez isso tão rapidamente que o pobre jurado

(era Bill, o Lagarto) não conseguiu entender o que havia acontecido, então depois de caçar em todo lugar, ele foi obrigado a escrever com o dedo pelo resto do dia, e isso foi de muito pouca utilidade, pois não deixou nenhuma marca na lousa.

“Arauto, leia a acusação!” disse o Rei.

Dito isso, o Coelho Branco soprou três toques na trombeta e, em seguida, desenrolou o pergaminho e leu o seguinte:

“A Rainha de Copas, ela fez algumas tortas,
Tudo em um dia de verão,
O Valete de Copas, ele roubou aquelas tortas,
E as levou embora!”

"Considere seu veredicto", disse o Rei ao júri.

“Ainda não, ainda não!” o Coelho interrompeu apressadamente. “Há muito por vir antes disso!”

“Chame a primeira testemunha”, disse o Rei, e o Coelho Branco tocou três toques de trombeta e gritou, “Primeira testemunha!”

A primeira testemunha foi o Chapeleiro. Ele entrou com uma xícara de chá em uma mão e um pedaço de pão com manteiga na outra. “Perdoe-me, Vossa Majestade”, começou ele, “por trazer isto, mas eu ainda não tinha terminado o meu chá quando fui chamado.”

“Você deveria ter terminado,” disse o Rei. “Quando você começou?”

O Chapeleiro olhou para a Lebre de Março, que o seguira até o pátio, de braço dado com o Arganaz. “Décimo quarto dia de março, eu acho que foi”, disse ele.

“Décimo quinto”, disse a Lebre de Março.

“Décimo sexto”, acrescentou o Arganaz.

"Anote isso", disse o Rei ao júri, e o júri anotou ansiosamente todas as três datas em suas lousas, e depois as somou e reduziu a resposta a xelins e pence.

“Tire o chapéu”, disse o Rei ao Chapeleiro.

“Não é meu”, disse o Chapeleiro.

“Roubado!” exclamou o Rei, virando-se para o júri, que imediatamente fez um memorando do fato.

“Eu os guardo para vender”, acrescentou o Chapeleiro como explicação, “Eu não tenho nada meu. Eu sou um chapeleiro.”

Aqui a Rainha colocou os óculos e começou a olhar para o Chapeleiro, que ficou pálido e inquieto.

“Dê seu depoimento”, disse o Rei, “e não fique nervoso, ou mandarei executá-lo no local.”

Isso não pareceu encorajar a testemunha em nada, ele ficava mudando de um pé para o outro, olhando inquieto para a Rainha, e em sua confusão ele mordeu um grande pedaço de sua xícara de chá em vez do pão com manteiga.

Nesse exato momento Alice sentiu uma sensação muito curiosa, que a intrigou bastante, até que ela entendeu o que era, ela estava começando a crescer de novo, e ela pensou a princípio que em se levantar e deixar a local, mas pensando melhor, decidiu permanecer onde estava enquanto houvesse espaço para ela.

“Eu gostaria que você não apertasse tanto.” disse o Arganaz, que estava sentado ao lado dela. “Mal consigo respirar.”

“Não posso evitar”, disse Alice muito humildemente, “Estou crescendo”.

“Você não tem o direito de crescer aqui”, disse o Arganaz.

“Não fale bobagem”, disse Alice com mais ousadia, “você sabe que está crescendo também.”

“Sim, mas eu cresço em um ritmo razoável”, disse o Arganaz, “não dessa maneira ridícula.” E ele se levantou muito mal-humorado e atravessou para o outro lado da sala.

Durante todo esse tempo a Rainha não parava de olhar para o Chapeleiro e, assim que o Arganaz atravessava a sala, ela disse a um dos

oficiais da corte, “Traga-me a lista dos cantores do último concerto!” O desgraçado do Chapeleiro tremeu tanto, que ele sacudiu os dois sapatos.

“Dê sua evidência”, o Rei repetiu com raiva, “ou mandarei executá-lo, esteja você nervoso ou não.”

“Sou um homem pobre, Vossa Majestade”, começou o Chapeleiro, com voz trêmula, “...e eu não tinha começado meu chá...não há mais de uma semana...e com o pão com manteiga ficando tão fina... e o brilho do chá...”

“O brilho do quê? ” disse o Rei.

“ Chá”, respondeu o Chapeleiro.

“Claro que *brilho* começa com um *chá*!” disse o Rei bruscamente. “Você me acha um imbecil? Prossiga!”

“Sou um homem pobre”, continuou o Chapeleiro, “e a maioria das coisas brilhou depois disso...só que a Lebre de Março disse...”

"Eu não!" A Lebre de Março interrompeu com grande pressa.

"Você disse!" disse o Chapeleiro.

“Eu nego!” disse a Lebre de Março.

“Ele nega”, disse o Rei, “deixe de fora essa parte”.

“Bem, de qualquer forma, o Arganaz disse...” o Chapeleiro continuou, olhando ansiosamente ao redor para ver se ele negaria também, mas o Arganaz não negou nada, pois estava profundamente adormecido.

“Depois disso”, continuou o Chapeleiro, “cortei mais pão e passei manteiga...”

“Mas o que o Arganaz disse?” um dos jurados perguntou.

“Não me lembro”, disse o Chapeleiro.

“Você deve se lembrar”, observou o Rei, “ou mandarei executá-lo.”

O miserável Chapeleiro largou a xícara de chá e o pão com manteiga e se ajoelhou. “Eu sou um homem pobre, Sua Majestade,” ele começou.

“Você fala muito mal ”, disse o Rei.

Aqui um dos porquinhos-da-índia aplaudiu e foi imediatamente reprimido pelos oficiais da corte. (Como essa é uma palavra muito difícil, vou apenas explicar como foi feito. Eles tinham um grande saco de lona, que foi

amarrado na boca com barbantes, eles enfiaram o porquinho-da-índia nesse saco, amarraram, e depois sentaram sobre ele.)

“Estou feliz por ter visto isso”, pensou Alice. “Tantas vezes li nos jornais, no final dos julgamentos, houve algumas tentativas de aplauso, que foram imediatamente reprimidas pelos oficiais do tribunal, e nunca entendi o que isso significava até agora”.

“Se isso é tudo que você sabe sobre isso, você pode se *retrair*”, continuou o Rei.

“Não posso retrair mais”, disse o Chapeleiro, “Estou no chão.”

“Então você pode se sentar ”, respondeu o Rei.

Aqui o porquinho-da-índia aplaudiu e foi reprimido.

“Bom, isso acabou com os porquinhos-da-índia!” pensou Alice. “O julgamento será melhor.”

“Prefiro terminar meu chá”, disse o Chapeleiro, com um olhar ansioso para a Rainha, que estava lendo a lista de cantores.

“Pode ir”, disse o Rei, e o Chapeleiro saiu apressadamente da corte, sem nem esperar para calçar os sapatos que haviam saído durante a tremedeira.

“... e arranquem a cabeça dele”, acrescentou a Rainha a um dos oficiais, mas o Chapeleiro estava fora de vista antes que o oficial pudesse chegar à porta.

“Chame a próxima testemunha!” disse o Rei.

A próxima testemunha foi o Cozinheiro da Duquesa. Ela carregava a caixa de pimenta na mão, e Alice adivinhou quem era, mesmo antes de entrar no pátio, pela forma como as pessoas perto da porta começaram a espirrar de uma só vez.

“Dê suas provas”, disse o Rei.

“Não vou”, disse o Cozinheiro.

O Rei olhou ansioso para o Coelho Branco, que disse em voz baixa, “Vossa Majestade deve interrogar esta testemunha”.

“Bem, se eu devo, eu devo,” o Rei disse, com um ar melancólico, e, depois de cruzar os braços e franzir a testa para o Cozinheiro até seus olhos ficarem quase fora de vista, ele disse em uma voz profunda, “Do que são feitas as tortas?”

“Pimenta, principalmente,” disse o Cozinheiro.

“Melado,” disse uma voz sonolenta atrás dela.

“Calem aquele Arganaz”, a Rainha gritou. “Decapitem aquele Arganaz! Tire aquele Arganaz do tribunal! Belisque-o! Arranquem os bigodes!”

Por alguns minutos, toda a corte ficou em confusão, expulsando o Arganaz e, quando se acomodaram novamente, o Cozinheiro havia desaparecido.

“Deixa para lá!” disse o Rei, com um ar de grande alívio. “Chame a próxima testemunha.” E acrescentou em voz baixa à Rainha, “Realmente, minha querida, você deve interrogar a próxima testemunha. Isso faz minha testa doer!”

Alice observou o Coelho Branco enquanto ele se atrapalhava com a lista, sentindo-se muito curiosa para ver como seria a próxima testemunha, “...pois eles ainda não têm muitas evidências ” , disse ela para si mesma. Imagine a surpresa dela, quando o Coelho Branco leu, no alto de sua vozinha estridente, o nome “Alice!”



s provas de Alice

“Aqui!” exclamou Alice, esquecendo-se no turbilhão do momento o quão grande ela tinha crescido nos últimos minutos, e ela pulou com tanta pressa que derrubou a caixa do júri com a borda de sua saia, perturbando

todos os jurados. atingindo as cabeças da multidão lá embaixo, e lá estavam eles esparramados, lembrando-a muito de um aquário de peixinho dourado que ela havia virado acidentalmente na semana anterior.

“Ah, me desculpe!” ela exclamou em um tom de grande desânimo, e começou a pegá-los novamente o mais rápido que pôde, pois o acidente do peixinho dourado continuava correndo em sua cabeça, e ela teve uma vaga idéia de que eles deveriam ser recolhidos de uma vez e colocados de volta para a caixa do júri, ou eles morreriam.

“O julgamento não pode prosseguir,” disse o Rei em uma voz muito grave, “até que todos os jurados estejam de volta em seus devidos lugares...todos ,” ele repetiu com grande ênfase, olhando duro para Alice enquanto dizia isso.

Alice olhou para o júri e viu que, em sua pressa, ela havia colocado o Lagarto de cabeça para baixo, e o pobrezinho estava balançando o rabo de maneira melancólica, incapaz de se mover. Ela logo o tirou de novo e o corrigiu, “não que isso signifique muito”, disse a si mesma, “Acho que seria tão útil no julgamento de uma forma quanto de outra.”

Assim que o júri se recuperou um pouco do choque, e suas lousas e lápis foram encontrados e devolvidos a eles, eles começaram a trabalhar muito diligentemente para escrever uma história do acidente, todos exceto o Lagarto, que parecia sobrecarregado demais para fazer qualquer coisa além de ficar sentado com a boca aberta, olhando para o teto da sala.

“O que você sabe sobre esse negócio?” o Rei disse a Alice.

"Nada", disse Alice.

“Nada de nada ? ” persistiu o Rei.

“Nada, Nada de nada...de nada,” disse Alice.

"Isso é muito importante", disse o rei, virando-se para o júri. Eles estavam começando a escrever isso em suas lousas, quando o Coelho Branco interrompeu, “Desimportante, Vossa Majestade, é claro”, disse ele em um tom muito respeitoso, mas franzindo a testa e fazendo caretas para ele enquanto falava.

"Desimportante, é claro, eu quis dizer", disse o Rei apressadamente, e continuou consigo mesmo em voz baixa,

"importante...desimportante...desimportante...importante...", como se estivesse tentando ver qual palavra soava melhor.

Alguns dos jurados escreveram "importante" e outros "desimportante". Alice podia ver isso, pois estava perto o suficiente para olhar por cima de suas lousas, "mas isso não importa nem um pouco", ela pensou consigo mesma.

Nesse momento, o Rei, que há algum tempo estava ocupado lendo em seu livro, gargalhou, "Silêncio!" e li em um livro, "Regra Quarenta e Dois". Todas as pessoas com mais de uma milha de altura devem deixar o tribunal ."

Todos olharam para Alice.

" Eu não tenho uma milha de altura", disse Alice.

"Você tem," disse o Rei.

"Quase duas milhas de altura", acrescentou a Rainha.

"Bem, eu não vou, de qualquer forma", disse Alice, "além disso, essa não é uma regra comum, você a inventou agora mesmo."

"É a regra mais antiga do livro", disse o Rei.

"Então devia ser a número um", disse Alice.

O Rei empalideceu e fechou apressadamente seu livro. "Considere seu veredicto", disse ele ao júri, em voz baixa e trêmula.

"Ainda há mais provas por vir, por favor, Sua Majestade", disse o Coelho Branco, pulando com muita pressa, "este papel acaba de ser recolhido."

"O que há nele?" disse a Rainha.

"Ainda não a abri", disse o Coelho Branco, "mas parece ser uma carta, escrita pelo prisioneiro para... para alguém."

"Deve ser", disse o Rei, "a menos que tenha sido escrito para ninguém, o que não é casual, você sabe."

"Para quem é direcionado?" disse um dos jurados.

“Não é direcionado de forma alguma”, disse o Coelho Branco, “na verdade, não há nada escrito do lado de fora.” Ele desdobrou o papel enquanto falava e acrescentou, “Afinal, não é uma carta, é um conjunto de versos”.

“Eles estão na caligrafia do prisioneiro?” perguntou outro dos jurados.

“Não, não estão”, disse o Coelho Branco, “e essa é a coisa mais estranha sobre isso.” (Todos os jurados pareciam confusos.)

“Ele deve ter imitado a mão de outra pessoa”, disse o Rei. (O júri se iluminou novamente.)

“Por favor, Sua Majestade”, disse o Valete, “eu não escrevi, e eles não podem provar que eu fiz, não há nenhum nome assinado no final.”

“Se você não assinou”, disse o Rei, “isso só piora a situação. Você deve ter feito alguma travessura, ou então teria assinado seu nome como um homem honesto.

Houve um aplauso geral ao ouvir isso, foi a primeira coisa realmente inteligente que o Rei disse naquele dia.

“Isso prova sua culpa”, disse a Rainha.

“Não prova nada disso!” disse Alice. “Ora, você nem sabe do que se trata!”

“Leia”, disse o Rei.

O Coelho Branco colocou os óculos. “Por onde devo começar, por favor, Sua Majestade?” ele perguntou.

“Comece pelo começo”, disse o Rei gravemente, “e continue até chegar ao fim, então pare.”

Estes foram os versos que o Coelho Branco leu:

“Disseram-me que você tinha estado com ela,

E mencionaram-me a ele,

Ela me deu um bom caráter,

Mas disse que eu não sabia nadar.

Ele lhe mandou dizer que eu não tinha ido
(Sabemos que é verdade),
Se ela insistisse no assunto,
o que seria de você?

Eu dei a ela um, eles deram a ele dois,
Você nos deu três ou mais,
Todos elas voltaram para você,
Embora fossem meus antes.

Se eu ou ela por acaso estivermos
envolvidos neste caso,
Ele confia em você para libertá-los,
Exatamente como estávamos.

Minha noção era que você tinha sido
(Antes que ela tivesse esse ataque)
Um obstáculo que se interpôs
Ele, e nós mesmos, e isso.

Não deixe que ele saiba que ela gostou mais deles,
Pois isso deve ser sempre
Um segredo, guardado de todo o resto,
Entre você e eu.”

“Essa é a prova mais importante que já ouvimos”, disse o Rei,
esfregando as mãos, “então agora deixe o júri...”

“Se algum deles puder explicar isso,” disse Alice, (ela tinha crescido
tanto nos últimos minutos que ela não estava nem um pouco com medo de
interrompê-lo), “eu lhe darei seis pence. Não acredito que haja um átomo de
significado nisso.”

Todos os jurados escreveram em suas lousas, “ Ela não acredita que haja um átomo de significado nisso”, mas nenhum deles tentou explicar a carta.

“Se não houver nenhum significado nisso”, disse o Rei, “isso evita um mundo de problemas, você sabe, já que não precisamos tentar encontrar nenhum. E ainda assim eu não sei,” ele continuou, espalhando os versos em seu joelho, e olhando para eles com um olho, “Parece que vejo algum significado neles, afinal. “...disse que eu não sabia nadar... ” você não sabe nadar, sabe?” acrescentou, virando-se para o Valete.

O Valete balançou a cabeça tristemente. “Eu devo?” ele disse. (O que ele certamente não devia, sendo feito inteiramente de papelão.)

“Tudo bem, até agora”, disse o Rei, e continuou murmurando os versos para si mesmo, “ Sabemos que é verdade ...'ora, deve ser isso que ele fez com as tortas”

“Mas, continua 'todas elas voltaram para você '", disse Alice.

“Ora, aí estão elas!” disse o Rei triunfante, apontando para as tortas na mesa. “Nada pode ser mais claro do que isso. Então, novamente... ' antes dela ter esse ataque ...' você nunca teve ataques, minha querida, eu acho? ele disse para a rainha.

“Nunca!” disse a Rainha furiosamente, jogando um tinteiro no Lagarto enquanto falava. (O infeliz pequeno Bill havia parado de escrever em sua lousa com um dedo, pois descobriu que não fazia nenhuma marca, mas agora ele começou apressadamente de novo, usando a tinta que escorria por seu rosto, enquanto durou.)

“Então as palavras não combinam com você”, disse o Rei, olhando ao redor da corte com um sorriso. Houve um silêncio mortal.

“É um trocadilho!” o Rei acrescentou em tom ofendido, e todos riram, “Deixe o júri considerar seu veredicto”, disse o Rei, pela vigésima vez naquele dia.

“Não não!” disse a Rainha. “Sentença primeiro...veredicto depois.”

“Coisas e bobagens!” disse Alice em voz alta. “Vocês já viram a deia de ter a sentença primeiro!”

"Segure sua língua!" disse a Rainha, ficando roxa.

"Eu não vou!" disse Alice.

"Cortem a cabeça!" A Rainha gritou a plenos pulmões. Ninguém se mexeu.

“Quem se importa com você?” disse Alice, (ela tinha crescido até seu tamanho real a essa altura.) "Você não passa de uma carta de baralho!"

Com isso, todo o baralho se elevou no ar e desceu voando sobre ela, ela deu um pequeno grito, meio de medo e meio de raiva, e tentou afastá-los, e se viu deitada na margem, com a cabeça no colo de sua irmã, que estava gentilmente afastando algumas folhas mortas que caíram das árvores em seu rosto.

"Acorde, Alice querida!" disse sua irmã, “Ora, que sono longo você teve!”

“Oh, eu tive um sonho tão curioso!” disse Alice, e contou à irmã, tanto quanto conseguia se lembrar, todas essas estranhas aventuras dela sobre as quais você acabou de ler, e quando ela terminou, sua irmã a beijou e disse, “Foi um sonho curioso querida, certamente, mas agora corra para o seu chá, está ficando tarde.” Então Alice se levantou e saiu correndo, pensando enquanto corria, como podia, que sonho maravilhoso tinha sido.

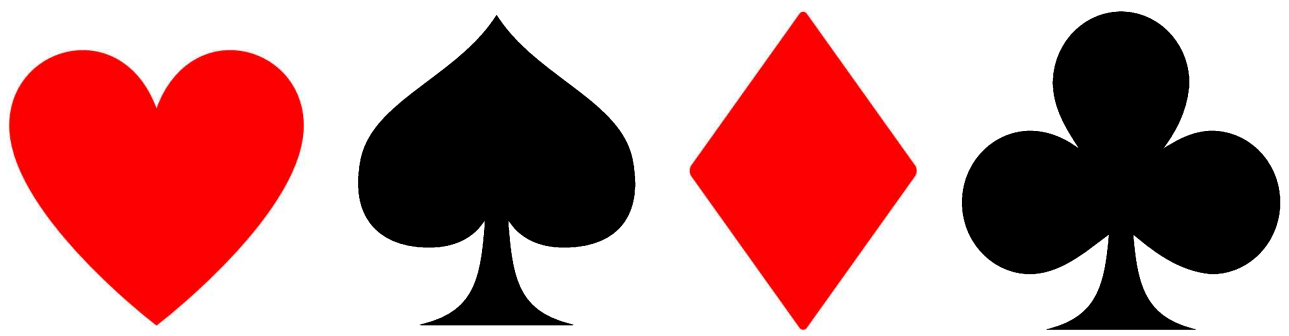
Mas sua irmã continuou ali, assim que ela a deixou, apoiando a cabeça na mão, observando o pôr do sol e pensando na pequena Alice e em todas as suas maravilhosas aventuras, até que ela também começou a sonhar de certa forma, e este foi o seu sonho,

Primeiro, ela sonhou com a pequena Alice, e mais uma vez as mãozinhas estavam entrelaçadas em seu joelho, e os olhos brilhantes e ansiosos estavam olhando para ela.. ela podia ouvir os próprios tons de sua voz. Cabeça para manter o cabelo errante que sempre entrava em seus olhos...e ainda enquanto ela ouvia, ou parecia ouvir, todo o lugar ao seu redor se animava com as estranhas criaturas do sonho de sua irmãzinha.

A grama alta farfalhava a seus pés enquanto o Coelho Branco passava apressado...o Camundongo assustado espirrou em seu caminho pela poça ao lado...ela podia ouvir o chacoalhar das xícaras de chá enquanto a Lebre de Março e seus amigos compartilhavam sua refeição interminável, e o som estridente a voz da Rainha ordenando a execução de seus desafortunados convidados...mais uma vez o bebê porco espirrava no joelho da Duquesa, enquanto pratos e pratos eram lançados em sua direção...mais uma vez o guincho do Grifo, o chiar do lápis de ardósia do Lagarto, e o engasgar dos porquinhos-da-índia reprimidos, misturado com os soluços distantes da miserável Tartaruga Falsa.

Então ela se sentou, com os olhos fechados, e meio que acreditava estar no País das Maravilhas, embora soubesse que só precisava abri-los novamente, e tudo mudaria para uma realidade maçante...a grama estaria apenas farfalhando ao vento, e a poça ondulando, os juncos balançando...as xícaras chacoalhando se transformariam em sinos de ovelhas tilintantes, e os gritos estridentes da Rainha para a voz do menino pastor...e o espirro do bebê, o grito do Grifo e todos os outros ruídos estranhos, mudaria (ela sabia) para o clamor confuso do dia-a-dia movimentado da fazenda...enquanto o mugido do gado ao longe substituíria os soluços pesados da Falsa Tartaruga.

Por fim, ela imaginou como essa mesma irmãzinha dela seria, no futuro, ela mesma uma mulher adulta, e como ela manteria, durante todos os seus anos mais maduros, o coração simples e amoroso de sua infância, e como ela se reuniria em torno de seus filhinhos, e faria seus olhos brilharem de ansiedade com muitas histórias estranhas, talvez até com o sonho do País das Maravilhas de muito tempo atrás, e como ela se sentiria com todas as suas tristezas simples, e encontraria prazer em todas as suas alegrias simples, lembrando sua própria vida infantil e os dias felizes de verão.

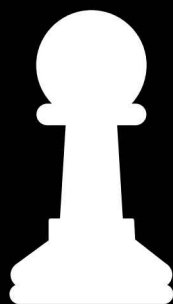




of Tim



*Através do espelho e o que
Alice encontrou por lá*



DRAMATIS PERSONÆ.

(Conforme combinado antes do início do jogo.)

BRANCO

PEÇAS

Tweedledee,
Unicórnio,
Ovelha,
Rainha Branca,
Rei Branco,
Homem velho,
Cavaleiro Branco,
Tweedledum.

PEÕES

Margarida,
Lebre de Março,
Ostra,
Lily,
Fulvo,
Ostra,
Chapeleiro,
Margarida,

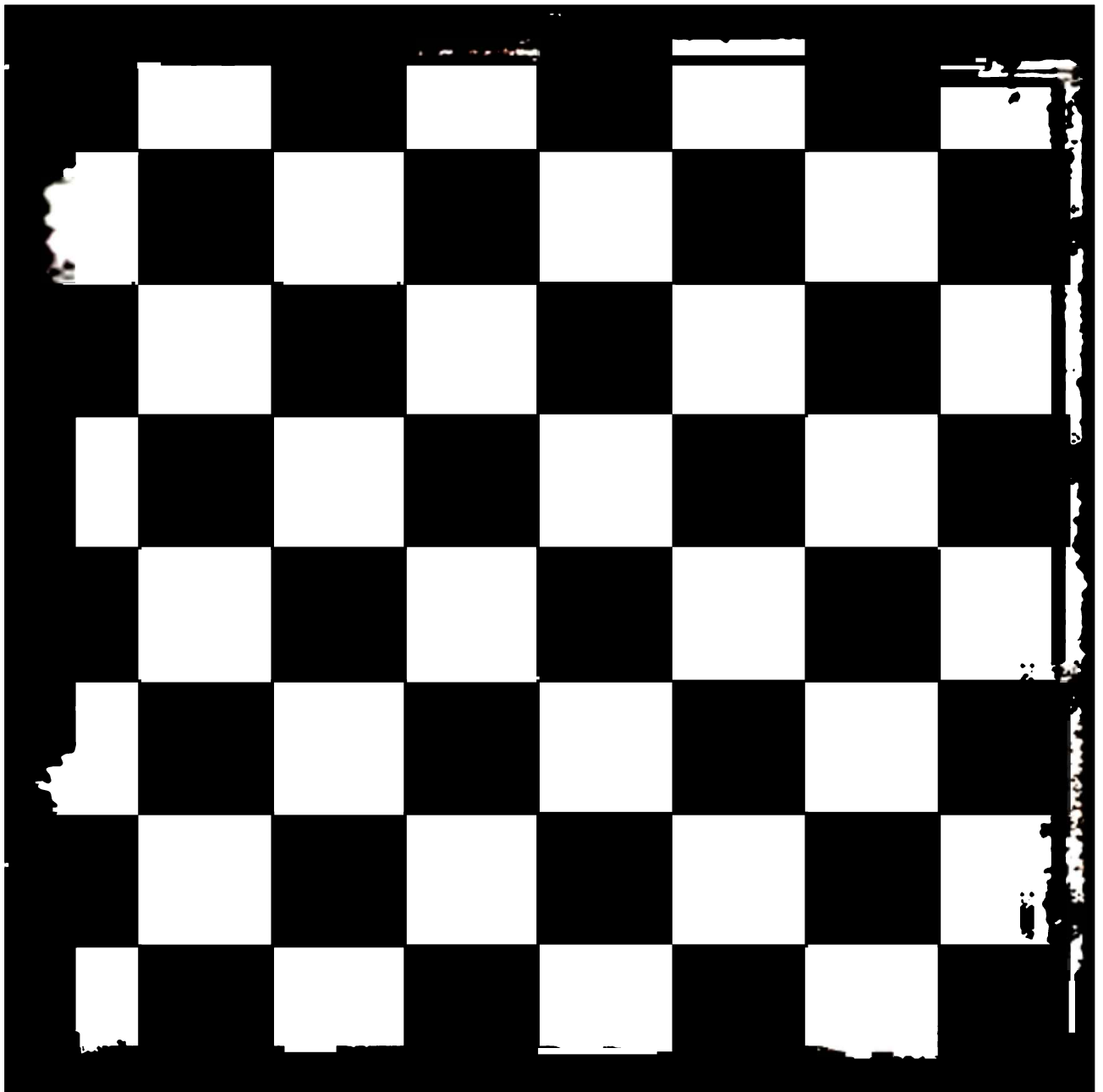
VERMELHO

PEÇAS

Humpty Dumpty,
Carpinteiro,
Morsa,
Rainha Vermelha
Rei Vermelho,
Corvo,
Cavaleiro Vermelho,
Leão.

PEÕES

Margarida,
Mensageiro,
Ostra,
Lírio-tigre,
Rosa,
Ostra,
Rã,
Margarida.



Peão Branco (Alice) joga e
vence em onze lances.

I. Alice encontra a Rainha Vermelha

I. Rainha Vermelha para Torre do Rei 4° Casa

2. Alice atravessa (de trem) a 3° Casa da Rainha para 4° Casa da Rainha (Tweedledum e Tweedledee)

2. Rainha Branca para 4° Casa do Bispo da Rainha (atrás do xale)

3. Alice encontra A Rainha Branca (com xale)

3. Rainha Branca para 5° Casa do Bispo da Rainha (se torna ovelha)

4. Alice para 5° Casa da Rainha (loja, rio, loja)

4. Rainha Branca para 8° Casa do Bispo do Rei (deixa o ovo na prateleira)

5. Alice para 6° Casa da Rainha (Humpty Dumpty)

5. Rainha Branca para 8° Casa do Bispo da Rainha (Fugindo voando do Cavaleiro Vermelho)

6. Alice para 7° Casa da Rainha (floresta)

6. Cavaleiro Vermelho para 2° Casa do Rei (Xeque)

7. Cavaleiro Branco pega o Cavaleiro Vermelho

7. Cavaleiro Branco para 5° Casa do Rei

8. Alice para 8° Casa da Rainha (coroação)

8. Rainha Vermelha para Casa do Rei (exame)

9. Alice se torna Rainha

9. Castelo de Rainha

IO. Castelo de Alice (festa)

IO. Rainha Branca para 6° Casa da Rainha (sopa)

II. Alice pega Rainha Vermelha e ganha

Criança de rosto puro
E olhos sonhadores de admiração!
Embora o tempo seja fugaz, e eu e tu
estejamos separados por meia vida,
Teu sorriso amoroso certamente saudará
O presente de amor de um conto de fadas.

Não vi teu rosto ensolarado,
Nem ouvi teu riso prateado,
Nenhum pensamento em mim encontrará um lugar
No futuro de tua jovem vida
Suficiente para que agora não deixes
de ouvir meu conto de fadas.

Um conto começado em outros dias,
Quando os sóis de verão brilhavam
- Um simples sino, que serviu ao tempo
O ritmo do remo -
Cujos ecos ainda vivem na memória,
Embora os anos invejosos digam 'esqueça'.

Venha, ouça então, antes que a voz de pavor.
Com amargas notícias carregadas,
Convocação para a cama indesejada
Uma donzela melancólica!
Somos apenas crianças mais velhas, querida,
Que se preocupam em encontrar nossa hora de dormir.

Sem, a geada, a neve ofuscante.
A loucura mal-humorada do vento tempestuoso,
Dentro, o brilho avermelhado da luz do fogo,
E o ninho de alegria da infância.
As palavras mágicas te segurarão,
Tu não prestarás atenção à explosão delirante.

E embora a sombra de um suspiro
possa tremer através da história,
Para 'felizes dias de verão' passados,
E a glória de verão desaparecida,
Não tocará com sopro de fardo
O prazer de nosso conto de fadas.

Sumário

CAPÍTULO I

Casa do Espelho

CAPÍTULO II

O jardim de flores vivas

CAPÍTULO III

Insetos Espelhos

CAPÍTULO IV

Tweedledum e Tweedledee

CAPÍTULO V

Lã e Água

CAPÍTULO VI

Humpty Dumpty

CAPÍTULO VII

O Leão e o Unicórnio

CAPÍTULO VIII

“É minha própria invenção”

CAPÍTULO IX

Rainha Alice

CAPÍTULO X

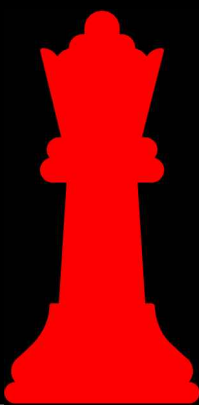
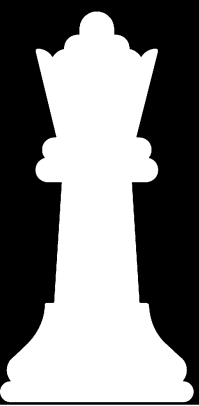
Agitação

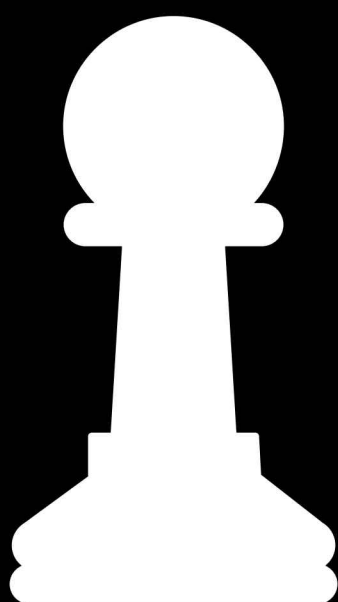
CAPÍTULO XI

Acordar

CAPÍTULO XII

Qual sonhou?







asa do Espelho

Uma coisa era certa, a gatinha branca não tinha nada a ver com isso...a culpa era inteiramente da gatinha preta. Pois a gatinha branca estava tendo seu rosto lavado pela velha gata durante o último quarto de hora (e suportando-o muito bem). Então você vê que ela não poderia ter tido nenhuma participação na travessura.

A maneira como Dinah lavava o rosto de seus filhos era assim, primeiro ela segurava o pobre pela orelha com uma pata, e depois com a outra pata ela esfregava o rosto todo, do jeito errado, começando pelo nariz, e agora, como eu disse, ela estava trabalhando duro no gatinho branco, que estava deitado bem quieto e tentando ronronar...sem dúvida, sentindo que tudo era para o seu bem.

Mas a gatinha preta tinha acabado a limpeza no início da tarde, e assim, enquanto Alice estava sentada em um canto da grande poltrona, meio falando sozinha e meio adormecida, a gatinha estava brincando com o novelo de lã, Alice estava tentando enrolar, e estava enrolando para cima e para baixo até que tudo se desfez novamente, e lá estava ela, espalhada sobre o tapete da lareira, cheia de nós e emaranhados, com a gatinha correndo atrás do próprio rabo.

“Ah, sua coisinha malvada!” gritou Alice, pegando a gatinha e dando-lhe um beijinho para fazê-la entender que estava em apuros. “Realmente, Dinah deveria ter te ensinado boas maneiras! Você deveria, Dinah, você sabe que deveria!” Ela acrescentou, olhando com reprovação para a velha gata, e falando com a voz mais zangada que conseguiu, e então se arrastou de volta para a poltrona, levando o gatinho e a lã com ela, e começou a enrolar a bola novamente. Mas ela não se deu muito bem, pois

falava o tempo todo, às vezes com a gatinha, às vezes consigo mesma. Kitty sentou-se muito recatada em seu joelho, fingindo observar o progresso do enrolamento, e de vez em quando estendendo uma pata e tocando suavemente a bola, como se estivesse feliz em ajudar, se isso fosse possível.

“Você sabe o que é amanhã, Kitty?” Alice começou. “Você teria adivinhado se estivesse na janela comigo, só que Dinah estava deixando você arrumada, então você não podia. Eu estava vendo os meninos pegando gravetos para a fogueira, e eles queriam muitos gravetos, Kitty! Só que ficou tão frio, e nevou tanto, que eles tiveram que parar. Não importa, Kitty, vamos ver a fogueira amanhã”. Aqui Alice enrolou duas ou três voltas da lã no pescoço da gatinha, só para ver como ficaria, isso levou não deu nada certo, já que a bola rolou pelo chão, e metros e metros se desenrolaram novamente.

“Sabe, eu estava com tanta raiva, Kitty,” Alice continuou assim que elas estavam confortavelmente acomodadas novamente, “quando eu vi toda a bagunça que você estava fazendo, eu estava quase abrindo a janela e colocando você para fora, na neve! E você teria merecido, sua queridinha travessa! O que você tem a dizer? Agora não me interrompa!” ela continuou, levantando um dedo. “Vou lhe contar todos os seus defeitos. Número um, você miou duas vezes enquanto Dinah lavava seu rosto esta manhã. Agora você não pode negar, Kitty, eu ouvi você! O que você me diz?” (fingindo que a gatinha estava falando.) “A pata dela entrou no seu olho? Bem, isso é sua culpa, por manter os olhos abertos...se você os fechasse bem, isso não teria acontecido. Agora não dê mais desculpas, mas ouça! Número dois, você puxou a Floco de Neve pelo rabo assim que eu coloquei o pires de leite na frente dela! O que? Você estava com sede? Como você sabe que ela não estava com sede também? Agora, para o número três, você desenrolou cada pedacinho da lã enquanto eu não estava olhando!

“São três faltas, Kitty, e você ainda não foi punida por nenhuma delas. Você sabe que estou guardando todos os seus castigos para a semana que vem, na quarta-feira...suponha que eles tenham guardado todos os meus castigos!” ela continuou, falando mais para si mesma do que para a gatinha.

“O que eles fariam no final de um ano? Eu deveria ser mandada para a prisão, suponho, quando chegasse o dia. Ou...deixe-me ver...suponha que cada punição fosse ficar sem jantar, então, quando chegasse o dia miserável, eu teria que ficar sem cinquenta jantares de uma vez! Bem, eu não deveria me importar tanto! Eu prefiro ficar sem eles do que comê-los!

“Você ouve a neve caindo contra as vidraças, Kitty? Como soa agradável e suave! Como se alguém estivesse beijando a janela lá fora. Será que a neve ama as árvores e os campos, por isso os beija tão gentilmente? E então os cobre bem, você sabe, com uma colcha branca, e talvez diga: 'Vão dormir, queridos, até o verão voltar.' E quando eles acordam no verão, Kitty, eles se vestem de verde e dançam...sempre que o vento sopra...oh, isso é muito bonito!” gritou Alice, soltando a bola de lã para bater palmas. “Eu gostaria tanto que fosse verdade! Tenho certeza de que a floresta parece sonolenta no outono, quando as folhas estão ficando marrons.

“Kitty, você sabe jogar xadrez? Não sorria agora, minha querida, estou perguntando sério. Porque, quando estávamos jogando agora, você assistiu como se entendesse, e quando eu disse 'Check!' você ronronou! Bem, foi um belo xeque, Kitty, e realmente eu poderia ter ganho, se não fosse por aquele Cavalo desagradável, que desceu balançando entre minhas peças. Kitty, querida, vamos fingir...” E aqui eu gostaria de poder contar a você metade das coisas que Alice costumava dizer, começando com sua frase favorita “Vamos fingir”. Ela tivera uma longa discussão com a irmã no dia anterior...tudo porque Alice começara com “Vamos fingir que somos reis e rainhas”, e sua irmã, que gostava de ser muito exata, havia argumentado que não podiam, porque havia eram apenas duas pessoas, e Alice finalmente foi reduzida a dizer: “Bem, você pode ser um deles então, e eu serei todo o resto.” E uma vez ela realmente assustou sua velha enfermeira gritando de repente em seu ouvido, “Enfermeira! Vamos fingir que sou uma hiena faminta e você é um osso.

Mas isso está nos afastando do discurso de Alice para a gatinha. “Vamos fingir que você é a Rainha Vermelha, Kitty! Sabe, acho que se você

se sentasse e cruzasse os braços, ficaria exatamente como ela. Agora tente!” E Alice tirou a Rainha Vermelha da mesa e a colocou diante do gatinho como modelo para ele imitar, mas a coisa não deu certo, principalmente, disse Alice, porque a gatinha não cruzava os braços direito. Então, para puni-la, ela o ergueu para o Espelho, para que ela visse como estava mal-humorada. “E se você não melhorar o seu humor”, acrescentou, “vou colocá-la na Casa do Espelho, você gostaria disso ?”

“Agora, se você apenas comparecer a nossa conversa, Kitty, e não falar muito, vou lhe contar todas as minhas ideias sobre a Casa do Espelho. Primeiro, há a sala que você pode ver através do vidro, é exatamente a mesma que a nossa sala de estar, só que as coisas vão para o outro lado. Consigo ver tudo quando subo em uma cadeira...tudo menos a parte da frente da lareira, pois o espelho está em cima dela. Oh! Eu gostaria tanto de ver! Eu quero tanto saber se eles têm fogo no inverno, não tem como saber, a menos que nosso fogo queime, e então a fumaça suba naquela sala também...mas isso pode ser apenas fingimento, apenas para parecer que eles tem fogo. Pois bem, os livros são como os nossos livros, só que as palavras vão para o lado errado; Eu sei disso, porque eu segurei um de nossos livros no vidro, e então eles seguraram um na outra sala.

“Você gostaria de morar na Casa do Espelho, Kitty? Será que eles te dariam leite lá? Talvez o leite do Espelho não seja bom para beber... Mas oh, Kitty! agora chegamos ao corredor. Você pode apenas dar uma espiada no corredor da Casa do Espelho, se você deixar a porta da nossa sala escancarada, e é muito parecida com o nosso corredor até onde você pode ver, só que você sabe que pode ser bem diferente do outro lado. Ah, gatinha! como seria bom se pudéssemos entrar na Casa do Espelho! Tenho certeza que tem coisas lindas nele! Vamos fingir que há uma maneira de passar por ele, de alguma forma, Kitty. Vamos fingir que o vidro ficou todo mole como uma gaze, para podermos passar. Ora, está se transformando em uma espécie de névoa agora, eu declaro! Vai ser bem fácil passar...” Ela estava em cima da lareira enquanto dizia isso, embora mal soubesse como tinha

chegado lá. E certamente o vidro estava começando a derreter, como uma névoa prateada brilhante.

Em um momento, Alice atravessou o vidro e pulou levemente para dentro da sala do Espelho. A primeira coisa que fez foi verificar se havia fogo na lareira, e ficou bastante satisfeita ao descobrir que havia um de verdade, brilhando tão brilhantemente quanto o que ela havia deixado para trás. “Então vou ficar tão quente aqui quanto estava na sala antiga”, pensou Alice, “mais quente, na verdade, porque não haverá ninguém aqui para me repreender para longe do fogo. Oh, que divertido será quando eles me virem através do vidro aqui e não puderem chegar até mim!”



Ela começou a olhar em volta e notou que o que se via da antiga sala era bastante comum e desinteressante, mas que todo o resto era o mais diferente possível. Por exemplo, os quadros na parede ao lado do fogo pareciam estar todos vivos, e o relógio em cima da lareira (você sabe que só

pode ver a parte de trás dele no Espelho) tinha a face de um pequeno homem velho, e sorriu para ela.

“Eles não mantêm essa sala tão arrumada quanto a outra”, Alice pensou consigo mesma, ao notar várias peças de xadrez na lareira entre as cinzas, mas em outro momento, com um pequeno “Oh!” De surpresa, ela estava de quatro, observando-os. As peças de xadrez estavam andando, de duas em duas!

“Aqui estão o Rei Vermelho e a Rainha Vermelha”, Alice disse (em um sussurro, com medo de assustá-los), “e lá estão o Rei Branco e a Rainha Branca sentados na ponta da pá...e aqui estão as duas torres andando de braços dados...acho que eles não podem me ouvir” continuou ela, aproximando a cabeça, “e tenho quase certeza de que não podem me ver. Eu me sinto de alguma forma como se eu fosse invisível...”

Aqui algo começou a chiar na mesa atrás de Alice, e a fez virar a cabeça bem a tempo de ver um dos Peões Brancos rolar e começar a chutar, ela o observou com grande curiosidade para ver o que aconteceria a seguir.

“É a voz da minha filha!” A Rainha Branca gritou ao passar correndo pelo Rei, com tanta violência que o derrubou entre as cinzas. “Minha preciosa Lily! Minha gatinha imperial!” e ela começou a escalar loucamente a lateral do guarda-fogo.

“Violência imperial!” disse o Rei, esfregando o nariz, machucado pela queda. Ele tinha o direito de estar um pouco aborrecido com a rainha, pois estava coberto de cinzas da cabeça aos pés.

Alice estava muito ansiosa para ser útil e, como a pobre Lily estava gritando em um ataque, ela rapidamente pegou a Rainha e a colocou na mesa ao lado de sua filhinha barulhenta.

A Rainha engasgou e sentou-se, a rápida viagem pelo ar havia lhe tirado o fôlego e por um minuto ou dois ela não pôde fazer nada além de abraçar a pequena Lily em silêncio. Assim que ela recuperou um pouco o fôlego, ela gritou para o Rei Branco, que estava sentado emburrado entre as cinzas: “Cuidado com o vulcão!”

“Que vulcão?” disse o rei, olhando ansioso para o fogo, como se achasse que aquele era o lugar mais provável para encontrar um.

“Explodiu e me lançou”, ofegou a Rainha, que ainda estava um pouco sem fôlego. “Lembre-se de subir...do jeito normal...não exploda!”

Alice observou o Rei Branco enquanto ele lutava lentamente de barra em barra, até que finalmente ela disse: “Ora, você vai levar horas e horas para chegar à mesa, nesse ritmo. É muito melhor eu ajudá-lo, não é? Mas o rei não deu atenção à pergunta, estava bem claro que ele não podia ouvi-la nem vê-la.

Então Alice o pegou com muita delicadeza e o ergueu mais devagar do que levantará a Rainha, para que não lhe tirasse o fôlego, o pequeno já estava tão coberto de cinzas.

Ela nunca tinha visto em toda a sua vida um rosto como o do rei, quando ele se viu suspenso no ar por uma mão invisível e sendo espanado, ele estava muito surpreso para gritar, mas seus olhos e a boca foram ficando cada vez maior, e mais redonda e mais redonda, até que a mão dela tremeu tanto de tanto rir que ela quase o deixou cair no chão.

“Oh! Por favor, não faça essas caras, querido!” ela gritou, quase esquecendo que o rei não podia ouvi-la. “Você me faz rir tanto que mal posso te segurar! E não fique de boca aberta! Todas as cinzas vão cair nela...pronto, agora acho que você está bem arrumado!” ela acrescentou, enquanto alisava o cabelo dele e o colocava sobre a mesa perto da rainha.

O rei imediatamente caiu de costas e ficou perfeitamente imóvel, e Alice ficou um pouco alarmada com o que ela havia feito, e deu a volta na sala para ver se conseguia encontrar alguma água para jogar sobre ele. No entanto, ela não conseguiu encontrar nada além de um frasco de tinta e quando voltou, descobriu que ele havia se recuperado, e ele e a rainha estavam conversando em um sussurro assustado, tão baixo que Alice mal podia ouvir o que eles diziam.

O rei estava dizendo: “Eu asseguro, minha querida, eu fiquei frio até a ponta dos meus bigodes!”

Ao que a Rainha respondeu: “Você não tem bigode”.

“O horror daquele momento”, continuou o Rei, “nunca, nunca esquecerei!”

“Você vai, no entanto,” a Rainha disse, “se você não fizer um memorando disso.”

Alice observou com grande interesse enquanto o rei tirava um enorme livro de memorandos do bolso e começava a escrever. Um pensamento repentino a atingiu, e ela pegou a ponta do lápis, que passou por cima do ombro dele, e começou a escrever para ele.

O pobre rei parecia confuso e infeliz, e lutou com o lápis por algum tempo sem dizer nada, mas Alice era forte demais para ele, e por fim ele arquejou. “Minha querida! Eu realmente preciso de um lápis mais fino. Eu não consigo lidar com isso, ele escreve todo tipo de coisas que eu não quero...

“Que tipo de coisas?” disse a Rainha, examinando o livro (no qual Alice havia escrito “ O Cavaleiro Branco está escorregando no atizador, ele se equilibra muito mal ”) “Isso não é um memorando de seus sentimentos!”

Havia um livro perto de Alice sobre a mesa, e enquanto ela estava sentada observando o Rei Branco (pois ela ainda estava um pouco preocupada com ele, e tinha a tinta pronta para jogar sobre ele, caso ele desmaiasse novamente), ela se virou sobre as folhas, para encontrar alguma parte que ela pudesse ler, “pois está tudo em algum idioma que eu não conheço”, ela disse para si mesma.

Era assim:

.YKCOWREBB AJ

sievasil sevot so e ,avahlerG

,ralossimarg son mavamurrev e mavaipocorig

,sievaregarf mare sevogorob so sodoT

.sarofarraga edrenius asar so E

Ela ficou intrigada com isso por algum tempo, mas finalmente um pensamento brilhante a atingiu. “Ora, é um livro do Espelho, é claro! E se eu segurar na frente de um copo, as palavras vão sair todas do jeito certo de novo.”

Este foi o poema que Alice leu.

JABBERWOCKY.

Grelhava, e os toves lisáveis
giroscopiavam e verrumavam nos gramissolar,
Todos os borogoves eram frageraveis,
E os rasa suinerde agarraforas.

“Cuidado com o Jabberwock, meu filho!
Os maxilares que mordem, as garras que agarram!
Cuidado com o pássaro Jubjub e evite
o frumioso Bandersnatch!”

Ele pegou sua espada vorpal na mão:
Há muito tempo o inimigo manxome que ele procurava,
Então ele descansou junto à árvore Tumtum,
E ficou por algum tempo pensando.

E como em um pensamento rápido ele se levantou,
O Jabberwock, com olhos de fogo,
Veio zunindo pela floresta de tulgey,
E borbulhava como vinha!

Um dois! Um dois! E através e através
A lâmina vorpal ficou riscada!
Ele o deixou morto, e com sua cabeça
Ele voltou galopando.

“E mataste o Jabberwock?
Venha para os meus braços, meu menino radiante!
Ó dia de framboesa!”
Ele riu de sua alegria.

Grelhava, e os toves lisáveis
giroscopiavam e verrumavam nos gramissolar,
Todos os borogoves eram frageraveis,
E os rasa suinerde agarraforas.

“Parece muito bonito”, disse ela quando terminou, “mas é bem difícil de entender!” (Você vê que ela não gostava de confessar, nem para si mesma, que não conseguia entender nada.) “De alguma forma, parece encher minha cabeça de ideias, só que eu não sei exatamente quais são! No entanto, alguém matou alguma coisa, isso está claro, de qualquer forma...”

“Mas ah!” pensou Alice, levantando-se de repente, “se eu não me apressar terei logo que voltar pelo Espelho, antes de ver como é o resto da casa! Vamos dar uma olhada no jardim primeiro!” Ela estava fora da sala em um momento, e desceu as escadas correndo, ou pelo menos algo parecido, não estava exatamente correndo, mas uma nova invenção dela para descer escadas com rapidez e facilidade, como Alice disse a si mesma. Ela apenas manteve as pontas dos dedos no corrimão e flutuou suavemente para baixo sem sequer tocar as escadas com os pés, então ela flutuou pelo corredor e então agarrou o batente da porta, se não tivesse feito isso teria saído flutuando mundo a fora. Ela estava ficando um pouco tonta de flutuar no ar, e

ficou bastante feliz por se ver andando novamente da maneira natural pouco tempo depois.



jardim de flores vivas

“Eu veria o jardim muito melhor”, disse Alice para si mesma, “se pudesse chegar ao topo daquela colina, e aqui está um caminho que leva direto a ela, pelo menos eu acho...” (depois de percorrer alguns metros ao longo do caminho e virar várias curvas fechadas), “mas suponho que chegarei lá em algum momento. Que estranhas essas curvas! É mais como um saca-rolhas do que um caminho! Bem, essa curva vai para o morro, suponho... não, não vai! Isso vai direto para a casa! Bem, então, vou tentar de outra maneira.”

E assim ela fez, vagando para cima e para baixo, e tentando curva após curva, mas sempre voltando para casa, não importa o que fizesse. Na verdade, em uma das vezes ela fez a curva mais rápido do que das outras vezes e acabou trombando na casa sem conseguir frear.

"Não adianta falar sobre isso", disse Alice, olhando para a casa e fingindo que estava discutindo com ela. “Ainda não vou entrar. Eu sei que deveria atravessar o Espelho novamente...de volta ao antigo quarto... e todas as minhas aventuras terminariam!

Assim, dando as costas à casa, ela voltou a descer o caminho, decidida a seguir em frente até chegar à colina. Por alguns minutos tudo correu bem, e ela estava apenas dizendo: “Eu realmente conseguirei desta vez...” quando o caminho deu um torção repentino e sacudiu-se (como ela contou depois), e no momento seguinte ela se viu de fato entrando pela porta.

“Ah, isso é muito ruim!” ela chorou. “Nunca vi uma casa assim atrapalhar tanto! Nunca!”

No entanto, havia a colina à vista, não havia nada a fazer a não ser começar de novo. Desta vez ela se deparou com um grande canteiro de flores, com uma borda de margaridas e um salgueiro crescendo no meio.

“Ó lírio-tigre”, disse Alice, dirigindo-se a um que acenava graciosamente ao vento, “eu gostaria que você pudesse falar!”

“Podemos falar”, disse o Lírio-tigre, “quando houver alguém com quem vale a pena conversar”.

Alice ficou tão atônita que não conseguiu falar por um minuto, isso pareceu deixá-la sem fôlego. Por fim, como o Lírio-tigre continuava a acenar, ela falou novamente, com uma voz tímida, quase em um sussurro. “E todas as flores podem falar?”

“Tão bem quanto você”, disse o Lírio-tigre. “E muito mais alto.”

“Não é educado para nós, começarmos, você sabe,” disse a Rosa, “e eu estava me perguntando quando você falaria conosco! Disse a mim mesma: 'O rosto dela mostra que tem algum senso, embora não seja inteligente!' Ainda assim, você tem a cor certa, e isso ajuda muito.”

“Não me importo com a cor”, comentou o Lírio-tigre. “Se ao menos as pétalas dela se enrolassem um pouco mais, ela ficaria bem.”

Alice não gostava de ser criticada, então começou a fazer perguntas. “Você às vezes não fica com medo de ficar plantadas aqui, sem ninguém para cuidar de você?”

“Ali está a árvore, no meio”, disse a Rosa, “para que mais serve?”

“Mas o que poderia fazer, se surgisse algum perigo?” Alice perguntou.

“Ela grita 'Parede de ramos!’” gritou uma Margarida, “é por isso que seus galhos são chamados de ramos!”

“Você não sabia disso ?” gritou outra Margarida, e aqui todas começaram a gritar juntas, até que o ar parecia cheio de pequenas vozes estridentes. “Silêncio, cada uma de vocês!” gritou o Lírio-tigre, balançando-se

apaixonadamente de um lado para o outro e tremendo de excitação. “Elas sabem que não posso alcançá-las!” ofegou, inclinando a cabeça trêmula para Alice, “ou não ousariam fazer isso!”

“Deixa para lá!” Alice disse em um tom reconfortante, e se abaixando para as margaridas, que estavam começando de novo, ela sussurrou: “Se vocês não segurarem suas línguas, eu colho vocês!”

Houve silêncio em um momento, e várias das margaridas rosas ficaram brancas.

“Isso mesmo!” disse o Lírio-tigre. “As margaridas são as piores de todas. Quando uma fala, todas começam juntas, e é o suficiente para fazer qualquer um murchar!”

“Como é que vocês podem falar tão bem?” Alice disse, esperando melhorar o humor com um elogio. “Já estive em muitos jardins antes, mas nenhuma das flores conseguia falar.”

“Abaixe a mão e sinta o chão”, disse o Lírio-tigre. “Então você saberá o porquê.”

Alice assim o fez. “É muito dura”, disse ela, “mas não vejo o que isso tem a ver com aquilo.”

“Na maioria dos jardins”, disse o Lírio-tigre, “eles deixam o canteiro muito macio, de modo que as flores estão sempre adormecidas”.

Isso parecia uma razão muito boa, e Alice ficou muito satisfeita em saber disso. “Eu nunca tinha pensado nisso antes!” ela disse.

“Minha opinião é que você nunca pensa em nada ,” a Rosa disse em um tom bastante severo.

“Nunca vi ninguém que parecesse mais estúpida”, disse uma Violeta, tão repentinamente que Alice deu um pulo, pois não havia falado antes.

“Segure a língua!” gritou o Lírio-tigre. “Como se você já tivesse visto alguém! Você mantém sua cabeça sob as folhas e ronca lá, você não sabe mais do que está acontecendo no mundo, nem mais que um broto!”

“Há mais pessoas no jardim além de mim?” Alice disse, escolhendo não notar a última observação da Rosa.

“Há uma outra flor no jardim que pode se mover como você”, disse a Rosa. “Eu me pergunto como fazem isso...” (“Você está sempre se perguntando”, disse o Lírio-tigre), “mas ela tem mais folhas do que você.”

“Ela é como eu?” Alice perguntou ansiosamente, pois o pensamento passou por sua mente: “Há outra garotinha no jardim, em algum lugar!”

“Bem, ela tem a mesma forma estranha que você”, disse a Rosa, “mas ela é mais vermelha...e suas pétalas são mais curtas, eu acho.”

“As pétalas dela são mais próximas, quase como uma dália”, interrompeu o Lírio-tigre. “não são soltas e caídas, como as suas.”

“Mas isso não é culpa sua”, a Rosa acrescentou gentilmente: “você está começando a desbotar, sabe...e então não se pode evitar que as pétalas fiquem um pouco desarrumadas.”

Alice não gostou nada dessa ideia: então, para mudar de assunto, ela perguntou. “Ela costuma vir aqui?”

“Ouso dizer que você a verá em breve”, disse a Rosa. “Ela é do tipo espinhoso.”

“Onde ela usa os espinhos?” Alice perguntou com alguma curiosidade.

“Por que em volta da cabeça dela, é claro”, respondeu a Rosa. “Eu estava me perguntando se você não tinha algum também. Achei que era a regra normal.”

“Ela está vindo!” gritou Consolida. “Eu ouço seus passos, thump, thump, thump, ao longo do caminho de cascalho!”

Alice olhou em volta ansiosamente e descobriu que era a Rainha Vermelha. “Ela cresceu bastante!” Foi sua primeira observação. Realmente, desde da vez que Alice a encontrou nas cinzas, ela tinha apenas sete centímetros de altura, e aqui estava ela, meia cabeça mais alta que a própria Alice!

“É o ar fresco que faz isso”, disse a Rosa, “maravilhosamente bom é o ar aqui fora.”

“Acho que vou conhecê-la”, disse Alice, pois, embora as flores fossem bastante interessantes, ela achava que seria muito mais grandioso conversar com uma rainha de verdade.

“Você não pode fazer isso”, disse a Rosa, “ eu deveria aconselhá-la a ir para o outro lado.”

Isso soou absurdo para Alice, então ela não disse nada, mas partiu imediatamente em direção à Rainha Vermelha. Para sua surpresa, ela a perdeu de vista em um momento e se viu entrando pela porta da frente novamente.

Um pouco provocada, ela recuou e, depois de procurar por toda parte a rainha (a quem finalmente avistou, muito longe), pensou em tentar o plano, desta vez, de caminhar na direção oposta.

Conseguiu lindamente. Ela não andou nem um minuto, antes de se encontrar cara a cara com a Rainha Vermelha, e bem como à vista da colina que ela estava mirando há tanto tempo.

"De onde você vem?" disse a Rainha Vermelha. "E onde você está indo? Olhe para cima, fale bem e não fique mexendo os dedos."

Alice atendeu a todas essas orientações e explicou, o melhor que pôde, que havia perdido seu caminho.

“Não sei o que você quer dizer com seu caminho”, disse a Rainha, “todos os caminhos por aqui me pertencem, mas por que você veio até aqui?” ela acrescentou em um tom mais gentil. “Faça uma reverência enquanto você pensa no que dizer, isso economiza tempo.”

Alice pensou um pouco sobre isso, mas ela estava muito admirada com a Rainha para não acreditar nela. “Vou tentar economizar tempo quando for para casa”, pensou consigo mesma, “da próxima vez que me atrasar um pouco para o jantar.”

“Agora é hora de você responder”, disse a Rainha, olhando para o relógio. “Abra a boca um pouco mais ao falar e sempre diga ‘Vossa Majestade’”.

“Eu só queria ver como era o jardim, Vossa Majestade...”

“Isso mesmo”, disse a Rainha, dando-lhe um tapinha na cabeça, o que Alice não gostou nem um pouco, “embora, você tenha dito 'jardim', eu já vi jardins, comparados com os quais isso seria um deserto.”

Alice não se atreveu a discutir o ponto, mas continuou: “...e eu pensei em tentar encontrar meu caminho até o topo daquela colina...”

“Quando você diz 'colina'”, a Rainha interrompeu, “ eu poderia lhe mostrar colinas, em comparação com as quais você chamaria essa de vale.”

“Não, eu não chamaria”, disse Alice, surpresa por finalmente contradizê-la. “Uma colina não pode ser um vale, você sabe. Isso seria um absurdo...”

A Rainha Vermelha balançou a cabeça, “Você pode chamar isso de ‘absurdo’ se quiser”, disse ela, “mas eu ouvi absurdos, comparadas com as quais isso seria tão sensato quanto um dicionário!”

Alice fez uma mesura de novo, pois temia pelo tom da rainha que ela estivesse um pouco ofendida, e elas caminharam em silêncio até chegarem ao topo da pequena colina.

Por alguns minutos Alice ficou sem falar, olhando em todas as direções sobre a paisagem, uma paisagem muito curiosa. Havia vários riachos minúsculos correndo de um lado para o outro, e o terreno entre eles era dividido em quadrados por uma série de pequenas sebes verdes, que se estendiam de riacho a riacho.

“Eu declaro que está marcado como um grande tabuleiro de xadrez!” Alice finalmente disse. “Deve haver alguns homens se movendo em algum lugar...e há!” Ela acrescentou em um tom de prazer, e seu coração começou a bater rápido com entusiasmo enquanto ela prosseguia. “É um grande jogo de xadrez que está sendo jogado, em todo o mundo...se este é o mundo, você sabe. Ah, que graça! Como eu gostaria de ser um deles! Eu não me importaria de ser um peão, se eu pudesse me juntar, embora é claro que eu gostaria de ser uma rainha, melhor.

Ela olhou timidamente para a verdadeira Rainha ao dizer isso, mas sua companheira apenas sorriu agradavelmente e disse. “Isso é facilmente

administrado, você pode ser o Peão da Rainha Branca, se quiser, já que Lily é muito jovem para jogar, e você está na Segunda casa, quando chegar a Oitava casa, você será uma Rainha...

Neste momento, não se sabe como, elas começaram a correr.

Alice nunca conseguiu entender, pensando nisso depois, como foi que elas começaram a correr, tudo o que ela se lembra é que eles estavam correndo de mãos dadas, e a Rainha foi tão rápida que ela se esforçou ao máximo para acompanhar, e ainda assim a Rainha continuou gritando "Mais rápido! Mais rápido!" mas Alice sentiu que não poderia ir mais rápido, embora não tivesse fôlego para dizer isso.

A parte mais curiosa da coisa era que as árvores e as outras coisas ao redor nunca mudavam de lugar, por mais rápido que fossem, nunca pareciam passar por nada. "Eu me pergunto se todas as coisas se movem junto com a gente?" pensou a pobre Alice intrigada. E a Rainha pareceu adivinhar seus pensamentos, pois gritou. "Mais rápido! Não tente falar!"

Não que Alice pensasse em fazer isso . Ela sentiu como se nunca mais pudesse falar, ela estava ficando sem fôlego, e a Rainha gritou "Mais rápido! Mais rápido!" e a arrastou. "Estamos quase lá?" Alice conseguiu finalmente ofegar.

"Quase lá!" a Rainha repetiu. "Ora, nós passamos dez minutos atrás! Mais rápido!" E eles correram por um tempo em silêncio, com o vento assobiando nos ouvidos de Alice, e quase soprando seus cabelos, ela imaginou.

"Agora! Agora!" gritou a Rainha. "Mais rápido! Mais rápido!" E elas foram tão rápidas que pareceram deslizar pelo ar, mal tocando o chão com os pés, até que de repente, quando Alice estava ficando muito exausta, elas pararam, e ela se viu sentada no chão, sem fôlego e tonta. .

A Rainha a apoiou contra uma árvore e disse gentilmente: "Você pode descansar um pouco agora."

Alice olhou em volta com grande surpresa. "Ora, eu acredito que estivemos debaixo desta árvore o tempo todo! Está tudo como estava!"

“Claro que está”, disse a Rainha, “o que você queria?”

“Bem, em nosso país”, disse Alice, ainda um pouco ofegante, “você geralmente chegaria a outro lugar...se você corresse muito rápido por muito tempo, como temos feito.”

“Um tipo de país lento!” disse a Rainha. “Agora, aqui, você vê, é preciso toda a corrida que você pode fazer para se manter no mesmo lugar. Se você quiser chegar a outro lugar, você deve correr pelo menos duas vezes mais rápido que isso!”

“Prefiro não tentar, por favor!” disse Alice. “Estou bastante contente em ficar aqui, só que estou com tanto calor e sede!”

“Eu sei bem do que você gostaria!” a Rainha disse bem-humorada, tirando uma caixinha do bolso. “Um biscoito?”

Alice achou que não seria educado dizer “não”, embora não fosse o que ela queria. Então ela o pegou e comeu do melhor jeito que pôde, e estava muito seco, ela pensou que nunca tinha sido tão sufocada em toda a sua vida.

“Enquanto você se refresca”, disse a Rainha, “vou tirar as medidas”. Ela tirou uma fita do bolso, marcada em polegadas, e começou a medir o chão, e enfiando pequenos pinos aqui e ali.

“Ao fim de dois metros”, ela disse, colocando uma estaca para marcar a distância, “eu lhe darei suas instruções. Quer outro biscoito?”

“Não, obrigada”, disse Alice, “um é o suficiente!”

“Sede saciada, espero?” disse a Rainha.

Alice não sabia o que responder a isso, mas felizmente a Rainha não esperou por uma resposta, e continuou. “Ao fim de três jardas, vou repetir as instruções, por medo de você as esquecer. Depois de quatro, direi adeus. E no final de cinco, eu irei!”

Ela já tinha colocado todas as estacas a essa altura, e Alice observou com grande interesse enquanto ela voltava para a árvore, e então começou a caminhar lentamente pela fileira.

No pino de duas jardas, ela virou-se e disse. “Um peão vai duas casas em seu primeiro movimento, você sabe. Assim, você passará muito rapidamente pela Terceira Casa...de trem, acho eu, e logo se encontrará na Quarta Casa. Bem, aquele quadrado pertence a Tweedledum e Tweedledee, A Quinta é predominantemente de água, A Sexta pertence a Humpty Dumpty. Mas você não faz nenhum comentário?

“Eu...eu não sabia que tinha que fazer um...até então.” Alice hesitou.

"Você deveria ter dito. 'É extremamente gentil da sua parte me dizer tudo isso', no entanto, vamos supor que disse, a Sétima Casa é somente floresta...no entanto, um dos Cavaleiros lhe mostrará o caminho, e na Oitava Casa seremos Rainhas juntas, e tudo é festa e diversão!" Alice se levantou e fez uma reverência, e sentou-se novamente.

No pino seguinte, a Rainha virou-se novamente e desta vez disse. “Fale em francês quando não conseguir pensar em português, vire os dedos dos pés enquanto caminha, e lembre-se de quem você é!”. Ela não esperou que Alice fizesse uma reverência desta vez, mas caminhou rapidamente para o próximo pino, onde se virou por um momento para dizer “adeus”, e então correu para o último.

Como aconteceu, Alice nunca soube, mas exatamente quando chegou ao último pino, ela se foi. Se ela desapareceu no ar, ou se ela correu rapidamente para a floresta (“e ela pode correr muito rápido!” pensou Alice), não havia como adivinhar, mas ela se foi, e Alice começou a se lembrar que ela era uma Peão, e que logo chegaria a hora de ela se mexer.



Claro que a primeira coisa a fazer, era fazer um grande levantamento do local pelo qual ela iria viajar. “É algo muito parecido com aprender geografia”, pensou Alice, enquanto ficava na ponta dos pés, na esperança de poder ver um pouco mais longe. “Rios principais...não há nenhum. Montanhas principais, estou na única, mas acho que não tem nome. Cidades principais...ora, o que são essas criaturas fazendo mel lá embaixo? Elas não podem ser abelhas, ninguém nunca viu abelhas a um quilômetro e meio de distância, você sabe...” e por algum tempo ela ficou em silêncio, observando uma delas que estava se movimentando entre as flores, enfiando sua probóscide nelas, “como se fosse uma abelha comum”, pensou Alice.

No entanto, isso era tudo menos uma abelha comum, na verdade, era um elefante, como Alice logo descobriu, embora a ideia a tenha tirado o fôlego no início. “E que flores enormes devem ser!” foi sua próxima ideia. “Algo como cabanas, com os telhados arrancados e os talos colocados nelas, e que quantidade de mel elas devem fazer! Acho que vou descer e... não, ainda não vou”. Continuou ela, controlando-se no momento em que começava a descer a colina e tentando encontrar alguma desculpa para ficar tão tímida de repente. “Não adianta descer no meio deles, sem um galho bem comprido para afastá-los, e como será divertido quando me perguntarem se gosto de caminhar por aqui. Eu direi 'Oh, eu gosto bastante...’” (neste momento, deu sua sacudida de cabeça favorita), “só que estava tão empoeirado e quente, e os elefantes incomodam tanto!”

“Acho que vou para o outro lado”, disse ela após uma pausa: “e talvez eu possa visitar os elefantes mais tarde. Além disso, quero muito entrar na Terceira Casa!”

Então, com essa desculpa, ela desceu o morro correndo e pulou o primeiro dos seis riachos.

* * * * *

* * * * *

* * * * *



"Bilhetes por favor!" disse o Guarda, enfiando a cabeça na janela. Em um momento, todos estavam segurando um bilhete, eram mais ou menos do tamanho das pessoas, e pareciam encher um vagão todo.

"E então! Mostre seu bilhete, criança!" disse o Guarda, olhando com raiva para Alice. E muitas vozes diziam juntas ("como o refrão de uma música", pensou Alice). "Não o deixe esperando, criança! Ora, o tempo dele vale mil libras por minuto!"

"Receio não ter um", Alice disse em um tom assustado: "não havia uma bilheteria de onde eu vim." E novamente o coro de vozes continuou. "Não

havia espaço para uma de onde ela veio. A terra lá vale mil libras por polegada!”

“Não dê desculpas”, disse o Guarda, “você deveria ter comprado um do maquinista.” E mais uma vez o coro de vozes continuou com “O homem que dirige o motor. Ora, só a fumaça vale mil libras por baforada!”

Alice pensou sozinha. “Então não adianta falar”. As vozes não se juntaram dessa vez, pois ela não havia falado, mas para sua grande surpresa, todas pensaram em coro (espero que você entenda o que significa pensar em coro, pois devo confessar que não entendo). “Melhor não dizer nada. A língua vale mil libras por palavra!”

“Vou sonhar com mil libras esta noite, sei que vou!” pensou Alice.

Todo esse tempo o Guarda estava olhando para ela, primeiro através de um telescópio, depois através de um microscópio e depois através de uma luneta. Por fim, ele disse. “Você está viajando na direção errada”, fechou a janela e foi embora.

“Uma criança tão pequena”, disse o senhor sentado em frente a ela (estava vestido de papel branco), “deveria saber para onde está indo, mesmo que não saiba o próprio nome!”

Um Bode, que estava sentado ao lado do senhor de branco, fechou os olhos e disse em voz alta. “Ela deve saber o caminho para a bilheteria, mesmo que não saiba o alfabeto!”

Havia um Besouro sentado ao lado do Bode (era um vagão muito esquisito, cheio de passageiros esquisitos), Como a regra parecia ser que cada um falasse na sua vez, ele continuou com “Ela vai ter que ser despachada com a bagagem!”

Alice não podia ver quem estava sentado atrás do Besouro, mas uma voz rouca falou em seguida. “Troque de trem...” mas se engasgou e foi obrigado a parar.

“Parece um cavalo”, Alice pensou consigo mesma. E uma voz extremamente baixa, perto de seu ouvido, disse. “Você pode fazer uma piada sobre isso, algo sobre 'cavalo' e 'rouco', você sabe.”

Então uma voz muito gentil ao longe disse: "Ela deve ser etiquetada como 'Menina-Frágil-Cuidado', você sabe..."

E depois disso outras vozes continuaram ("Que número de pessoas há no vagão!" pensou Alice), dizendo, "Ela deve ir pelo correio..." "Ela deve ser enviada como mensagem pelo telégrafo...", "Ela mesma deve puxar o trem pelo resto do caminho..." e assim por diante.

Mas o cavalheiro vestido de papel branco se inclinou para frente e sussurrou em seu ouvido, "Não importa o que todos dizem, minha querida, mas compre uma passagem de volta, quando o trem parar".

"Na verdade, eu não vou!" Alice disse um tanto impaciente. "Eu não pertenço a esta viagem de trem, eu estava em uma floresta agora, e gostaria de poder voltar para lá."

"Você pode fazer uma piada sobre isso ", disse a vozinha perto de seu ouvido. "algo sobre 'eu faria se pudesse', você sabe."

"Não provoque tanto", disse Alice, olhando em vão para ver de onde vinha a voz, "Se você está tão ansioso para fazer uma piada, por que você não faz uma?"

A vozinha suspirou profundamente, era muito infeliz, evidentemente, e Alice teria dito algo compassivo para consolá-la, "Se ao menos suspirasse como as outras pessoas!" ela pensou. Mas este foi um suspiro tão maravilhosamente pequeno, que ela não teria ouvido nada, se não tivesse chegado bem perto de seu ouvido. A consequência disso foi que fez muitas cócegas em seu ouvido, e tirou seus pensamentos de infelicidade sobre a pobre criatura.

"Eu sei que você é uma amiga," a vozinha continuou; "uma querida amiga e uma velha amiga. E você não vai me machucar, embora eu seja um inseto.

"Que tipo de inseto?" Alice perguntou um pouco ansiosa. O que ela realmente queria saber era se poderia ser picada ou não, mas achou que não seria uma pergunta muito civilizada.

“O que, então você não...” a vizinha começou, quando foi abafada por um grito estridente do motor, e todos pularam em alarde, Alice, e os outros.

O Cavalo, que tinha colocado a cabeça para fora da janela, calmamente puxou-a para dentro e disse: “É apenas um riacho que temos que pular”. Todos pareciam satisfeitos com isso, embora Alice se sentisse um pouco nervosa com a ideia de trens saltando. “No entanto, isso nos levará para a Quarta Casa, isso é um pouco de conforto!” ela disse para si mesma. Em um momento ela sentiu a carruagem erguer-se no ar, e com medo ela agarrou a coisa mais próxima de sua mão, que por acaso era a barba do Bode.

* * * * *

* * * * *

* * * * *

Mas a barba pareceu derreter quando ela a tocou, e ela se viu sentada calmamente debaixo de uma árvore, enquanto o Mosquito (pois aquele era o inseto com quem ela estava falando) estava se equilibrando em um galho logo acima de sua cabeça e abanando ela com suas asas.

Certamente era um mosquito muito grande: “mais ou menos do tamanho de uma galinha”, pensou Alice. Ainda assim, ela não podia ficar nervosa com isso, depois de terem conversado tanto tempo.

“...então você não gosta de todos os insetos?” o Mosquito continuou, tão silenciosamente como se nada tivesse acontecido.

“Eu gosto deles, quando eles podem falar” Alice disse. “Nenhum deles nunca fala, de onde eu venho.”

“De onde você vem, que tipo de inseto te alegra?” o Mosquito perguntou.

“Eu não me regozijo com insetos de forma alguma,” Alice explicou, “porque eu tenho bastante medo deles...pelo menos dos grandes. Mas posso dizer-lhe os nomes de alguns deles.

“É claro que eles respondem pelos nomes, não é?” o Mosquito comentou tranquilamente.

“Eu nunca soube que eles faziam isso.”

“Para que eles têm nomes”, disse o Mosquito, “se eles não respondem a eles?”

“Não tem utilidade para eles ”, disse Alice; “mas é útil para as pessoas que os nomeiam, suponho. Se não, por que as coisas têm nomes?”

“Eu não posso dizer”, respondeu o Mosquito. “Além disso, na floresta lá embaixo, eles não têm nomes, mas continue com sua lista de insetos, você está perdendo tempo.”

“Bem, há a Mosca”, Alice começou, contando os nomes em seus dedos.

“Tudo bem”, disse o Mosquito, “na metade daquele arbusto, você verá uma mosca cavalo de balanço. É feito inteiramente de madeira e se movimenta balançando-se de galho em galho.”

“Do que vive?” Alice perguntou, com grande curiosidade.

“Seiva e serragem”, disse o Mosquito. “Continue com a lista.”

Alice olhou para a mosca cavalo de balanço com grande interesse e decidiu que devia ter sido repintada, parecia tão brilhante e pegajosa, e então ela continuou.

“E há a Libélula.”

“Olhe no galho acima de sua cabeça”, disse o Mosquito, “e lá você encontrará uma libélula mordedora. Seu corpo é feito de pudim de ameixas, suas asas de folhas de azevinho e sua cabeça é uma uva passa flambada em conhaque.”

“E do que vive?”

“Mingau e torta de carne moída”, respondeu o Mosquito, “e faz seu ninho em caixas de presentes de Natal.”

“E também há a Borboleta”, Alice continuou, depois de dar uma boa olhada no inseto com a cabeça em chamas, e pensar consigo mesma, “Eu me pergunto se é por isso que os insetos gostam tanto de voar em direção às velas... porque eles querem se transformar em libélulas mordedoras!

“Rastejando aos seus pés”, disse o Mosquito (Alice puxou os pés para trás em algum alarme), “você pode observar um Pãoleta. Suas asas são fatias finas de pão com manteiga, seu corpo é uma crosta e sua cabeça é um torrão de açúcar.”

“E do que ele vive?”

“Chá fraco com creme.”

Uma nova dúvida surgiu na cabeça de Alice. “Supondo que ele não encontre nada disso?” ela sugeriu.

“Então morreria, é claro.”

“Mas isso deve acontecer com muita frequência,” Alice comentou pensativa.

“Isso sempre acontece”, disse o Mosquito.

Depois disso, Alice ficou em silêncio por um minuto ou dois, ponderando. O Mosquito divertiu-se, entretanto, cantarolando em volta da sua cabeça, por fim acalmou-se de novo e comentou, “Suponho que não queira perder o seu nome?”

“Não, de fato,” Alice disse, um pouco ansiosa.

“Não sei, não”, continuou o Mosquito em tom descuidado, “pense em como seria conveniente se você conseguisse ir para casa sem ele! Por exemplo, se a governanta quisesse chamá-la para suas aulas, ela gritaria 'venha aqui...' e aí ela teria que parar, porque não haveria nenhum nome para ela chamar, e é claro que você não teria que ir, você sabe.”

“Isso nunca daria certo, tenho certeza”, disse Alice, “a governanta nunca pensaria em me dispensar das aulas por isso. Se ela não conseguia lembrar meu nome, ela me chamava de 'Senhorita!' como os servos fazem.”

“Bem, se ela dissesse 'Senhorita' e não dissesse mais nada”, observou o Mosquito, “é claro que você perderia suas aulas. Isso é uma piada. Eu gostaria que você tivesse feito.”

“Por que você gostaria que eu tivesse feito isso? Alice perguntou. “É muito ruim.”

Mas o Mosquito apenas suspirou profundamente, enquanto duas grandes lágrimas desciam por suas bochechas.

“Você não deveria fazer piadas,” Alice disse, “se isso te deixa tão infeliz.”

Então veio outro daqueles suspiros melancólicos, e desta vez o pobre mosquito parecia realmente ter evaporado, pois, quando Alice olhou para cima, não havia nada para ser visto no galho. Como ela estava ficando com bastante frio ali sentada por tanto tempo, ela se levantou e continuou andando.

Ela logo chegou a um campo aberto, com um bosque do outro lado, parecia muito mais escuro do que o último bosque, e Alice sentiu-se um pouco nervosa em entrar nele. No entanto, pensando melhor, resolveu continuar, “pois certamente não voltarei”, pensou consigo mesma, e este era o único caminho para a Oitava Casa.

“Este deve ser o bosque”, disse ela pensativamente para si mesma, “onde as coisas não têm nome. Eu me pergunto o que será do meu nome quando eu entrar? Eu não gostaria de perdê-lo, porque eles teriam que me dar outro, e seria quase certo que seria feio. Mas aí, a diversão seria tentar encontrar a criatura que tinha meu antigo nome! Isso é exatamente como os cartazes, sabe, quando as pessoas perdem cachorros... 'responde pelo nome "Dash" usava uma coleira de latão', imagine sair chamando tudo que você conhece de 'Alice', até que uma dessas coisas responda! Só que elas não responderiam, se fossem espertas.”

Ela estava divagando assim quando chegou ao bosque, parecia muito fresco e sombrio. “Bem, de qualquer forma, é um grande conforto”, disse ela enquanto passava sob as árvores, “depois de estar tão quente, entrar no... no

quê?". Ela continuou, um tanto surpresa por não ser capaz de pensar na palavra. "Quero ficar sob o..., sob o..., sob isso, você sabe!" colocando a mão no tronco da árvore. "Como se chama, eu me pergunto? Eu acredito que não tem nome, ora, com certeza não tem!"

Ela ficou em silêncio por um minuto, pensando, então de repente começou de novo. "Então realmente aconteceu, afinal! E agora, quem sou eu? Eu vou lembrar, se eu puder! Estou determinado a fazer isso!" Mas ser determinada não ajudou muito, e tudo o que ela conseguiu dizer, depois de muita confusão, foi "L, eu sei que começa com L!"

Nesse momento, uma corça apareceu vagando, olhou para Alice com seus grandes olhos gentis, mas não parecia nem um pouco assustada. "Venha aqui! Venha aqui!" Alice disse, enquanto estendia a mão e tentava acariciá-la, mas a corça apenas se afastou um pouco para trás, e então ficou olhando para ela novamente.

"Como você se chama?" a Corça disse finalmente. Tinha uma voz tão doce e suave.

"Eu gostaria de saber!" pensou a pobre Alice. Ela respondeu, um tanto triste, "Nada, no momento".

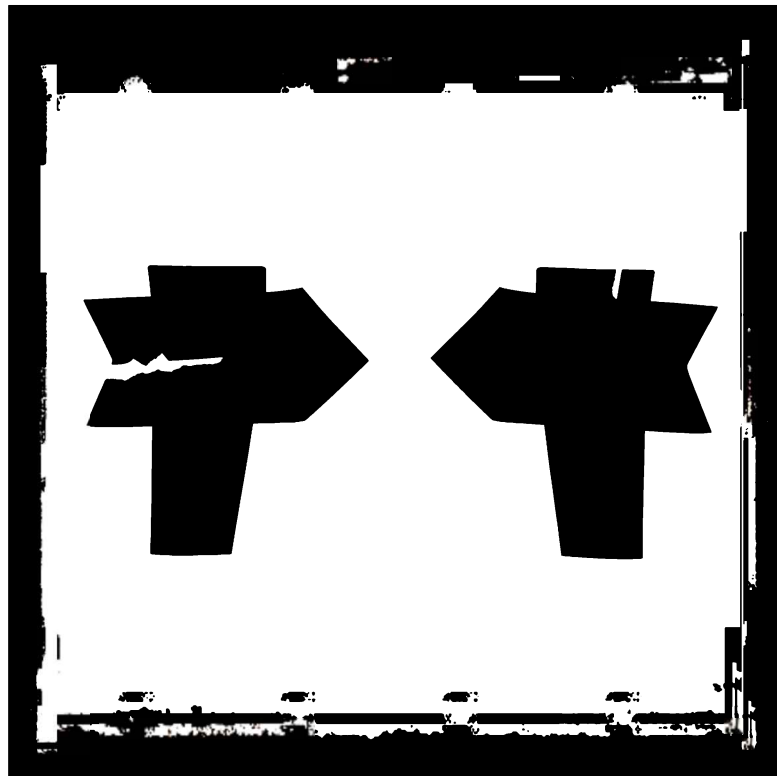
"Pense de novo", ela disse, "Esse não é bom."

Alice pensou, mas não deu em nada. "Por favor, você poderia me dizer como você se chama?" ela disse timidamente. "Acho que isso pode ajudar um pouco."

"Eu vou te dizer, se você caminhar um pouco mais adiante", disse a Corça. "Aqui, não me lembro."

Então elas caminharam juntas pela floresta, Alice com seus braços carinhosamente abraçados ao redor do pescoço macio da Corça, até que elas saíram para outro campo aberto, e aqui a Corça deu um salto súbito no ar, e se livrou do abraço de Alice. "Eu sou uma Corça!" gritou com uma voz de prazer "e, minha querida! você é uma criança humana!" Um súbito olhar de alarme surgiu em seus lindos olhos castanhos, e em um momento ela se afastou a toda velocidade.

Alice ficou olhando para ela, quase pronta para chorar de vexame por ter perdido sua querida companheira de viagem tão de repente. “No entanto, eu sei meu nome agora.” ela disse, “isso é um pouco confortante. Alice...Alice, eu não vou esquecer de novo. E agora, eu me pergunto, qual dessas duas placas eu devo seguir?”



Não era uma pergunta muito difícil de responder, pois havia apenas uma estrada através da floresta, e as duas placas apontavam para ela. “Eu vou resolver isso”, Alice disse para si mesma, “quando a estrada se dividir e placas apontarem para caminhos diferentes.”

Mas isso parecia pouco provável de acontecer. Ela seguiu em frente, por um longo caminho, mas onde quer que a estrada se dividisse, certamente havia duas placas apontando para a mesma direção, uma marcada “PARA CASA DE TWEEDLEDUM” e a outra “PARA CASA DE TWEEDLEDEE”.

“Eu acredito”, disse Alice finalmente, “que eles moram na mesma casa! Como não pensei nisso antes... Mas não posso ficar lá muito tempo. Eu vou passar por lá e dizer 'como vão vocês?' e pergunte-lhes o caminho para fora

da floresta. Espero poder chegar à Oitava Casa antes que escureça!” Então ela continuou vagando, falando consigo mesma enquanto andava, até que, ao virar uma curva fechada, encontrou dois homenzinhos gordos, tão de repente que ela não pôde deixar de recuar, mas em um momento ela se recuperou, certa de que eles devem ser...



wweedledum e Tweedledee

Eles estavam debaixo de uma árvore, cada um com um braço em volta do pescoço do outro, e Alice soube qual era qual em um momento, porque um deles tinha “DUM” bordado na gola e o outro “DEE”. “Acho que cada um deles tem ‘TWEEDLE’ redondo na parte de trás da gola”, disse ela para si mesma.

Eles ficaram tão parados que ela quase esqueceu que estavam vivos, e estava apenas olhando em volta para ver se a palavra ‘TWEEDLE’ estava escrita na parte de trás de cada gola, quando ela se assustou com uma voz vinda daquele marcado “DUM. ”

“Se você acha que somos bonecos de cera”, ele disse, “você deveria pagar, você sabe. As obras de cera não foram feitas para serem vistas à toa, de jeito nenhum!”

“Ao contrário”, acrescentou o marcado “DEE”, “se você acha que estamos vivos, você deveria falar”.

“Sinto muito”, foi tudo o que Alice conseguiu dizer, pois as palavras da velha canção não paravam de soar em sua cabeça como o tique-taque de um relógio, e ela mal podia deixar de dizê-las em voz alta:

“Tweedledum e Tweedledee
concordaram em ter uma batalha,
Pois Tweedledum disse que Tweedledee
havia estragado seu belo chocalho novo.

Nesse momento voou um corvo monstruoso,
Negro como um barril de alcatrão,
O que assustou tanto os heróis que
eles esqueceram sua briga.”

“Eu sei o que você está pensando”, disse Tweedledum, “mas não é assim, de jeito nenhum.”

“Ao contrário”, continuou Tweedledee, “se foi assim, pode ser, e se fosse assim, seria, mas como não é, não é. Isso é lógica.”

“Eu estava pensando,” Alice disse muito educadamente, “qual é a melhor maneira de sair desta floresta, está ficando tão escuro. Vocês poderiam me dizer, por favor?”

Mas os homenzinhos apenas se entreolharam e sorriram.

Eles se pareciam tanto com dois grandes colegiais, que Alice não pôde deixar de apontar o dedo para Tweedledum e dizer “Primeiro aluno!”

“De jeito nenhum!” Tweedledum gritou rapidamente e fechou a boca novamente com um estalo.

“Próximo aluno!” disse Alice, passando para Tweedledee, embora tivesse certeza de que ele apenas gritaria “Pelo contrário!” e assim o fez.

“Você errou!” gritou Tweedledum. “A primeira coisa em uma visita é dizer 'Como vai?' e apertar as mãos!” E aqui os dois irmãos se abraçaram, e depois estenderam as duas mãos que estavam livres, para apertar a mão dela.

Alice não gostou de apertar a mão de um deles primeiro, por medo de ferir os sentimentos do outro, então, como a melhor saída para a situação, ela

segurou as duas mãos ao mesmo tempo, no momento seguinte eles estavam dançando em círculo. Isso parecia bastante natural (Alice lembrou depois), e ela nem se surpreendeu ao ouvir música tocando, parecia vir da árvore sob a qual eles dançavam, era tocada (ela concluiu) pelos galhos se esfregando um no outro, como violinos e varas de violino.

“Mas certamente foi engraçado” (Alice disse depois, quando ela estava contando a história de tudo isso para a irmã), “me encontrar cantando 'Aqui vamos nós ao redor da amoreira' Não sei quando comecei, mas de alguma forma senti como se estivesse cantando há muito tempo!”

Os dois dançarinos eram gordos e logo ficaram sem fôlego. “Quatro voltas são suficientes para uma dança”, Tweedledum ofegou, e eles pararam de dançar tão repentinamente quanto começaram, a música parou no mesmo momento.

Em seguida, soltaram as mãos de Alice e ficaram olhando para ela por um minuto, houve uma pausa um tanto constrangedora, pois Alice não sabia como iniciar uma conversa com as pessoas com quem acabara de dançar. “Nunca seria bom dizer 'Como vai?' agora ”, disse para si mesma, “parece que já passamos dessa etapa!”

“Espero que vocês não estejam muito cansados?” ela disse finalmente.

“De jeito nenhum. E muito obrigado por perguntar”, disse Tweedledum.

“Muito obrigado!” acrescentou Tweedledee. “Você gosta de poesia?”

“Sim, muito...um pouco...,” Alice disse duvidosamente. “Você poderia me dizer qual estrada leva para fora da floresta?”

“O que devo recitar para ela?” disse Tweedledee, olhando para Tweedledum com grandes olhos solenes, sem perceber a pergunta de Alice.

“‘A Morsa e o Carpinteiro’ é o mais longo”, respondeu Tweedledum, dando um abraço carinhoso no irmão.

Tweedledee começou instantaneamente:

“O sol estava brilhando...”

Aqui Alice se aventurou a interrompê-lo. “Se for muito longo”, ela disse, o mais educadamente que pôde, “você poderia me dizer primeiro qual estrada...”

Tweedledee sorriu gentilmente e recomeçou:

“O sol estava brilhando no mar,
Brilhando com todas as suas forças,
Ele fez o seu melhor para tornar
As ondas suaves e brilhantes...
E isso era estranho, porque estava
No meio da noite.

A lua brilhava mal-humorada,
porque ela achava que o sol
não tinha nada que estar lá
Depois que o dia acabou
... 'É muito rude da parte dele', ela disse,
'vir e estragar a diversão!'

O mar estava molhado como podia estar,
A areia estava seca, mais do que podia estar
Você não podia ver uma nuvem, porque...
Nenhuma nuvem estava no céu,
Nenhum pássaro estava voando sobre a cabeça,
Não havia pássaros para voar.

A Morsa e o Carpinteiro
Estavam andando quase de mãos dadas,
Eles choraram como ninguém ao ver
A quantidade de areia:
'Se isso fosse removido,'

Eles disseram, ' seria ótimo!'

'Se sete empregadas com sete esfregões
varrerem por meio ano,
você acha', disse a Morsa,
'que poderiam tirar isso?'
'Duvido', disse o Carpinteiro,
E derramou uma lágrima amarga.

'Ó Ostras, venham caminhar conosco!'
A Morsa implorou.

'Um passeio agradável, uma conversa agradável,
Ao longo da praia salgada,
Não podemos ser mais de quatro,
Para todos se darem as mãos.'

A Ostra mais velha olhou para ele.
Mas não disse nenhuma palavra,
A Ostra mais velha piscou o olho,
E balançou a cabeça pesada,
Querendo dizer que não escolheu
Deixar sua moradia

Mas quatro jovens ostras se apressaram,
Todas ansiosos pelo mimo,
Seus casacos estavam escovados, seus rostos lavados,
Seus sapatos estavam limpos e arrumados...
E isso era estranho, porque, você sabe,
Elas não tinham pés.

Quatro outras ostras as seguiram,

E mais outras quatro,
Eram muitas e vinham rápido,
E mais, e mais, e mais,
Todas pulando pelas ondas espumosas,
E se arrastando para a praia.

A Morsa e o Carpinteiro
Andaram mais ou menos uma milha,
E então eles descansaram em uma rocha
Convenientemente baixa,
E todas as pequenas Ostras ficaram
E esperaram em fila.

"Chegou a hora", disse a Morsa,
"de falar de muitas coisas,
De sapatos...e navios...e cera de foca...
De repolhos...e reis...
E por que o mar está fervendo...
E se os porcos têm asas."

'Mas espere um pouco', gritaram as Ostras,
'antes de conversarmos,
Pois algumas de nós estão sem fôlego,
E todas nós somos gordas!'
'Sem pressa!' disse o Carpinteiro.
Elas o agradeceram muito por aquilo.

'Um pedaço de pão', disse a Morsa,
'é o que mais precisamos,
Pimenta e vinagre
Além de tudo são muito bons...

Agora, se vocês estiverem prontas, ostras, queridas,
podemos começar a nos alimentar.

'Mas não nós!' as Ostras gritaram,
Ficando um pouco azuis,
'Depois de tanta gentileza, isso seria
uma coisa lúgubre de se fazer!'
'A noite está boa', disse a Morsa
'Vocês admiram a vista?

...Foi tão gentil da sua parte vir!
E você é muito legal!
O Carpinteiro não disse nada além
de 'Corte outra fatia,
eu gostaria que você não fosse tão surdo
... tive que pedir duas vezes!'

'Parece uma pena', disse a Morsa,
'Ihes pregar uma peça assim,
Depois de trazê-las de tão longe,
E os fez trotar tão rápido!
O Carpinteiro não disse nada além de
'A manteiga está muito grossa!'

"Choro por vocês" disse a Morsa.
"Sinto profundamente."
Com soluços e lágrimas ele separou
Aquelas de maior tamanho.
Segurando seu lenço de bolso
Diante de seus olhos lacrimejantes.

"Ó Ostras", disse o Carpinteiro.
"Vocês tiveram uma viagem agradável!
Vamos voltar para casa?
Mas não veio nenhuma resposta ...
E isso não era nada estranho, porque
Eles comeram todas.

"Eu gosto mais da Morsa", disse Alice, "porque pode se ver que ela estava com um pouco de pena das pobres ostras."

"Mas ela comeu mais do que o Carpinteiro", disse Tweedledee. "Se vê que ele segurou o lenço na frente, para que o Carpinteiro não pudesse contar quantos ela pegou. Pelo contrário."

"Isso foi maldade!" Alice disse indignada. "Então eu gosto mais do Carpinteiro...se ele não comeu tantas quanto a Morsa."

"Mas ele comeu o máximo que conseguiu", disse Tweedledum.

Isso era um dilema. Depois de uma pausa, Alice começou, "Bem! Ambos eram personagens muito desagradáveis... Aqui ela se conteve com algum alarme, ao ouvir algo que lhe parecia o bufar de uma grande máquina a vapor na floresta perto deles, embora ela temesse que fosse mais provável que fosse uma fera selvagem. "Há leões ou tigres por aqui?" ela perguntou timidamente.

"É apenas o Rei Vermelho roncando", disse Tweedledee.

"Venha e olhe para ele!" Os irmãos gritaram, e cada um deles pegou uma das mãos de Alice e a levou até onde o rei estava dormindo.

"Ele não é uma visão adorável?" disse Tweedledum.

Alice não podia dizer honestamente que era. Ele estava com um gorro de dormir vermelho alto, com uma borla, e estava deitado parecia ser uma espécie de pilha de roupas desarrumada, e roncando alto, "roncos que podem explodir a sua cabeça!" como Tweedledum observou.

"Tenho medo de que ele fique resfriado deitado na grama úmida", disse Alice, que era uma garotinha muito pensativa.

“Ele está sonhando agora”, disse Tweedledee, “e com o que você acha que ele está sonhando?”

Alice disse “Ninguém pode adivinhar isso”.

“Está sonhando com você!” Tweedledee exclamou, batendo palmas triunfantemente. “E se ele parasse de sonhar com você, onde você acha que estaria?”

“Onde estou agora, é claro”, disse Alice.

“Não!” Tweedledee retrucou com desprezo. “Você não estaria em lugar nenhum. Ora, você é apenas uma espécie de coisa no sonho dele!

“Se aquele rei acordasse”, acrescentou Tweedledum, “você sumiria...*puff!*, como uma vela!”

“Eu não sumiria!” Alice exclamou indignada. “Além disso, se eu sou apenas uma espécie de coisa em seu sonho, o que você é, eu gostaria de saber?”

“Idem”, disse Tweedledum.

“Idem, idem” gritou Tweedledee.

Ele gritou isso tão alto que Alice não pôde deixar de dizer, “Silêncio! Você vai acordá-lo, temo, se fizer tanto barulho.

“Bem, não adianta você falar sobre acordá-lo”, disse Tweedledum, “quando você é apenas uma das coisas em seu sonho. Você sabe muito bem que não é real.”

“Eu sou real!” disse Alice e começou a chorar.

“Você não vai se tornar um pouco mais real chorando”, comentou Tweedledee, “não há motivo para chorar”.

“Se eu não fosse real,” Alice disse, meio rindo em meio às lágrimas, tudo parecia tão ridículo, “eu não deveria ser capaz de chorar.”

“Espero que você não ache que são lágrimas de verdade?” Tweedledum interrompeu em tom de grande desprezo.

“Eu sei que eles estão falando bobagem”, Alice pensou consigo mesma, “e é tolice chorar por isso.” Então ela enxugou as lágrimas e continuou o mais alegremente que pôde. “De qualquer forma, é melhor eu

sair da floresta, pois realmente está ficando muito escuro. Vocês acham que vai chover?"

Tweedledum estendeu um grande guarda-chuva sobre ele e seu irmão e olhou para ele. "Não, eu não acho que vai", ele disse, "pelo menos não aqui embaixo, de jeito nenhum".

"Mas pode chover aqui fora?"

"Pode... se ela quiser", disse Tweedledee, "não temos nenhuma objeção. Ao contrário."

"Criaturas egoístas!" pensou Alice, ela ia apenas dizer "boa noite" e deixá-los, quando Tweedledum saltou de debaixo do guarda-chuva e a agarrou pelo pulso.

"Você vê isso ?" ele disse, com a voz engasgada de paixão, e seus olhos ficaram grandes e amarelos em um momento, quando ele apontou com um dedo trêmulo para uma coisinha branca deitada debaixo da árvore.

"É apenas um chocalho", disse Alice, após um exame cuidadoso da coisinha branca. "Não, é uma cascavel , você sabe", ela acrescentou apressadamente, pensando que ele estava com medo, "apenas um chocalho velho, bem velho e quebrado."

"Eu sabia que era!" exclamou Tweedledum, começando a bater os pés freneticamente e a arrancar os cabelos. "Está estragado, claro!" Aqui ele olhou para Tweedledee, que imediatamente se sentou no chão e tentou se esconder sob o guarda-chuva.

Alice colocou a mão no braço dele e disse em um tom tranquilizador, "Você não precisa ficar tão bravo com um chocalho velho".

"Mas não é velho!" Tweedledum gritou, mais furioso do que nunca. "É novo, eu lhe digo, eu comprei ontem, meu lindo CHOCALHO novo!" e sua voz se elevou a um grito perfeito.

Todo esse tempo Tweedledee estava tentando o seu melhor para dobrar o guarda-chuva, com ele dentro dele, o que era uma coisa tão extraordinária de se fazer, que tirou a atenção de Alice do irmão irritado. Mas ele não conseguiu, e acabou rolando, enrolado no guarda-chuva, com apenas

a cabeça para fora, e lá estava ele, abrindo e fechando a boca e os olhos grandes, “mais parecendo um peixe do que qualquer outra coisa”, pensou Alice.

“É claro que você concorda em ter uma batalha?” Tweedledum disse em um tom mais calmo.

“Acho que sim”, respondeu o outro mal-humorado, enquanto se arrastava para fora do guarda-chuva, “só que ela deve nos ajudar com os trajes, você sabe.”

Assim, os dois irmãos entraram de mãos dadas no bosque e voltaram em um minuto com os braços cheios de coisas, como travesseiros, cobertores, tapetes de lareira, toalhas de mesa, tampas de pratos e baldes de carvão. “Espero que você tenha uma boa mão em alfinetar e amarrar cordas?” comentou Tweedledum. “Cada uma dessas coisas tem que ornar, de uma forma ou de outra.”

Alice disse depois, que ela nunca tinha visto tanto alvoroço feito por qualquer coisa em toda a sua vida, a maneira como aqueles dois se movimentavam, e a quantidade de coisas que eles vestiam, e o trabalho que eles deram a ela para amarrar cordas e botões, “Realmente eles serão mais como trouxas de roupas velhas do que qualquer outra coisa, quando estiverem prontos!” Ela disse para si mesma, enquanto arrumava um travesseiro no pescoço de Tweedledee, “para evitar que a cabeça dele fosse cortada”, como ele disse.

“Sabe,” ele acrescentou muito gravemente, “é uma das coisas mais sérias que podem acontecer a alguém em uma batalha, ter a cabeça cortada.”

Alice riu alto, mas conseguiu transformar o riso em tosse, com medo de ferir seus sentimentos.

“Eu pareço muito pálido?” disse Tweedledum, aproximando-se para amarrar o capacete. (Ele o chamou de capacete, embora certamente parecesse muito mais com uma panela.)

“Bem... sim... um pouco ,” Alice respondeu gentilmente.

“Sou muito corajoso em geral”, continuou ele em voz baixa, “só que hoje, estou com dor de cabeça.”

“E eu estou com dor de dente!” disse Tweedledee, que ouvira o comentário. “Estou muito pior do que você!”

“Então é melhor vocês não brigarem hoje”, disse Alice, achando que era uma boa oportunidade para fazer as pazes.

“Devemos ter um pouco de luta, mas não me importo em fazer isso por pouco tempo”, disse Tweedledum. “Que horas são agora?”

Tweedledee olhou para o relógio e disse “Quatro e meia”.

“Vamos lutar até às seis e depois jantar”, disse Tweedledum.

“Muito bem”, disse o outro, um tanto triste, “e ela pode nos observar, só que é melhor você não chegar muito perto”, acrescentou: “Geralmente bato em tudo o que vejo, quando fico muito animado”.

“E eu atinjo tudo ao meu alcance”, gritou Tweedledum, “quer eu veja ou não!”

Alice riu. “Você deve bater nas árvores com bastante frequência, eu acho”, disse ela.

Tweedledum olhou em volta com um sorriso satisfeito. “Eu suponho”, disse ele, “que não vai sobrar uma árvore de pé, aqui por perto, quando terminarmos!”

“E tudo isso por um chocalho!” disse Alice, ainda esperando deixá-los um pouco envergonhados de lutar por uma ninharia.

“Eu não teria me importado tanto”, disse Tweedledum, “se não fosse novo.”

“Gostaria que o corvo monstruoso viesse!” pensou Alice.

“Há apenas uma espada, você sabe”, disse Tweedledum ao irmão, “mas você pode ficar com o guarda-chuva, é tão afiado quanto. Só devemos começar rápido. Está ficando mais escuro.”

“E mais escuro”, disse Tweedledee.

Estava escurecendo tão de repente que Alice pensou que devia haver uma tempestade se aproximando. “Que nuvem negra grossa é essa!” ela disse. “E como vem rápido! Ora, eu acredito que tem asas!”

“É o corvo!” Tweedledum gritou com uma voz estridente de alarme, e os dois irmãos correram e desapareceram em um momento.

Alice correu um pouco para dentro da floresta e parou debaixo de uma grande árvore. “ Aqui nunca poderia me atingir ”, pensou ela: “é grande demais para se espremer entre as árvores. Mas eu gostaria que ele não batesse as asas assim, faz um furacão e tanto na floresta, e aqui está o xale de alguém, sendo levado pelo vento!”



Lá e Água

Ela pegou o xale enquanto falava e procurou o dono, em outro momento a Rainha Branca veio correndo loucamente pela floresta, com os dois braços estendidos, como se estivesse voando, e Alice muito civilizada foi ao seu encontro com o xale.

“Estou muito feliz por estar no caminho dele,” Alice disse, enquanto a ajudava a colocar seu xale novamente.

A Rainha Branca apenas olhava para ela de um jeito impotente e assustado, e ficava repetindo algo em um sussurro para si mesma que soava como “pão com manteiga, pão com manteiga”, e Alice sentiu que se houvesse qualquer conversa, ela deve administrá-la sozinha. Então ela começou timidamente, “Estou me dirigindo à Rainha Branca?”

"Bem, sim, se você chama isso de dirigir", disse a Rainha. "Não é a minha noção da coisa, de forma alguma."

Alice pensou que nunca seria bom ter uma discussão no início da conversa, então ela sorriu e disse, "Se Vossa Majestade apenas me disser por onde começar, farei isso da melhor maneira possível".

"Mas eu não quero que isso seja feito, de jeito nenhum!" gemeu a pobre rainha. "Eu me preparei nas últimas duas horas."

Teria sido ainda melhor, se ela tivesse alguém para vesti-la, ela estava terrivelmente desarrumada. "Tudo está torto", Alice pensou consigo mesma, "e ela está cheia de alfinetes!", "posso endireitar seu xale para você?" ela acrescentou em voz alta.

"Eu não sei qual é o problema dele!" a Rainha disse, com uma voz melancólica. "Imagino ser mau humor, eu acho. Eu prendi com alfinetes aqui e prendi ali, mas não há como agradá-lo!"

"Não vai dar certo, você sabe, se você prender tudo de um lado só," Alice disse, enquanto gentilmente ajeitava para ela, "e, meu Deus, em que estado seu cabelo está!"

"A escova se enroscou nele!" a Rainha disse com um suspiro. "E eu perdi o pente ontem."

Alice cuidadosamente soltou a escova e fez o possível para arrumar o cabelo. "Venha, você está bem melhor agora!" ela disse, depois de arrumar a maioria dos alfinetes. "Mas realmente você deveria ter uma empregada majestade!"

"Tenho certeza que vou te receber com prazer!" disse a Rainha. "Dois pence por semana e geleia a cada dois dias."

Alice não pôde deixar de rir ao dizer, "Não quero que você me contrate, e não ligo para geleia".

"É uma geleia muito boa", disse a Rainha.

"Bem, de qualquer forma, eu não quero nenhuma hoje."

"Você não poderia tê-la se quisesse ", disse a Rainha. "A regra é geleia amanhã e geleia ontem, mas nunca geleia hoje."

"Em algum momento deve ter 'geleia hoje'", Alice respondeu.

"Não, impossível", disse a Rainha. "Geleia são para qualquer outro dia, hoje não é qualquer outro dia, você sabe."

"Eu não entendo você," disse Alice. "É terrivelmente confuso!"

"Esse é o efeito de viver de trás para frente", disse a Rainha gentilmente, "sempre deixa a pessoa um pouco tonta no começo..."

"Viver ao contrário!" Alice disse com grande espanto. "Nunca ouvi falar de tal coisa!"

"...mas há uma grande vantagem nisso, a memória funciona nos dois sentidos."

"Tenho certeza que a minha só funciona de uma maneira," Alice comentou. "Não consigo me lembrar das coisas antes que aconteçam."

"É um tipo pobre de memória, essa que só funciona para trás", observou a Rainha.

"De que tipo de coisas você se lembra melhor?" Alice aventurou-se a perguntar.

"Ah, coisas que aconteceram na semana seguinte", a Rainha respondeu em um tom descuidado. "Por exemplo," ela continuou, colocando um grande pedaço de gesso em seu dedo enquanto falava, "o Mensageiro do Rei, ele está na prisão agora, sendo punido, e o julgamento só começa na próxima quarta-feira, e é claro que o crime vem por último."

"Suponha que ele nunca cometa o crime?" disse Alice.

"Isso seria muito melhor, não seria?" disse a Rainha, enquanto amarrava o gesso no dedo com um pedaço de fita.

Alice sentiu que não havia como negar isso. "Claro que seria muito melhor", disse ela, "mas não seria muito melhor se ele fosse punido."

"Você está errada, de qualquer forma", disse a Rainha, "você já foi punida?"

"Só por faltas", disse Alice.

"E você melhorou depois disso, eu sei!" A Rainha disse triunfante.

“Sim, mas eu fiz as coisas pelas quais fui punida”, disse Alice, “isso faz toda a diferença.”

“Mas se você não os tivesse feito”, disse a Rainha, “teria sido melhor ainda, melhor, e melhor, e melhor!” Sua voz ficava mais alta com cada “melhor”, até que finalmente chegou a um guincho.

Alice estava começando a dizer “Há um erro nisso...”, quando a Rainha começou a gritar tão alto que ela teve que deixar a frase inacabada. “Oh oh oh!” gritou a Rainha, sacudindo a mão como se quisesse se livrar dela. “Meu dedo está sangrando! Ai, ai, ai!”

Seus gritos eram tão exatamente como o apito de uma máquina a vapor, que Alice teve que tapar os ouvidos com as duas mãos.

“Qual é o problema?” ela disse, assim que houve uma chance de se fazer ouvir. “Você espetou o dedo?”

“Ainda não o espetei”, disse a Rainha, “mas logo o farei, oh, oh, oh!”

“Quando você espera fazer isso?” Alice perguntou, sentindo-se muito inclinada a rir.

“Quando eu amarrar meu xale novamente”, a pobre Rainha gemeu, “o broche irá se abrir sozinho. Ah, ah!” Enquanto ela dizia as palavras, o broche se abriu, e a Rainha tentou agarrá-lo loucamente.

“Cuidado!” gritou Alice. “Você está segurando torto!” Ela pegou o broche, mas era tarde demais, o alfinete havia escorregado, e a Rainha havia espetado o dedo.

“Isso explica o sangramento, você vê,” ela disse a Alice com um sorriso. “Agora você entende como as coisas acontecem aqui.”

“Mas por que você não grita agora?” Alice perguntou, com as mãos prontas para tapar as orelhas novamente.

“Ora, eu dei todos os gritos”, disse a Rainha. “Qual seria a graça de dá-los de novo?”

A essa altura já estava clareando. “O corvo deve ter voado para longe, eu acho”, disse Alice. “Estou tão feliz que ele se foi. Achei que era a noite chegando.”

“Gostaria de conseguir ser feliz! ” disse a Rainha. “Só que eu nunca consigo me lembrar da regra. Você deve ser muito feliz, morando nesta floresta e se alegrando sempre que quiser!”

“Só que aqui é muito solitário!” Alice disse com uma voz melancólica, e ao pensar em sua solidão, duas grandes lágrimas rolaram por suas faces.

“Ah, não faça isso!” gritou a pobre Rainha, torcendo as mãos em desespero. “Considere a ótima garota que você é. Considere o longo caminho que percorreu hoje. Considere que horas são. Considere qualquer coisa, só não chore!”

Alice não pôde deixar de rir disso, mesmo em meio às lágrimas. “Você consegue evitar chorar considerando as coisas?” ela perguntou.

“É assim que se faz”, disse a Rainha com grande decisão, “ninguém pode fazer duas coisas ao mesmo tempo, você sabe. Vamos começar com sua idade, quantos anos você tem?”

“Tenho exatamente sete anos e meio.”

“Você não precisa dizer 'exatamente'”, observou a Rainha, “Posso acreditar sem isso. Agora eu vou te dar algo em que acreditar. Tenho apenas cento e um, cinco meses e um dia.”

“Eu não posso acreditar nisso!” disse Alice.

“Você não pode?” A Rainha disse em um tom de pena. “Tente novamente, respire fundo e feche os olhos.”

Alice riu. “Não adianta tentar”, disse ela, “não se pode acreditar em coisas impossíveis”.

“Ouso dizer que você não tem muita prática”, disse a Rainha. “Quando eu tinha a sua idade, eu sempre fazia isso meia hora por dia. Já acreditei em até seis coisas impossíveis antes do café da manhã. Lá se vai o xale de novo!”

O broche se desfez enquanto ela falava, e uma súbita rajada de vento soprou o xale da Rainha sobre um pequeno riacho. A rainha abriu os braços novamente e saiu voando atrás dele, e desta vez conseguiu pegá-lo por si

mesma. "Eu consegui!" ela gritou em um tom triunfante. "Agora você vai me ver prendê-lo de novo, sozinha!"

"Seu dedo está melhor agora?" Alice disse muito educadamente, enquanto atravessava o pequeno riacho atrás da Rainha.

* * * * *

* * * * *

* * * * *

"Ah, muito melhor!" gritou a Rainha, sua voz subindo para um guincho enquanto ela prosseguia. "Muito melhor! muito melhor! melh-hhh-hh! Be-e-ehh!" A última palavra terminou em um balido longo, tão parecido com uma ovelha que Alice deu um pulo.

Ela olhou para a Rainha, que parecia ter se enrolado de repente em lã. Alice esfregou os olhos e olhou novamente. Ela não conseguia entender o que tinha acontecido. Ela estava em uma loja? E isso era realmente...era realmente uma ovelha que estava sentada do outro lado do balcão? Esfregando como podia, ela não conseguia fazer mais nada, ela estava em uma lojinha escura, apoiada com os cotovelos no balcão, e em frente a ela estava uma velha Ovelha, sentada em uma poltrona tricotando, e de vez em quando, a olhava através de um grande par de óculos.

"O que você quer comprar?" a Ovelha disse finalmente, erguendo os olhos por um momento de seu tricô.

"Eu ainda não sei," Alice disse, muito gentilmente. "Gostaria de olhar ao meu redor primeiro, se puder."

"Você pode olhar para a frente e para os dois lados, se quiser", disse a Ovelha, "mas você não pode olhar para trás, a menos que tenha olhos atrás da cabeça."

Mas isso Alice não tinha, então ela se contentou em virar-se, olhando para as prateleiras enquanto se aproximava delas.

A loja parecia estar cheia de todo tipo de coisas curiosas - mas a parte mais estranha de tudo era que, sempre que ela olhava com atenção para qualquer prateleira, para ver exatamente o que havia nela, aquela prateleira em particular estava sempre bem vazia, embora as outras ao redor estavam lotados o máximo que podiam.

“As coisas passeiam por aqui!” Ela disse finalmente em um tom queixoso, depois de ter passado um minuto ou mais perseguindo em vão uma coisa grande e brilhante, que às vezes parecia uma boneca e às vezes uma caixa de costura, e estava sempre na prateleira logo acima da que ela estava olhando. “E este é o mais provocador de todos, mas vou lhe dizer uma coisa...” ela acrescentou, quando um pensamento súbito a atingiu, “vou segui-la até a prateleira mais alta de todas. Não vai atravessar o teto, eu espero!”

Mas mesmo esse plano falhou, a “coisa” atravessou o teto o mais silenciosamente possível, como se estivesse bastante acostumada a isso.

“Você é uma criança ou um pião?” disse a Ovelha, enquanto pegava outro par de agulhas. “Você vai me deixar tonta em breve, se você continuar girando assim.” Ela agora estava trabalhando com quatorze pares ao mesmo tempo, e Alice não pôde deixar de olhar para ela com grande espanto.

“Como ela pode tricotar com tantas agulhas?” a criança intrigada pensou consigo mesma. “Ela fica cada vez mais parecida com um porco-espinho a cada minuto!”

“Você sabe remar?” a Ovelha perguntou, entregando-lhe um par de agulhas de tricô enquanto ela falava.

“Sim, um pouco, mas não em terra, e não com agulhas...” Alice estava começando a dizer, quando de repente as agulhas se transformaram em remos em suas mãos, e ela descobriu que elas estavam em um pequeno barco, deslizando entre as margens, então não havia nada a mais para se fazer, apenas dar o seu melhor.

“Pena!” gritou a Ovelha, enquanto pegava outro par de agulhas.

Isso não soava como um comentário que precisasse de resposta, então Alice não disse nada. Havia algo muito estranho na água, ela pensou, pois de vez em quando os remos ficavam rápidos nela e só saíam com dificuldade.

"Pena! pena!" a Ovelha voltou a gritar, pegando mais agulhas. "Você vai pegar um caranguejo."

"Um querido pequeno caranguejo!" pensou Alice. "Eu gostaria disso."

"Você não me ouviu dizer 'Pena'?" a Ovelha gritou com raiva, pegando um monte de agulhas.

"Na verdade eu ouvi," disse Alice, "você já disse isso muitas vezes, e bem alto. Por favor, onde estão os caranguejos?"

"Na água, é claro!" disse a Ovelha, enfiando algumas agulhas no cabelo, pois suas mãos estavam cheias. "Pena, eu digo!"

"Por que você diz 'pena' com tanta frequência?" Alice perguntou finalmente, bastante irritada. "Eu não sou um pássaro!"

"Você é", disse a Ovelha, "você é um ganso".

Isso ofendeu um pouco Alice, então não houve mais conversa por um minuto ou dois, enquanto o barco deslizava suavemente, às vezes entre os canteiros de ervas daninhas (o que fazia os remos ficarem presos na água, mais do que nunca), e às vezes sob árvores, mas sempre ao lado de barrancos altos que pareciam franzir a testa para ela.

"Oh, por favor! Há alguns juncos perfumados!" Alice gritou em prazer. "Estão ali, e como são belos!"

"Você não precisa me dizer 'por favor' por causa deles", disse a Ovelha, sem tirar os olhos de seu tricô, "Eu não os coloquei lá e não vou tirá-los".

"Não, eu quis dizer, por favor, podemos parar e pegar alguns?" Alice implorou. "Se você não se importa em parar o barco por um minuto."

"Como vou para-ló?" disse a Ovelha. "Se você parar de remar, ele vai parar sozinho."

Assim, o barco foi deixado à deriva no riacho, até deslizar suavemente entre os juncos ondulantes. E então as mangas foram cuidadosamente enroladas, e os bracinhos foram mergulhados até os cotovelos para colher os

juncos, e por um tempo Alice esqueceu tudo sobre a Ovelha e o tricô, enquanto estava curvada sobre a lateral do barco, com apenas as pontas de seu cabelo emaranhado mergulhando na água, enquanto com olhos brilhantes e ansiosos ela pegou um punhado após o outro dos queridos juncos perfumados.

“Só espero que o barco não tombe!” ela disse para si mesma. “Ah, que lindo! Só que eu não consigo alcançá-lo.” “E certamente parecia um pouco provocador (“quase como se tivesse crescido ali de propósito”, ela pensou) que, embora conseguisse colher muitos juncos bonitos enquanto o barco deslizava, sempre havia um mais adorável que ela podia não alcançar.

“Os mais bonitos estão sempre mais longe!” disse ela por fim, com um suspiro diante da obstinação dos juncos em crescer tão longe, enquanto, com as bochechas coradas e cabelos e mãos pingando, ela voltou para seu lugar e começou a arrumar seus tesouros recém-encontrados.

O que importava para ela naquele momento, era que os juncos começaram a desvanecer-se e a perder todo o seu perfume e beleza, desde o momento em que os pegou? Mesmo os verdadeiros juncos perfumados, você sabe, duram apenas muito pouco, e estes, sendo juncos de sonhos, derreteram quase como neve, pois estavam amontoados aos seus pés, mas Alice mal notou isso, havia tantas outras coisas curiosas para pensar.

Elas não tinham ido muito mais longe quando a pá de um dos remos ficou presa na água e não saiu novamente (assim Alice contou depois), e a consequência foi que o cabo do remos a pegou sob o queixo dela, e apesar de uma série de pequenos gritos de “Oh, oh, oh!” da pobre Alice, ele a jogou para fora do assento para a pilha de juncos.

No entanto, ela não se machucou e logo se levantou novamente, a Ovelha continuou tricotando o tempo todo, como se nada tivesse acontecido. “Foi um bom caranguejo que você pegou!” ela comentou, enquanto Alice voltava para seu lugar, muito aliviada por se encontrar ainda no barco.

“Foi isso? Eu não vi”, disse Alice, espiando cautelosamente pela lateral do barco para a água escura. “Gostaria que não tivesse largado, gostaria

tanto de um pequeno caranguejo para levar para casa comigo!” Mas a Ovelha apenas riu com desdém e continuou com seu tricô.

“Há muitos caranguejos aqui?” disse Alice.

“Caranguejos e todo tipo de coisas”, disse a Ovelha, “muitas opções, apenas decida-se. Agora, o que você quer comprar?”

“Comprar!” Alice ecoou em um tom meio espantado e meio assustado, pois os remos, o barco e o rio desapareceram em um momento, e ela estava de volta à lojinha escura.

“Eu gostaria de comprar um ovo, por favor,” ela disse timidamente. “Como você os vende?”

“Cinco centavos por um, dois centavos por dois”, respondeu a Ovelha.

“Então dois são mais baratos que um?” Alice disse em um tom surpreso, pegando sua bolsa.

“Só você deve comer os dois, se comprar dois”, disse a Ovelha.

“Então eu quero um, por favor”, disse Alice, enquanto colocava o dinheiro no balcão. Pois ela pensou consigo mesma, “Eles podem não ser nada legais, você sabe.”

A Ovelha pegou o dinheiro e o guardou em uma caixa, então ela disse: “Eu nunca coloco as coisas nas mãos das pessoas, isso nunca daria certo, você deve pegá-lo por si mesma”. E assim dizendo, ela foi para o outro lado da loja, e colocou o ovo em uma prateleira.

“Eu me pergunto por que isso não daria certo?” pensou Alice enquanto tateava entre as mesas e cadeiras, pois a loja estava muito escura deste lado. “O ovo parece ficar mais longe quanto mais eu ando em direção a ele. Deixe-me ver, isso é uma cadeira? Ora, tem galhos! Que estranho encontrar árvores crescendo aqui! E na verdade aqui está um pequeno riacho! Bem, esta é a loja mais estranha que eu já vi!”

* * * * *

* * * * *

* * * * *

Então ela continuou, imaginando mais e mais a cada passo, enquanto tudo se transformava em árvore no momento em que ela se aproximava, e ela esperava que o ovo fizesse o mesmo.



umpty Dumpty

No entanto, o ovo só foi ficando cada vez maior, e cada vez mais humano, quando ela chegou a poucos metros dele, viu que tinha olhos, nariz e boca, e quando ela chegou perto dele, ela viu claramente que era o próprio HUMPTY DUMPTY. “Não pode ser mais ninguém!” ela disse para si mesma. “Tenho tanta certeza disso, como se o nome dele estivesse escrito em todo o seu rosto.”

Poderia ter sido escrito facilmente uma centena de vezes, naquele rosto enorme. Humpty Dumpty estava sentado com as pernas cruzadas, como um turco, no topo de um muro alto, tão estreito que Alice se perguntou como ele podia manter o equilíbrio, e como seus olhos estavam fixos na direção oposta, ele não deu a menor atenção a ela, ela pensou que ele deveria afinal, ser uma figura empalhada.

“Exatamente como um ovo ele é!” Ela disse em voz alta, de pé com as mãos prontas para segurá-lo, pois ela estava a todo momento esperando que ele caísse.

“É muito provocador,” Humpty Dumpty disse depois de um longo silêncio, desviando o olhar de Alice enquanto falava, “ser chamado de ovo...muito!”

“Eu disse que você parecia um ovo, senhor,” Alice gentilmente explicou. “E alguns ovos são muito bonitos, você sabe”, acrescentou ela, esperando transformar sua observação em uma espécie de elogio.

“Algumas pessoas”, disse Humpty Dumpty, desviando o olhar dela como sempre, “não têm mais juízo do que um bebê!”

Alice não sabia o que dizer a isso, não era nada como uma conversa, ela pensou, já que ele nunca disse nada para ela, sua última observação foi evidentemente dirigida a uma árvore, então ela repetiu baixinho para si mesma:

“Humpty Dumpty estava sentado em uma parede,
Humpty Dumpty teve uma grande queda,
Todos os cavalos do rei e todos os homens do rei
não conseguiram colocar Humpty Dumpty em seu lugar novamente.

“Essa última linha é muito longa para a poesia,” ela acrescentou, quase em voz alta, esquecendo que Humpty Dumpty a ouviria.

“Não fique aí tagarelando consigo mesma”, Humpty Dumpty disse, olhando para ela pela primeira vez, “mas me diga seu nome e seu trabalho.”

“Meu nome é Alice, mas...”

“É um nome estúpido!” Humpty Dumpty interrompeu impaciente. “O que significa?”

“Um nome deve significar alguma coisa?” Alice perguntou em dúvida.

“Claro que deve,” Humpty Dumpty disse com uma risada curta: “meu nome significa a forma que eu tenho, uma boa forma e bonita também. Com um nome como o seu, você pode ter quase qualquer forma.

“Por que você está sentado aqui sozinho?” disse Alice, não querendo começar uma discussão.

“Ora, porque não há ninguém comigo!” gritou Humpty Dumpty. “Você achou que eu não sabia a resposta para isso ? Pergunte a outro.”

“Você não acha que estaria mais seguro no chão?” Alice continuou, não com qualquer ideia de fazer outro enigma, mas simplesmente em sua ansiedade bem-humorada pela criatura esquisita. “Aquela parede é tão estreita!”

“Que enigmas tremendamente fáceis você cria!” Humpty Dumpty rosnou. “Claro que acho que não! Ora, se alguma vez eu caísse, mesmo não havendo chance disso acontecer, mas se caísse...” Aqui ele apertou os lábios e parecia tão solene e grandioso que Alice mal pôde deixar de rir. “Se eu caísse”, ele continuou, “o Rei me prometeu, com sua própria boca...que...que...”

“Que iria enviar todos os seus cavalos e todos os seus homens,” Alice interrompeu, um tanto imprudente.

“Isso é muito ruim!” Humpty Dumpty gritou, explodindo em uma raiva repentina. “Você estava ouvindo atrás das portas, e atrás das árvores, e nas chaminés, caso contrário você não poderia saber!”

“Eu não estava!” Alice disse muito suavemente. “Está em um livro.”

“Ah bem! Eles podem escrever essas coisas em um livro”, disse Humpty Dumpty em um tom mais calmo. “Isso é o que você chama de História da Inglaterra. Agora, dê uma boa olhada em mim! Eu sou aquele que falou com um rei, talvez você nunca veja outro assim, e para mostrar que não sou orgulhoso, você pode apertar a minha mão!” E ele sorriu quase de orelha a orelha, quando se inclinou para a frente (e quase caiu da parede) e ofereceu a mão a Alice. Ela o observou um pouco ansiosamente enquanto a pegava. “Se ele sorrisse muito mais, as extremidades de sua boca poderiam se encontrar atrás”, ela pensou, “e então eu não sei o que aconteceria com a cabeça dele! Tenho medo que saia!”

“Sim, todos os seus cavalos e todos os seus homens,” Humpty Dumpty continuou. “Eles me pegariam de novo em um minuto, eles iriam! No entanto, esta conversa está acontecendo um pouco rápido demais, vamos voltar para a última observação, mas uma vez.”

“Acho que não consigo me lembrar direito,” Alice disse muito educadamente.

“Nesse caso, começamos de novo”, disse Humpty Dumpty, “e é minha vez de escolher um assunto...” (“Ele fala sobre isso como se fosse um jogo!” pensou Alice.) “Então aqui está uma pergunta para você. . Quantos anos você disse que tinha?”

Alice fez um cálculo curto e disse “Sete anos e seis meses”.

"Errado!" Humpty Dumpty exclamou triunfante. "Você nunca me disse essas palavras!"

"Eu pensei que você quis dizer 'quantos anos você tem?'" Alice explicou.

“Se eu quisesse dizer isso, eu teria dito isso”, disse Humpty Dumpty.

Alice não queria começar outra discussão, então ela não disse nada.

“Sete anos e seis meses!” Humpty Dumpty repetiu pensativo. “Um tipo de idade desconfortável. Agora, se você tivesse pedido meu conselho, eu teria dito Pare nos sete', mas agora é tarde demais.

“Eu nunca peço conselhos sobre crescimento,” Alice disse indignada.

"Muito orgulhosa?" o ovo perguntou.

Alice se sentiu ainda mais indignada com essa sugestão. “Quero dizer”, ela disse, “que não se pode deixar de envelhecer.”

“Um não pode, talvez”, disse Humpty Dumpty, “mas dois podem. Com a devida assistência, você poderia ter parado às sete.

“Que lindo cinto você está usando!” Alice de repente comentou.

(Eles já estavam fartos da questão da idade, ela pensou, e se eles realmente se revezassem na escolha dos temas, agora era a vez dela.) “Não, eu deveria ter dito, um cinto, quero dizer...eu imploro seu perdão!” acrescentou consternada, pois Humpty Dumpty parecia profundamente ofendido, e ela começou a desejar não ter escolhido aquele assunto. “Se eu soubesse”, pensou consigo mesma, “o que é pescoço e o que é cintura!”

Evidentemente Humpty Dumpty estava muito zangado, embora não dissesse nada por um minuto ou dois. Quando ele falou novamente, foi em um grunhido profundo.

“É uma coisa muito irritante”, ele disse por fim, “quando uma pessoa não distingue uma gravata de um cinto!”

“Eu sei que é muito ignorante da minha parte,” Alice disse, em um tom tão humilde que Humpty Dumpty cedeu.

“É uma gravata, criança, e linda, como você diz. É um presente do Rei e da Rainha Branca!”

"Realmente?" disse Alice, bastante satisfeita ao descobrir que afinal escolherá um bom assunto.

“Eles me deram,” Humpty Dumpty continuou pensativo, enquanto cruzava um joelho sobre o outro e apertava as mãos em volta dele, “eles me deram, como um presente de não-aniversário.”

"Perdão?" Alice disse com um ar intrigado.

“Não estou ofendido, para te perdoar”, disse Humpty Dumpty.

“Quero dizer, o que é um presente de não-aniversário?”

“Um presente dado quando não é seu aniversário, é claro.”

Alice considerou um pouco. “Eu gosto mais de presentes de aniversário,” ela disse finalmente.

“Você não sabe do que está falando!” gritou Humpty Dumpty. “Quantos dias há em um ano?”

“Trezentos e sessenta e cinco,” disse Alice.

“E quantos aniversários você tem?”

"Um."

“E se você tirar um de trezentos e sessenta e cinco, o que resta?”

“Trezentos e sessenta e quatro, é claro.”

Humpty Dumpty parecia duvidoso. “Prefiro ver isso no papel”, disse ele.

Alice não pôde deixar de sorrir enquanto pegava seu livro de memorandos e trabalhava a soma para ele:

Humpty Dumpty pegou o livro e o examinou cuidadosamente. "Isso parece correto" ele começou.

"Você está segurando de cabeça para baixo!" Alice interrompeu.

"Para ter certeza!" Humpty Dumpty disse alegremente, enquanto ela virava para ele. "Achei um pouco estranho. Como eu estava dizendo, isso parece ter sido feito corretamente, embora eu não tenha tido tempo para examiná-lo completamente agora, e isso mostra que há trezentos e sessenta e quatro dias em que você pode receber presentes de não-aniversário..."

"Certamente," disse Alice.

"E apenas um para presentes de aniversário, você sabe. Tenho glória para você!"

"Eu não sei o que você quer dizer com 'glória'", disse Alice.

Humpty Dumpty sorriu desdenhosamente. "Claro que não, até que eu lhe diga. Eu quis dizer 'tenho um bom argumento para você!'"

"Mas 'glória' não significa 'um belo argumento'", Alice objetou.

"Quando eu uso uma palavra," Humpty Dumpty disse em um tom um tanto desdenhoso, "ela significa exatamente o que eu escolho que ela signifique, nem mais nem menos."

"A questão é", disse Alice, "se você pode fazer as palavras significarem o que quer."

"A questão é", disse Humpty Dumpty, "quem manda, isso é tudo."

Alice estava muito confusa para dizer qualquer coisa, então, depois de um minuto, Humpty Dumpty começou de novo. "Elas têm um temperamento difícil, algumas das palavras, particularmente os verbos, eles são os mais orgulhosos, com os adjetivos você pode fazer qualquer coisa, mas não com

os verbos...no entanto, eu consigo lidar com todos eles! Impenetrabilidade! É o que eu digo!"

"Você poderia me dizer, por favor," disse Alice "o que isso significa?"

"Agora você fala como uma criança razoável", disse Humpty Dumpty, parecendo muito satisfeito. "Eu quis dizer com 'impenetrabilidade' que já tivemos o suficiente desse assunto, e seria melhor se você mencionasse o que pretende fazer a seguir, pois suponho que você não pretende ficar por aqui todo o resto de sua vida."

"Isso é muito para uma palavra só significar," Alice disse em um tom pensativo.

"Quando faço uma palavra fazer muito trabalho assim", disse Humpty Dumpty, "sempre pago hora extra".

"Oh!" disse Alice. Ela estava muito confusa para fazer qualquer outra observação.

"Ah, você deveria vê-los passar por mim em um sábado à noite", Humpty Dumpty continuou, balançando a cabeça gravemente de um lado para o outro, "para receber seu salário, você sabe."

(Alice não se atreveu a perguntar com o que ele os paga, e então você vê que eu não posso te dizer).

"Você parece muito inteligente em explicar as palavras, senhor," disse Alice. "Você poderia gentilmente me dizer o significado do poema chamado 'Jabberwocky'?"

"Vamos ouvir", disse Humpty Dumpty. "Posso explicar todos os poemas que já foram inventados, e muitos que ainda não foram inventados."

Isso parecia muito esperançoso, então Alice repetiu o primeiro verso:

Grelhava, e os toves lisáveis
giroscopiavam e verrumavam nos gramissolar,
Todos os borogoves eram frageraveis,
E os rasa suinerde agarraforas.

“Isso é o suficiente para começar,” Humpty Dumpty interrompeu, “Há muitas palavras difíceis aí. ‘Grelhava’ significa quatro horas da tarde, a hora em que você começa a grelhar as coisas para o jantar.

“Isso vai servir muito bem”, disse Alice, “e ‘lisáveis’?”

“Bem, ‘lisáveis’ significa ‘ágil e liso.. Você vê que é como porta-copos, há dois significados reunidos em uma palavra.”

“Eu vejo agora,” Alice comentou pensativa: “e o que são ‘toves’?”

“Bem, ‘toves’ são algo como texugos, são algo como lagartos, e são algo como saca-rolhas.”

“Eles devem ser criaturas de aparência muito curiosa.”

“Eles são isso”, disse Humpty Dumpty, “também fazem seus ninhos sob os relógios solares, e vivem de queijo.”

“E o que é ‘giroscopiavam’ e ‘gimble’?”

“Girar é dar voltas e voltas como um giroscópio. ‘verrumavam’ é fazer buracos como uma verruma”.

“E ‘gramissolar’ é o gramado em volta de um relógio de sol, suponho?” disse Alice, surpresa com sua própria ingenuidade.

“Claro que é, e cresce muito para o alto..

“E muito para os lados, imagino,” Alice adicionou.

“Exatamente. Bem, então, ‘frageravel’ é ‘frágil e miserável’ (outro porta-copos para você). E um ‘borogove’ é um pássaro magro, de aparência esfarrapada, com suas penas saindo por toda parte, algo como um esfregão vivo.

“E então ‘rasa suinerde’?” disse Alice. Receio estar lhe causando muitos problemas.

“Bem, um ‘suinerde’ é uma espécie de porco verde, mas ‘rasa’ não tenho certeza. Acho que é a abreviação de ‘para casa’, o que significa que eles se perderam, sabe.

“E o que significa ‘agarrafora’?”

“Bem, ‘agarrafora’ é algo entre um berro e um assobio, com uma espécie de espirro no meio, no entanto, você vai ouvir isso sendo feito, talvez,

lá embaixo na floresta, e quando você ouvir uma vez você, fique bem contente. Quem está mostrando todas essas palavras difíceis para você?

“Eu li em um livro”, disse Alice. “Mas recitaram para mim, um poema muito mais fácil do que esse, Tweedledee, eu acho.”

“Quanto à poesia, você sabe”, disse Humpty Dumpty, estendendo uma de suas grandes mãos, “ eu posso recitar poesia tão bem quanto outras pessoas, se for necessário...”

“Oh, não precisa chegar a isso!” Alice disse apressadamente, esperando impedi-lo de começar.

“A poesia que vou recitar,” ele continuou sem notar sua observação, “foi escrita inteiramente para sua diversão.”

Alice sentiu que nesse caso ela realmente deveria ouvi-lo, então ela se sentou e disse “Obrigada” com um pouco de tristeza.

“No inverno, quando os campos estão brancos,
eu canto esta canção para seu deleite...

só que eu não canto”, acrescentou, como explicação.

“Vejo que não”, disse Alice.

“Se você consegue ver se estou cantando ou não, você tem olhos mais aguçados do que a maioria.” Humpty Dumpty comentou severamente. Alice ficou em silêncio.

“Na primavera, quando os bosques estão ficando verdes,
vou tentar dizer o que quero dizer.”

“Muito obrigada”, disse Alice.

“No verão, quando os dias são longos,
Talvez você entenda a canção:

No outono, quando as folhas são marrons,
Pegue caneta, tinta e anote.”

"Eu vou, se eu me lembrar disso por tanto tempo", disse Alice.

“Você não precisa continuar fazendo comentários como esse”, disse Humpty Dumpty, “eles não são sensatos e me desconcentram.”

“Eu mandei uma mensagem para os peixes,
eu disse a eles 'É isso que eu desejo'.

Os peixinhos do mar,
Eles me enviaram uma resposta.

A resposta dos peixinhos foi
'Não podemos fazer isso, senhor, porque...”

“Receio não entender muito bem”, disse Alice.

“Fica mais fácil mais adiante”, respondeu Humpty Dumpty.

“Enviei a eles novamente para dizer
'Será melhor obedecer'.

Os peixes responderam com um sorriso,
'Ora, que temperamento você tem!'

Eu disse a eles uma vez, eu disse a eles duas vezes,
eles não ouviriam conselhos.

Peguei uma chaleira grande e nova,
Adequada para a ação que eu tinha que fazer.

Meu coração disparou, meu coração disparou,
Enchi a chaleira na bomba.

Então alguém veio até mim e disse,
'Os peixinhos estão na cama.'

Eu disse a ele, eu disse claramente,
'Então você deve acordá-los novamente.'

Eu disse isso muito alto e claro,
Eu fui e gritei no ouvido dele."

Humpty Dumpty levantou a voz quase a um grito enquanto repetia esse verso, e Alice pensou com um estremecimento, "Eu não seria a mensageira de nada!"

"Mas ele era muito rígido e orgulhoso,
Ele disse 'Você não precisa gritar tão alto!'

E ele era muito orgulhoso e rígido,
Ele disse: 'Eu iria acordá-los, se...'

Peguei um saca-rolhas da prateleira,
fui eu mesmo acordá-los.

E quando descobri que a porta estava trancada,
puxei, empurrei, chutei e bati.

E quando descobri que a porta estava fechada,
tentei girar a maçaneta, mas...

Houve uma longa pausa.

"Isso é tudo?" Alice timidamente perguntou.

"Isso é tudo", disse Humpty Dumpty. "Adeus."

Isso foi um tanto repentino, pensou Alice, mas, depois de uma insinuação tão forte de que ela deveria ir, ela sentiu que dificilmente seria educado ficar. Então ela se levantou e estendeu a mão. "Adeus, até nos encontrarmos novamente!" ela disse tão alegremente quanto podia.

"Eu não a reconheceria se nos encontrássemos novamente," Humpty Dumpty respondeu em um tom descontente, dando-lhe um de seus dedos para sacudir; "você é tão exatamente igual as outras pessoas."

"O rosto é o que faz a diferença, geralmente," Alice comentou em um tom pensativo.

"É exatamente disso que eu reclamo", disse Humpty Dumpty. "Seu rosto é o mesmo que todo mundo tem, os dois olhos..." (marcando seus lugares no ar com o polegar) "nariz no meio, boca embaixo. É sempre o mesmo. Agora, se você tivesse os dois olhos do mesmo lado do nariz, por exemplo, ou a boca na testa, isso ajudaria."

"Não ficaria legal," Alice objetou. Mas Humpty Dumpty apenas fechou os olhos e disse, "Espere até você tentar".

Alice esperou um minuto para ver se ele falaria de novo, mas como ele não abriu os olhos nem deu mais atenção a ela, ela disse "Adeus!" mais uma vez e, sem obter resposta, afastou-se silenciosamente, mas não pôde deixar de dizer a si mesma, "De todas as coisas insatisfatórias..." (repetiu isso em voz alta, pois era um grande conforto ter uma palavra tão longa para dizer) "de todas as pessoas insatisfatórias que já conheci ..." Ela nunca terminou a frase, pois nesse momento um estrondo pesado sacudiu a floresta de ponta a ponta.



Leão e o Unicórnio

No momento seguinte, os soldados vieram correndo pela floresta, primeiro em duplas e trios, depois dez ou vinte juntos, e finalmente em uma multidão que parecia encher toda a floresta. Alice ficou atrás de uma árvore, com medo de ser atropelada, e os viu passar.

Ela pensou que em toda a sua vida nunca tinha visto soldados tão inseguros em seus próprios pés, estavam sempre tropeçando em uma coisa ou outra, e sempre que um caía, vários outros sempre caíam sobre ele, de modo que o chão logo se cobria de pequenos montes de homens.

Depois vieram os cavalos. Tendo quatro pés, estes se saíram muito melhor do que os soldados de infantaria, mas mesmo eles tropeçaram de vez em quando, e parecia ser uma regra regular que, sempre que um cavalo tropeçava, o cavaleiro caía instantaneamente. A confusão piorava a cada momento, e Alice estava muito feliz por sair da floresta para um lugar aberto, onde encontrou o Rei Branco sentado no chão, ocupado escrevendo em seu livro de anotações.

“Eu mandei todos eles!” o Rei gritou em tom de alegria, ao ver Alice. “Você encontrou algum soldado, minha querida, enquanto atravessava a floresta?”

“Sim, eu encontrei,” disse Alice, “vários, milhares, eu acho.”

“Quatro mil duzentos e sete, esse é o número exato”, disse o Rei, referindo-se ao seu livro. “Eu não poderia mandar todos os cavalos, sabe, porque dois deles são necessários no jogo. E também não enviei os dois Mensageiros. Ambos foram para a cidade. Basta olhar ao longo da estrada e me dizer se você pode ver qualquer um deles.”

“Não vejo ninguém na estrada”, disse Alice.

“ Eu só gostaria de ter esses olhos,” o Rei comentou em um tom irritado. “Para poder ver Ninguém! E a essa distância também! Ora, o máximo que posso ver são pessoas reais, com esta luz!”

Tudo isso passou despercebido por Alice, que ainda olhava atentamente para a estrada, protegendo os olhos com uma das mãos. “Eu vejo alguém agora!” ela exclamou finalmente. “Mas ele está vindo muito devagar, e que atitudes curiosas ele toma!” (Pois o mensageiro continuava pulando para cima e para baixo, e se contorcendo como uma enguia, à medida que avançava, com suas grandes mãos estendidas como leques de cada lado.)

“Nem um pouco,” disse o Rei. “Ele é um mensageiro anglo-saxão, e essas são atitudes anglo-saxônicas. Ele só as faz quando está feliz. Seu nome é Haigha.” (Ele pronunciou de modo a rimar com “amiga”.)

“Eu amo meu amor com um H,” Alice não pôde deixar de comentar, “porque ele é feliz. Eu o odeio com um H, porque ele é hediondo. Eu o alimentei com...com...com hortelã. O nome dele é Haigha, e ele vive...”

“Ele mora no Hotel,” o Rei observou, sem a menor ideia de que ele estava entrando no jogo, enquanto Alice ainda hesitava pelo nome de uma cidade que começasse com H. “O outro Mensageiro se chama Hatta. Devo ter dois , você sabe, para ir e vir. Um para vir e outro para ir.”

“Perdão?” disse Alice.

“Não é respeitável mendigar perdão”, disse o Rei.

“Eu só quis dizer que não entendi,” disse Alice. “Por que um para vir e outro para ir?”

“Eu não te disse?” o Rei repetiu impaciente. “Eu devo ter dois, para buscar e carregar. Um para buscar e outro para carregar.”

Nesse momento, o Mensageiro chegou, ele estava sem fôlego demais para dizer uma palavra, e só podia acenar com as mãos e fazer as caras temerosas para o pobre Rei.

“Esta mocinha te ama com um H”, disse o Rei, apresentando Alice na esperança de desviar a atenção do Mensageiro de si mesmo, mas não

adiantou, as atitudes anglo-saxônicas só ficavam mais extraordinárias a cada momento, enquanto o grande olhos rolaram descontroladamente de um lado para o outro.

“Você me alarma!” disse o Rei. “Eu me sinto fraco, me dê um sanduíche de presunto!”

O Mensageiro, para grande diversão de Alice, abriu uma bolsa pendurada em seu pescoço e entregou um sanduíche ao Rei, que o devorou avidamente.

“Outro sanduíche!” disse o rei.

“Não há nada além de feno agora”, disse o Mensageiro, espiando dentro da sacola.

“Ei, então,” o Rei murmurou em um sussurro fraco.

Alice ficou feliz em ver que isso o reanimou bastante. “Não há nada como comer feno quando você está desmaiado,” ele comentou com ela, enquanto mastigava.

“Eu acho que jogar água fria em cima de você seria melhor,” Alice sugeriu, “ou alguma sal-volátil.”

“Eu não disse que não havia nada melhor”, respondeu o Rei. “Eu disse que não havia nada parecido.” O que Alice não se atreveu a negar.

“Por quem você passou na estrada?” o Rei continuou, estendendo a mão para o Mensageiro pedindo mais feno.

“Ninguém”, disse o Mensageiro.

“Muito bem”, disse o Rei, “esta jovem também o viu. Então é claro que ninguém anda mais devagar do que você.”

“Eu faço o meu melhor”, disse o Mensageiro em tom amuado. “Tenho certeza de que ninguém anda muito mais rápido do que eu!”

“Ninguém poderia fazer isso,” disse o Rei, “ou então ele teria chegado aqui primeiro. No entanto, agora que você recuperou o fôlego, pode nos contar o que aconteceu na cidade.

“Vou sussurrar”, disse o Mensageiro, levando as mãos à boca em forma de trombeta e agachando-se para se aproximar do ouvido do Rei. Alice

sentiu muito por isso, pois ela queria ouvir as notícias também. No entanto, em vez de sussurrar, ele simplesmente gritou a plenos pulmões "Eles estão fazendo isso de novo!"

"Você chama isso de sussurro?" gritou o pobre Rei, pulando e sacudindo-se. "Se você fizer uma coisa dessas de novo, eu vou te dar manteiga! Atravessou e atravessou minha cabeça como um terremoto!"

"Teria que ser um terremoto muito pequeno!" pensou Alice. "Quem está fazendo isso de novo?" ela se aventurou a perguntar.

"O Leão e o Unicórnio, é claro", disse o Rei.

"Lutando pela coroa?"

"Sim, com certeza", disse o Rei, "e o melhor da piada é que é pela minha coroa! Vamos correr e vê-los." E eles saíram trotando, Alice repetindo para si mesma, enquanto corria, as palavras da velha canção:

"O Leão e o Unicórnio estavam lutando pela coroa,

O Leão derrotou o Unicórnio por toda a cidade.

Alguns deram-lhes pão branco, alguns deram-lhes pão integral,

Alguns lhes deram bolo de ameixa e os expulsaram da cidade."

"Aquele que ganha ganha a coroa?" ela perguntou, da melhor maneira que pôde, pois a corrida estava deixando-a sem fôlego.

"Não!" disse o rei. "Que ideia!"

"Você...seria bondoso o suficiente," Alice ofegou, depois de correr um pouco mais, "para parar um minuto...só para tomar...o fôlego novamente?"

"Sou bondoso o suficiente", disse o Rei, "só que não sou forte o suficiente. Veja, um minuto passa tão assustadoramente rápido. Você também pode tentar parar um Bandersnatch!"

Alice não tinha mais fôlego para falar, então eles trotaram em silêncio, até que avistaram uma grande multidão, no meio da qual o Leão e o Unicórnio estavam lutando. Eles estavam em uma nuvem de poeira tão

grande que a princípio Alice não conseguiu distinguir qual era qual. Mas ela logo conseguiu distinguir o Unicórnio pelo chifre.

Eles se colocaram perto de onde Hatta, a outra mensageira, estava assistindo a luta, com uma xícara de chá em uma mão e um pedaço de pão com manteiga na outra.

“Ela acabou de sair da prisão e ainda não tinha terminado o chá quando foi mandada pra lá”, sussurrou Haigha para Alice, “e eles só dão conchas de ostras lá dentro, então você vê que ela está com muita fome e sede. Como você está, querida criança?” ele continuou, colocando o braço carinhosamente em volta do pescoço de Hatta.

Hatta olhou em volta e acenou com a cabeça, e continuou com seu pão com manteiga.

“Você foi feliz na prisão, querida criança?” disse Haigha.

Hatta olhou em volta mais uma vez, e desta vez uma ou duas lágrimas escorreram pelo seu rosto, mas não disse uma palavra.

“Fale!” Haigha gritou impaciente. Mas Hatta apenas mastigou e bebeu mais chá.

“Fale!” gritou o Rei. “Como eles estão indo com a luta?”

Hatta fez um esforço desesperado e engoliu um grande pedaço de pão com manteiga. “Eles estão indo muito bem”, disse ela com a voz embargada, “cada um deles caiu cerca de oitenta e sete vezes.”

“Então suponho que em breve trarão o pão branco e o integral?” Alice aventurou-se a comentar.

“Está esperando por eles agora”, disse Hatta, “estou comendo de um deles agora”.

Houve uma pausa na luta naquele momento, e o Leão e o Unicórnio sentaram-se, ofegantes, enquanto o Rei gritava “Dez minutos permitidos para um lanche!” Haigha e Hatta começaram a trabalhar imediatamente, carregando bandejas rústicas de pão branco e integral. Alice pegou um pedaço para provar, mas estava muito seco.

“Acho que eles não vão lutar mais hoje”, disse o Rei a Hatta, “vá e mande os tambores começarem.” E Hatta saiu pulando como um gafanhoto.

Por um minuto ou dois Alice ficou em silêncio, observando-o. De repente ela se iluminou. “Olhe, olhe!” ela gritou, apontando ansiosamente. “Lá está a Rainha Branca correndo! Ela veio voando para fora da floresta. Quão rápido essas Rainhas podem correr!”

“Há algum inimigo atrás dela, sem dúvida,” o Rei disse, sem sequer olhar em volta. “Aquelas matas estão cheias deles.”

“Mas você não vai correr e ajudá-la?” Alice perguntou, muito surpresa por ele aceitar tão silenciosamente.

“Não adianta, não adianta!” disse o Rei. “Ela corre tão terrivelmente rápido. É igual tentar pegar um Bandersnatch! Mas vou fazer um memorando sobre ela, se você quiser... Ela é uma criatura muito boa”, ele repetiu baixinho para si mesmo, enquanto abria seu livro de memorandos. “Você soletra 'criatura' com um duplo 'i'?”

Nesse momento o Unicórnio passou por eles, com as mãos nos bolsos. “Eu fui melhor desta vez?” ele disse ao rei, apenas olhando para ele enquanto passava.

“Um pouco... um pouco,” o Rei respondeu, um tanto nervoso. “Você não deveria tê-lo atropelado com seu chifre, você sabe.”

“Não o machucou”, disse o Unicórnio descuidadamente, e continuou, quando seus olhos caíram sobre Alice, ele se virou imediatamente e ficou parado por algum tempo olhando para ela com um ar do mais profundo desgosto.

“O que é isto?” ele disse finalmente.

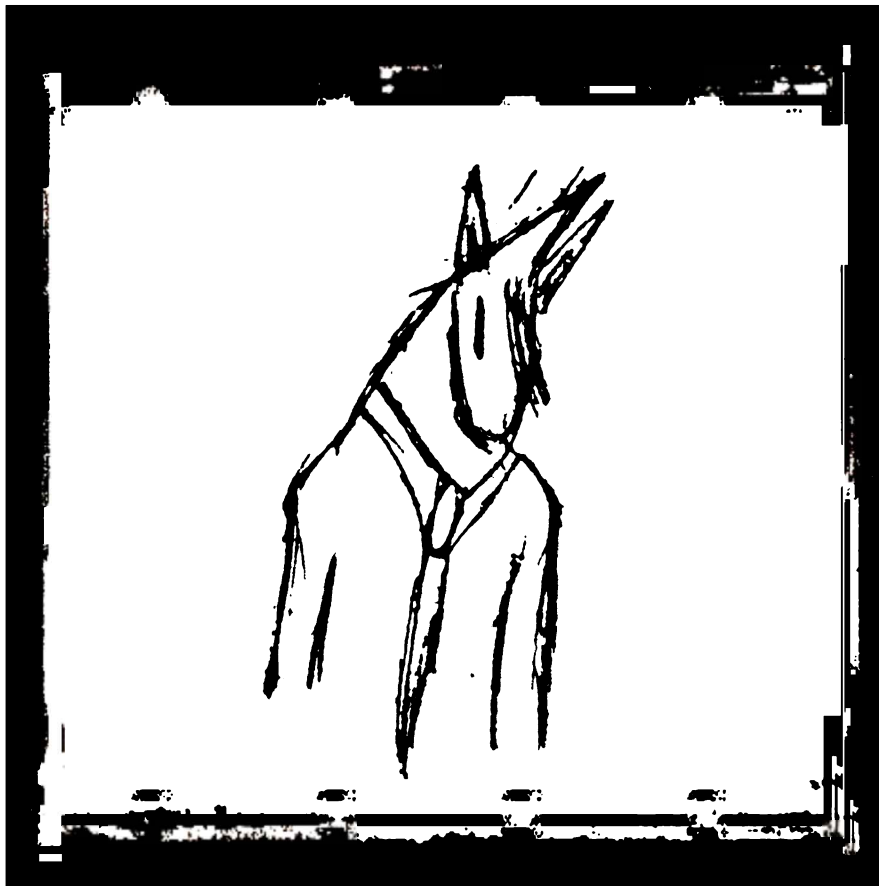
“Isso é uma criança!” Haigha respondeu ansiosamente, chegando na frente de Alice para apresentá-la, e estendendo as duas mãos para ela em uma atitude anglo-saxônica. “Só encontramos hoje. É tão grande quanto a vida e duas vezes mais natural!”

“Eu sempre pensei que eles eram monstros fabulosos!” disse o Unicórnio. “Está vivo?”

“Ela pode falar,” disse Haigha, solenemente.

O Unicórnio olhou sonhador para Alice e disse, “Fale, criança”.

Alice não pôde evitar que seus lábios se curvassem em um sorriso quando ela começou, “Sabe, eu sempre pensei que os unicórnios eram monstros fabulosos também! Eu nunca vi um vivo antes!”



“Bem, agora que nos vimos ,” disse o Unicórnio, “se você acredita em mim, eu acredito em você. Isso é um acordo?”

“Sim, se você quiser,” disse Alice.

“Venha, traga o bolo de ameixa, velho!” o Unicórnio continuou, virando-se dela para o Rei. “Nada do seu pão integral para mim!”

“Certamente...certamente!” o Rei murmurou, e acenou para Haigha. “Abra o saco!” ele sussurrou. “Rápido! Não aquele...está cheio de feno!”

Haigha tirou um bolo grande da sacola e deu para Alice segurar, enquanto ele pegava um prato e uma faca de trinchar. Como tudo isso saiu

daquele saco, Alice não conseguia adivinhar. Era como um truque de mágica, ela pensou.

O Leão se juntou a eles enquanto isso acontecia, ele parecia muito cansado e sonolento, e seus olhos estavam semicerrados. "O que é isso!" ele disse, piscando preguiçosamente para Alice, e falando em um tom profundo e oco que soava como o badalar de um grande sino.

"Ah, o que é agora?" o Unicórnio gritou ansiosamente. "Você nunca vai adivinhar! Eu não adivinhei."

O Leão olhou para Alice cansado. "Você é animal, vegetal ou mineral?" ele disse, bocejando a cada outra palavra.

"É um monstro fabuloso!" o Unicórnio gritou, antes que Alice pudesse responder.

"Então entregue o bolo de ameixa, Monstro", disse o Leão, deitando-se e apoiando o queixo nas patas. "E sentem-se, vocês dois" (para o Rei e o Unicórnio), "fair play com o bolo, você sabe!"

O rei estava evidentemente muito desconfortável por ter que se sentar entre as duas grandes criaturas, mas não havia outro lugar para ele.

"Que bela luta podemos ter pela coroa agora!" disse o Unicórnio, olhando maliciosamente para a coroa, que o pobre Rei estava quase sacudindo de sua cabeça, ele tremia tanto.

"Eu deveria ganhar fácil", disse o Leão.

"Eu não tenho tanta certeza disso", disse o Unicórnio.

"Ora, eu venci você por toda a cidade, seu covarde!" o Leão respondeu com raiva, meio que se levantando enquanto falava.

Aqui o Rei interrompeu, para evitar que a briga continuasse, ele estava muito nervoso, e sua voz bastante trêmula. "Por toda a cidade?" ele disse. "É um bom caminho. Você passou pela ponte velha ou pelo mercado? Você tem a melhor vista da ponte velha."

"Não sei," o Leão rosnou enquanto se deitava novamente. "Havia muita poeira para ver qualquer coisa. Que momento, o Monstro está cortando aquele bolo!"

Alice estava sentada na margem de um pequeno riacho, com o grande prato nos joelhos, e serrava diligentemente com a faca. “É muito provocador!” ela disse, em resposta ao Leão (ela estava se acostumando a ser chamada de “o Monstro”). “Já cortei várias fatias, mas elas sempre se juntam novamente!”

“Você não sabe administrar bolos do Espelho”, observou o Unicórnio. “Entregue primeiro e corte depois.”

Isso soou absurdo, mas Alice muito obedientemente se levantou e carregou o prato, e o bolo se dividiu em três pedaços ao fazê-lo. “Agora corte isso,” disse o Leão, enquanto ela voltava para seu lugar com o prato vazio.

“Eu digo, isso não é justo!” gritou o Unicórnio, enquanto Alice estava sentada com a faca na mão, muito confusa sobre como começar. “O Monstro deu ao Leão o dobro do que eu!”

“Ela não guardou nenhum para si mesma, de qualquer forma”, disse o Leão. “Você gosta de bolo de ameixa, Monstro?”

Mas antes que Alice pudesse responder, a bateria começou.

De onde vinha o barulho, ela não conseguia distinguir: o ar parecia cheio dele, e soava através de sua cabeça até ela se sentir completamente surda. Ela ficou de pé e saltou sobre o pequeno riacho em seu terror,

* * * * *

* * * * *

* * * * *

e mal teve tempo de ver o Leão e o Unicórnio se levantarem, com olhares raivosos por terem sido interrompidos em seu banquete, antes que ela caísse de joelhos e tapasse os ouvidos com as mãos, tentando em vão calar o terrível alvoroço.

“Se isso não os ‘tirar da cidade’”, ela pensou consigo mesma, “nada o fará!”



minha própria invenção”

Depois de um tempo, o barulho pareceu desaparecer gradualmente, até que tudo ficou em silêncio mortal, e Alice levantou a cabeça com algum alarme. Não havia ninguém para ser visto, e seu primeiro pensamento foi que ela devia estar sonhando com o Leão e o Unicórnio e aqueles Mensageiros Anglo-Saxões esquisitos. No entanto, ainda havia o grande prato a seus pés, no qual ela tentara cortar o bolo de ameixa, parte do mesmo sonho. “Só espero que seja meu sonho, e não do Rei Vermelho! Eu não gosto de pertencer ao sonho de outra pessoa”, ela continuou em um tom bastante queixoso, “Eu tenho uma grande vontade de ir acordá-lo e ver o que acontece!”

Nesse momento, seus pensamentos foram interrompidos por um grito alto de “Ahoy! Ah! Verificar!” e um cavaleiro vestido com armadura carmesim veio galopando, brandindo uma grande clava. Assim que ele a alcançou, o cavalo parou de repente: “Você é minha prisioneira!” o Cavaleiro gritou, enquanto caía do cavalo.

Assustada como estava, Alice estava mais assustada por ele do que por si mesma no momento, e observou-o com alguma ansiedade enquanto ele montava novamente. Assim que ele estava confortavelmente na sela, ele começou mais uma vez “Você é minha...” mas aqui outra voz interrompeu “Ahoy! Ah! Verificar!” e Alice olhou em volta com alguma surpresa para o novo inimigo.

Desta vez foi um Cavaleiro Branco. Ele parou ao lado de Alice e caiu do cavalo exatamente como o Cavaleiro Vermelho havia feito, então ele

montou novamente, e os dois Cavaleiros sentaram e olharam um para o outro por algum tempo sem falar. Alice olhou de um para o outro com certa perplexidade.

"Ela é minha prisioneira, você sabe!" o Cavaleiro Vermelho disse finalmente.

"Sim, mas então eu vim e a salvei!" o Cavaleiro Branco respondeu.

"Bem, devemos lutar por ela, então," disse o Cavaleiro Vermelho, enquanto pegava seu elmo (que pendia da sela, era algo em forma de cabeça de cavalo) e o colocava.

"Você vai seguir as Regras de Batalha, é claro?" o Cavaleiro Branco comentou, colocando seu capacete também.

"Sempre faço isso", disse o Cavaleiro Vermelho, e eles começaram a se bater com tanta fúria que Alice se escondeu atrás de uma árvore para evitar os golpes.

"Eu me pergunto, agora, quais são as Regras da Batalha", ela disse para si mesma, enquanto observava a luta, espiando timidamente de seu esconderijo, "uma Regra parece ser, que se um Cavaleiro acertar o outro, ele derruba-o do cavalo e, se erra, cai sozinho, e outra regra parece ser que eles segurem seus porretes com os braços, como se fossem Punch e Judy. Que barulho eles fazem quando caem! Assim como um conjunto inteiro de ferros de fogo caindo no para-choque! E como os cavalos estão quietos! Eles os deixam subir e descer deles como se fossem mesas!"

Outra Regra de Batalha, que Alice não havia notado, parecia ser que eles sempre caíam de cabeça, e a batalha terminava com os dois caindo assim, lado a lado. Quando se levantaram novamente, apertaram as mãos e então o Cavaleiro Vermelho montou e partiu a galope.

"Foi uma vitória gloriosa, não foi?" disse o Cavaleiro Branco, enquanto subia ofegante.

"Eu não sei," Alice disse duvidosamente. "Não quero ser prisioneiro de ninguém. Eu quero ser uma rainha."

"Então você vai, quando você cruzar o próximo riacho", disse o Cavaleiro Branco. "Eu vou te levar em segurança até o final da floresta, e então eu devo voltar, você sabe. Esse é o meu último movimento."

"Muito obrigada", disse Alice. "Posso ajudá-lo com o seu capacete?" Evidentemente ele não conseguia tirar sozinho, no entanto, ela conseguiu sacudi-lo até sair.

"Agora pode-se respirar mais facilmente", disse o Cavaleiro, colocando para trás o cabelo desgrenhado com as duas mãos, e virando o rosto gentil e os grandes olhos suaves para Alice. Ela pensou que nunca tinha visto um soldado de aparência tão estranha em toda a sua vida.

Ele estava vestido com uma armadura de estanho, que parecia lhe servir muito mal, e ele tinha uma pequena caixa com formato estranho presa em seu ombro, de cabeça para baixo, e com a tampa aberta. Alice olhou para ele com grande curiosidade.

"Vejo que você está admirando minha caixinha." o Cavaleiro disse em um tom amigável. "É minha própria invenção, para guardar roupas e sanduíches. Você vê que eu o carrego de cabeça para baixo, para que a chuva não entre.

"Mas as coisas podem cair ," Alice gentilmente comentou. "Você sabe que a tampa está aberta?"

"Eu não sabia," o Cavaleiro disse, uma sombra de irritação passando por seu rosto. "Então todas as coisas devem ter caído! E a caixa não serve para nada sem elas." Ele o desabotoou enquanto falava, e estava prestes a jogá-la nos arbustos, quando um pensamento repentino pareceu atingi-lo, e ele o pendurou cuidadosamente em uma árvore. "Você consegue adivinhar por que eu fiz isso?" ele disse para Alice.

Alice balançou a cabeça.

"Na esperança de que algumas abelhas possam fazer uma colmeia nela, então eu pego o mel."

"Mas você tem uma colmeia, ou algo parecido com uma...presa à sela", disse Alice.

“Sim, é uma colmeia muito boa”, disse o Cavaleiro em tom descontente, “da melhor espécie. Mas nem uma única abelha chegou perto dela ainda. E a outra coisa é uma ratoeira. Suponho que os camundongos mantêm as abelhas afastadas, ou as abelhas afastam os camundongos, não sei qual”.

“Eu estava me perguntando para que servia a ratoeira”, disse Alice. “Não é muito provável que haja ratos nas costas do cavalo.”

“Não muito provável, talvez”, disse o Cavaleiro, “mas se eles vierem , eu não vou deixá-los correndo por toda parte.”

“Você vê,” ele continuou depois de uma pausa, “é bom que esteja preparado para tudo. Essa é a razão pela qual o cavalo tem todas aquelas tornozeleiras em volta das patas.”

“Mas para que servem?” Alice perguntou em um tom de grande curiosidade.

“Para se proteger contra as mordidas de tubarões”, respondeu o Cavaleiro. “É uma invenção minha. E agora me ajude. Eu vou com você até o final do bosque...Para que serve o prato?

“É para bolo de ameixa”, disse Alice.

“É melhor levarmos conosco”, disse o Cavaleiro. “Vai ser útil se encontrarmos algum bolo de ameixa. Ajude-me a colocá-lo nesta bolsa.”

Levou-se muito tempo para conseguir, embora Alice segurasse o saco aberto com muito cuidado, porque o Cavaleiro era muito desajeitado ao colocar o prato, nas primeiras duas ou três vezes que ele tentou, ele caiu no prato. “Está bem apertado, sabe,” ele disse, enquanto finalmente conseguiam; “Há tantos castiçais na bolsa.” E pendurou-o na sela, que já estava carregada com cachos de cenouras, ferros de engomar e muitas outras coisas.

“Espero que você tenha seu cabelo bem preso?” ele continuou, enquanto eles partiam.

“Está como de costume,” Alice disse, sorrindo.

"Isso não é suficiente", disse ele, ansioso. "Você vê que o vento é muito forte aqui. É tão forte quanto uma sopa."

"Você inventou algo para evitar que o cabelo seja arrancado?" Alice perguntou.

"Ainda não", disse o Cavaleiro. "Mas eu tenho um plano para evitar que ele caia ."

"Eu gostaria muito de ouvir isso."

"Primeiro você pega uma vara vertical", disse o Cavaleiro. "Então você faz seu cabelo se arrepiar, como uma árvore frutífera. Agora, a razão pela qual o cabelo cai é porque ele fica pendurado, as coisas nunca caem para cima , você sabe. É o plano de minha própria invenção. Você pode tentar se quiser."

Não parecia um plano confortável, pensou Alice, e por alguns minutos ela caminhou em silêncio, intrigada com a ideia, e de vez em quando parando para ajudar o pobre Cavaleiro, que certamente não era um bom cavaleiro.

Sempre que o cavalo parava (o que acontecia com muita frequência), ele caía na frente, e sempre que voltava a acontecer (o que geralmente acontecia de repente), ele ficava para trás. Fora isso, ele se manteve muito bem, exceto que ele tinha o hábito de cair de lado de vez em quando, e como ele geralmente fazia isso do lado em que Alice caminhava, ela logo descobriu que era o melhor plano não andar muito perto do cavalo.

"Receio que você não tenha muita prática em montar", ela se aventurou a dizer, enquanto o ajudava a se levantar de sua quinta queda.

O Cavaleiro pareceu muito surpreso e um pouco ofendido com a observação. "O que te faz dizer isso?" ele perguntou, enquanto voltava para a sela, segurando o cabelo de Alice com uma mão, para evitar cair do outro lado.

"Porque as pessoas não caem com tanta frequência, quando têm muita prática."

"Tive muita prática", disse o Cavaleiro muito gravemente: "muita prática!"

Alice não conseguia pensar em nada melhor para dizer do que "É mesmo?" mas ela disse isso com o maior entusiasmo possível. Eles seguiram um pouco em silêncio depois disso, o Cavaleiro com os olhos fechados, murmurando para si mesmo, e Alice esperando ansiosamente pelo próximo tombo.

"A grande arte de cavalgar", o Cavaleiro começou de repente em voz alta, acenando com o braço direito enquanto falava, "é manter..." Aqui a frase terminou tão repentinamente quanto tinha começado, quando o Cavaleiro caiu pesadamente por onde Alice estava andando. Ela estava bastante assustada desta vez e disse em um tom ansioso, enquanto o pegava, "Espero que nenhum osso esteja quebrado?"

"Nenhum que mereça ser conferido," o Cavaleiro disse, como se ele não se importasse em quebrar dois ou três deles. "A grande arte de cavalgar, como eu estava dizendo, é manter o equilíbrio corretamente. Assim, você sabe..."

Ele soltou a rédea e esticou os dois braços para mostrar a Alice o que queria dizer, e desta vez caiu de costas, bem debaixo das patas do cavalo.

"Muita prática!" ele continuou repetindo, o tempo todo que Alice o colocava de pé novamente. "Muita prática!"

"É muito ridículo!" gritou Alice, perdendo toda a paciência desta vez. "Você deveria ter um cavalo de madeira sobre rodas, isso sim!"

"Esse tipo anda bem?" o Cavaleiro perguntou em um tom de grande interesse, envolvendo os braços em volta do pescoço do cavalo enquanto falava, bem a tempo de evitar cair novamente.

"Muito mais suave do que um cavalo vivo", disse Alice, com um pequeno grito de riso, apesar de tudo que ela podia fazer para evitar isso.

"Eu vou pegar um", disse o Cavaleiro pensativo para si mesmo. "Um ou dois...vários."

Houve um breve silêncio depois disso, e então o Cavaleiro continuou. "Eu tenho uma grande mão em inventar coisas. Eu diria que você notou, na última vez que você me levantou, que eu estava muito pensativo?"

"Você estava um pouco sério mesmo", disse Alice.

"Bem, naquele momento eu estava inventando uma nova maneira de passar por cima de um portão, você gostaria de ouvir?"

"Muito mesmo," Alice disse educadamente.

"Vou lhe dizer como cheguei a essa ideia", disse o Cavaleiro. "Veja, eu disse a mim mesmo, 'A única dificuldade é com os pés: a cabeça já está alta o suficiente.' Agora, primeiro eu coloco minha cabeça no topo do portão, então eu fico de cabeça para baixo, então os pés estão altos o suficiente, você vê, então acabou, você vê."

"Sim, suponho que você acabaria quando isso fosse feito," Alice disse pensativa, "mas você não acha que seria muito difícil?"

"Ainda não tentei", disse o Cavaleiro, gravemente, "então não posso dizer com certeza, mas temo que seja um pouco difícil."

Ele parecia tão aborrecido com a ideia, que Alice mudou de assunto às pressas. "Que capacete curioso você tem!" ela disse alegremente. "Essa é sua invenção também?"

O Cavaleiro olhou com orgulho para seu elmo, que pendia da sela. "Sim", disse ele, "mas inventei um melhor que isso, como um pão de açúcar. Quando usava, se eu caía do cavalo, ele sempre tocava o chão primeiro. Assim, a queda era menor, entende? mas havia o perigo de cair nele, com certeza. Isso aconteceu comigo uma vez, e o pior foi que, antes que eu pudesse sair de novo, o outro Cavaleiro Branco veio e o colocou. Ele pensou que era seu próprio capacete."

O cavaleiro parecia tão solene que Alice não se atreveu a rir. "Receio que você deve tê-lo machucado", disse ela com voz trêmula, "estar no topo da cabeça dele."

"Eu tive que chutá-lo, é claro", disse o Cavaleiro, muito sério. "E então ele tirou o capacete novamente, mas levou horas e horas para me tirar. Eu estava tão apertado quanto um nó de marujo..

"Mas esse é um tipo diferente de aperto," Alice objetou.

O Cavaleiro balançou a cabeça. “Foi todo tipo de aperto comigo, posso garantir!” ele disse. Ele levantou as mãos com certa excitação ao dizer isso, e instantaneamente rolou para fora da sela e caiu de cabeça em uma vala profunda.

Alice correu para o lado da vala para procurá-lo. Ela ficou bastante assustada com a queda, pois por algum tempo ele se manteve muito bem, e ela temia que ele realmente estivesse ferido desta vez. No entanto, embora ela não pudesse ver nada além das solas dos pés dele, ela ficou muito aliviada ao ouvir que ele estava falando em seu tom habitual. “Todos os tipos de apertos”, ele repetiu, “mas foi descuidado da parte dele colocar o capacete de outro homem, com o homem dentro também.”

“Como você pode continuar falando tão baixinho, de cabeça para baixo?” Alice perguntou, enquanto o arrastava pelos pés e o deitava em uma pilha na margem.

O Cavaleiro pareceu surpreso com a pergunta. “O que importa onde meu corpo está?” ele disse. “Minha mente continua trabalhando do mesmo jeito. Na verdade, quanto mais cabeça para baixo estou, mais fico inventando coisas novas.”

“Agora, a coisa mais inteligente do tipo que eu já fiz”, ele continuou depois de uma pausa, “foi inventar um novo pudim durante a preparação da carne.”

“A tempo de ser o prato seguinte?” disse Alice. “Bem, não o próximo prato”, disse o Cavaleiro em um tom lento e pensativo, “não, certamente não o próximo prato.”

“Então teria que ser no dia seguinte. Suponho que você não comeria dois pratos em um jantar?”

“Bem, não no dia seguinte”, o Cavaleiro repetiu como antes, “não no dia seguinte. Na verdade,” ele continuou, mantendo a cabeça baixa, e sua voz ficando cada vez mais baixa, “eu não acredito que esse pudim já foi cozido! Na verdade, eu não acredito que o pudim será cozido! No entanto, foi um pudim muito inteligente de inventar.”

“Do que era pra ser feito? Alice perguntou, esperando animá-lo, pois o pobre Cavaleiro parecia bastante desanimado com isso.

"Começou com papel mata-borrão", respondeu o Cavaleiro com um gemido.

"Isso não seria muito bom, eu temo..."

“ Sozinho não é muito bom ”, ele interrompeu, bastante ansioso, “mas você não faz ideia da diferença que faz misturá-lo com outras coisas, como pólvora e cera de vedação. E aqui devo deixá-la. Eles tinham acabado de chegar ao fim da floresta.

Alice só podia parecer confusa, ela estava pensando no pudim.

“Você está triste”, disse o Cavaleiro em tom ansioso, “deixe-me cantar uma música para confortá-la”.

“É muito longa?” Alice perguntou, pois tinha ouvido muita poesia naquele dia.

“É longa”, disse o Cavaleiro, “mas muito, muito bonita. Todo mundo que me ouve cantá-la, ou traz lágrimas aos olhos, ou então...”

“Ou então o quê?” disse Alice, pois o Cavaleiro fizera uma pausa repentina.

“Ou não, você sabe. 'Hadocks' Eyes”.

“Ah, esse é o nome da música, não é?” Alice disse, tentando se sentir interessada.

“Não, você não entende,” o Cavaleiro disse, parecendo um pouco aborrecido. “É assim que o nome é dito. O nome é 'The Aged Aged Man”.

"Então eu deveria ter dito 'É assim que a música é chamada'?" Alice se corrigiu.

“Não, você não deveria, isso é outra coisa! A música se chama 'Ways and Means': mas é só assim que ela é chamada, sabe!”

"Bem, qual é a música, então?" disse Alice, que a essa altura estava completamente confusa.

"Eu estava chegando lá", disse o Cavaleiro. “A música realmente é 'A-sitting On A Gate', e a música é minha própria invenção.”

Assim dizendo, ele parou o cavalo e deixou as rédeas caírem em seu pescoço, então, marcando o compasso lentamente com uma mão, e com um leve sorriso iluminando seu rosto manso e tolo, como se gostasse da música de sua canção, ele começou.

De todas as coisas estranhas que Alice viu em sua jornada Através do Espelho, esta era a que ela sempre lembrava com mais clareza. Anos depois, ela poderia trazer toda a cena de volta, como se tivesse sido ontem, os olhos azuis suaves e o sorriso gentil do Cavaleiro, o sol poente brilhando em seus cabelos e brilhando em sua armadura em um brilho de luz que a deslumbrou, o cavalo se movendo silenciosamente, com as rédeas soltas no pescoço, cortando a grama a seus pés, e as sombras negras da floresta atrás, tudo isso ela absorveu como uma imagem, pois, com uma mão protegendo-a olhos, ela encostou-se a uma árvore, observando o estranho par, e ouvindo, em meio sonho, a letra melancólica da canção.

“Mas a melodia não é invenção dele”, disse para si mesma, “é 'I give thee all, I can no more'.” Ela se levantou e escutou com muita atenção, mas nenhuma lágrima brotou em seus olhos.

“Eu te direi tudo o que puder,
Há pouco a relacionar.
Eu vi um homem idoso,
sentado em um portão.
Quem é você, velho? Eu disse,
'e como é que você vive?'
E sua resposta correu pela minha cabeça
Como água por uma peneira.

Ele disse, 'Eu procuro borboletas
Que dormem entre o trigo,
Eu as transformo em tortas de carneiro,
E as vendo na rua.

Eu as vendo aos homens', disse ele,
'que navegam em mares tempestuosos,
E é assim que consigo meu pão...
Uma ninharia, por favor.

Mas eu estava pensando em um plano
Para tingir os bigodes de verde,
E sempre usar um leque tão grande
Que eles não podiam ser vistos.
Então, não tendo resposta para dar
ao que o velho disse,
eu gritei, 'Venha, me diga como você vive!'
E dei um tapa na cabeça dele.

Seu sotaque suave tomou conta da história,
Ele disse 'Eu sigo meus caminhos,
E quando eu encontro um riacho de montanha,
eu o incêndio,
E daí eles fazem uma coisa que chamam de óleo de macassar...
Mas dois pence e meio é tudo o
que eles me dão pelo meu trabalho.

Mas eu estava pensando em uma maneira
De se alimentar de massa,
E assim ir dia após dia
Ficando um pouco mais gordo.
Sacudi-o bem de um lado para o outro,
Até que seu rosto ficou azul,
'Venha, me diga como você vive,' eu gritei,
'E o que você faz!'

Ele disse 'Eu caço olhos de arinca'
Entre as urzes brilhantes,
E os coloco em botões de colete
Na noite silenciosa.
E estes eu não vendo por ouro
Ou moeda de brilho prateado
Mas por meio penny de cobre,
E isso comprará nove.

'Às vezes procuro pãozinhos com manteiga,
Ou coloco galhos com cal para caranguejos,
Às vezes procuro nas colinas gramadas
por rodas de charretes.
E esse é o caminho' (ele deu uma piscadela)
'Pelo qual eu recebo minha riqueza,
E com muito prazer beberei
a nobre saúde de Vossa Excelência.'

Eu o ouvi então, pois eu tinha acabado de
completar meu projeto
Para evitar a ferrugem da ponte Menai
Fervendo-a em vinho.
Agradei-lhe muito por me contar
Como conseguiu sua riqueza,
Mas principalmente por seu desejo de que
pudesse beber minha nobre saúde.

E agora, se por acaso eu coloco
meus dedos em cola
Ou enfio loucamente um pé direito
Num sapato esquerdo,

Ou se eu deixo cair sobre meu dedo do pé
Um peso muito pesado,
eu choro, pois isso me lembra ,
Daquele velho que eu conhecia,
Cujo olhar era suave, cuja fala era lenta,
Cujo cabelo era mais branco que a neve,
Cujo rosto era muito parecido com um corvo,
Com olhos, como cinzas, todos brilhantes,
Que parecia distraído com sua dor,
Que balançava seu corpo para lá e para cá,
E resmungava baixinho,
Como se sua boca estivesse cheia de massa,
Que bufava como um búfalo,
Naquela noite de verão, longa atrás,
sentado em um portão.”

Enquanto o Cavaleiro cantava as últimas palavras da balada, ele pegou as rédeas e virou a cabeça do cavalo pela estrada por onde tinham vindo. “Você tem apenas alguns metros para ir,” ele disse, “descendo a colina e passando por aquele pequeno riacho, e então você será uma Rainha. Mas você vai ficar e se despedir primeiro?” ele acrescentou enquanto Alice se virava com um olhar ansioso na direção que ele apontava. “Eu não vou demorar. Você vai esperar e acenar com seu lenço quando eu chegar naquela curva na estrada? Eu acho que isso vai me encorajar, você vê.”

“Claro que vou esperar”, disse Alice, “e muito obrigada por ter vindo de tão longe, e pela música, gostei muito.”

“Espero que sim”, disse o Cavaleiro em dúvida, “mas você não chorou tanto quanto eu pensei que choraria.”

Então eles apertaram as mãos, e então o Cavaleiro cavalgou lentamente para dentro da floresta. “Não vai demorar muito para vê-lo partir , eu espero,” Alice disse para si mesma, enquanto ela o observava. “Lá vai ele!

Caiu de cabeça, como de costume! No entanto, ele volta a levantar com bastante facilidade, já que tem tantas coisas penduradas em volta do cavalo...” Então ela continuou falando consigo mesma, enquanto observava o cavalo caminhando vagarosamente pela estrada, e o Cavaleiro caindo, primeiro em um lado e depois do outro. Após a quarta ou quinta queda, ele chegou à curva, e então ela acenou com o lenço para ele e esperou até que ele estivesse fora de vista.

“Espero que isso o tenha encorajado”, disse ela, enquanto se virava para descer a colina correndo, “e agora para o último riacho, para ser uma rainha! Como soa grandioso!” Poucos passos a levaram até a beira do riacho. “A Oitava Casa finalmente!” ela chorou enquanto saltava,

* * * * *

* * * * *

* * * * *

e se jogou para descansar em um gramado macio como musgo, com pequenos canteiros espalhados aqui e ali. “Oh, como estou feliz por chegar aqui! E o que é isso na minha cabeça?” Ela exclamou em um tom de desânimo, enquanto colocava as mãos em algo muito pesado, e apertava bem em volta de sua cabeça.

“Mas como pode ter chegado lá sem que eu saiba?” Ela disse para si mesma, enquanto o levantava e colocava no colo para ver o que poderia ser.

Era uma coroa de ouro.



ainha Alice

“Bem, isso é ótimo!” disse Alice. “Eu nunca esperei que eu fosse ser uma rainha tão cedo, e eu vou lhe dizer o que é, majestade,” ela continuou em um tom severo (ela sempre gostou de se repreender), “nunca vai ser útil, para você ficar descansando na grama assim! Rainhas têm que ser dignas, você sabe!”

Então ela se levantou e caminhou, um pouco rígida no início, pois temia que a coroa pudesse cair, mas ela se confortou com o pensamento de que não havia ninguém para vê-la, “e se eu realmente sou uma rainha”, ela disse enquanto se sentava novamente, “Eu serei capaz de lidar com isso muito bem a tempo.”

Tudo estava acontecendo de forma tão estranha que ela não se surpreendeu nem um pouco ao encontrar a Rainha Vermelha e a Rainha Branca sentadas perto dela, uma de cada lado, ela gostaria muito de perguntar como elas chegaram ali, mas temia não ser muito civilizado. No entanto, não haveria mal nenhum, ela pensou, em perguntar se o jogo havia acabado. “Por favor, você poderia me dizer...” ela começou, olhando timidamente para a Rainha Vermelha.

“Fale quando falarem com você!” A Rainha a interrompeu bruscamente.

“Mas se todos obedecessem a essa regra”, disse Alice, que estava sempre pronta para uma pequena discussão, “e se você só falasse quando alguém falasse com você, e a outra pessoa sempre esperasse que você comesse, você vê que ninguém jamais diria qualquer coisa, de modo que...”

“Ridículo!” gritou a Rainha. “Por que, você não vê criança...” aqui ela parou com uma carranca, e, depois de pensar por um minuto, de repente

mudou o assunto da conversa. “O que você quer dizer com 'se você realmente é uma rainha'? Que direito você tem de se chamar assim? Você não pode ser uma rainha, sabe, até que tenha passado no exame adequado. E quanto mais cedo começarmos, melhor.”

“Eu só disse 'se'!” pobre Alice implorou em um tom lamentável.

As duas Rainhas se entreolharam, e a Rainha Vermelha comentou, com um pequeno estremecimento, “Ela diz que só disse 'se'...”

“Mas ela disse muito mais do que isso!” a Rainha Branca gemeu, torcendo as mãos. “Ah, muito mais do que isso!”

“Então você disse, você sabe,” a Rainha Vermelha disse a Alice. “Sempre fale a verdade, pense antes de falar, e anote depois.”

“Tenho certeza que não quis dizer...” Alice estava começando, mas a Rainha Vermelha a interrompeu com impaciência.

“É só disso que eu reclamo! Você deveria ter querido dizer! Qual você acha que é a utilidade de uma criança sem significado? Até uma piada deveria ter algum significado, e uma criança é mais importante que uma piada, espero. Você não poderia negar isso, mesmo se você tentasse com as duas mãos.”

“Eu não nego as coisas com minhas mãos,” Alice objetou.

“Ninguém disse que você fez”, disse a Rainha Vermelha. “Eu disse que você não conseguiria se tentasse.”

“Ela está nesse estado de espírito”, disse a Rainha Branca, “que ela quer negar alguma coisa, só que ela não sabe o que negar!”

“Um temperamento desagradável e perverso”, observou a Rainha Vermelha, e então houve um silêncio desconfortável por um minuto ou dois.

A Rainha Vermelha quebrou o silêncio dizendo à Rainha Branca, “Convido você para o jantar de Alice esta tarde.”

A Rainha Branca sorriu debilmente e disse, “E eu convido você .”

“Eu não sabia que ia dar uma festa”, disse Alice; “mas se houver uma, acho que devo convidar os convidados.”

“Nós lhe demos a oportunidade de fazer”, observou a Rainha Vermelha, “mas ousou dizer que você ainda não teve muitas lições de boas maneiras?”

“Boas maneiras não são ensinadas nas aulas”, disse Alice. “As aulas ensinam você a fazer contas e coisas desse tipo.”

“E você faz Adição?” a Rainha Branca perguntou. “O que é um e um e um e um e um e um e um e um e um e um?”

“Eu não sei,” disse Alice. “Perdi a conta.”

“Ela não pode fazer Adição,” a Rainha Vermelha interrompeu. “Você pode fazer subtração? Pegue nove de oito.”

“Nove de oito eu não posso, você sabe,” Alice respondeu prontamente, “mas...”

“Ela não sabe fazer Subtração”, disse a Rainha Branca. “Você pode fazer a Divisão? Divida um pão por uma faca, qual é a resposta para isso?”

“Acho que...” Alice estava começando, mas a Rainha Vermelha respondeu por ela. “Pão com manteiga, é claro. Tente outra soma de subtração. Pegue um osso de um cachorro o que resta?”

Alice considerou. “O osso não ficaria, é claro, se eu o pegasse, e o cachorro não ficaria, viria me morder... e tenho certeza de que não devo ficar!

“Então você acha que nada iria sobrar?” disse a Rainha Vermelha.

“Acho que essa é a resposta.”

“Errado, como sempre”, disse a Rainha Vermelha, “a raiva do cachorro permaneceria.”

“Mas eu não vejo como...”

“Ora, olhe aqui!” a Rainha Vermelha gritou. “O cachorro perderia a paciência, não é?”

“Talvez sim,” Alice respondeu cautelosamente.

“Então, se o cachorro fosse embora, sua raiva permaneceria!” a rainha exclamou triunfante.

Alice disse, o mais grave que pôde, “Eles podem seguir caminhos diferentes”. Mas ela não pôde deixar de pensar consigo mesma: “Que bobagem terrível estamos falando !”

“Ela não sabe fazer somas nem um pouco!” As Rainhas disseram juntas, com grande ênfase.

“Você sabe fazer contas?” Alice disse, virando-se de repente para a Rainha Branca, pois ela não gostava de ser criticada.

A Rainha engasgou e fechou os olhos. “Eu posso fazer Adição, se você me der tempo, mas não posso fazer Subtração, sob nenhuma circunstância!”

“É claro que você conhece o seu ABC?” disse a Rainha Vermelha.

“Com certeza.” disse Alice.

“Eu também”, sussurrou a Rainha Branca, “nós costumamos recitar isso juntas. E vou lhe contar um segredo, consigo ler as palavras de uma letra só! Isso não é maravilhos?! No entanto, não desanime. Você chegará lá com o tempo.”

Aqui a Rainha Vermelha começou novamente. “Você pode responder a perguntas úteis?” ela disse. “Como é feito o pão?”

“Eu sei isso!” Alice chorou ansiosamente. “Você pega um pouco de farinha...”

“Onde você colhe a flor?” a Rainha Branca perguntou. “Em um jardim, ou nas sebes?”

“Bem, não é nada colhido ,” Alice explicou: “é...”

“Quantos hectares de terra?” disse a Rainha Branca. “Você não deve deixar de fora tantas coisas.”

“Abane a cabeça dela!” A Rainha Vermelha interrompeu ansiosamente. “Ela vai ficar febril depois de tanto pensar.” Então elas começaram a abanar com buquês de folhas, até que ela teve que implorar para elas pararem, isso bagunçou seu cabelo e tanto.

“Ela está bem de novo agora”, disse a Rainha Vermelha. “Você conhece Idiomas? Como diz fiddle-de-dee em francês?”

“Fiddle-de-dee não é português,” Alice respondeu gravemente.

“Quem disse que era?” disse a Rainha Vermelha.

Alice pensou ter visto uma saída para a dificuldade desta vez. “Se você me disser qual é a língua 'fiddle-de-dee', eu lhe direi o francês para isso!” ela exclamou triunfante.

Mas a Rainha Vermelha se endireitou e disse: “Rainhas nunca fazem barganhas”.

“Gostaria que as rainhas nunca fizessem perguntas”, Alice pensou consigo mesma.

“Não vamos brigar,” a Rainha Branca disse em um tom ansioso. “O que vem primeiro no raio?”

“Um raio são o relâmpago e o trovão”, Alice disse muito decididamente, pois ela tinha certeza disso, “é o trovão...não, não!” Ela se corrigiu apressadamente. “Eu quis dizer o contrário.”

“É tarde demais para corrigi-lo”, disse a Rainha Vermelha, “quando você diz uma coisa, uma coisa foi dita, e você deve arcar com as consequências”.

“O que me lembra...” disse a Rainha Branca, olhando para baixo e apertando e soltando nervosamente as mãos, tivemos uma tempestade tão forte na terça-feira passada, quer dizer, uma das últimas terças, sabe.

Alice ficou intrigada. “Em nosso país”, ela observou, “há apenas um dia de cada vez”.

A Rainha Vermelha disse: “Essa é uma maneira pobre de fazer as coisas. Agora, aqui, temos principalmente dias e noites, dois ou três de cada vez, e às vezes no inverno passamos até cinco noites juntos...para nos aquecer, você sabe.

“Cinco noites são mais quentes do que uma noite, então?” Alice aventurou-se a perguntar.

“Cinco vezes mais quente, é claro.”

“Mas elas devem ser cinco vezes mais frias, pela mesma regra...”

“Isso!” gritou a Rainha Vermelha. “Cinco vezes mais quente e cinco vezes mais fria, assim como sou cinco vezes mais rico que você e cinco vezes mais inteligente!”

Alice suspirou e desistiu. “É exatamente como um enigma sem resposta!” ela pensou.

“Humpty Dumpty também notou isso”, a Rainha Branca continuou em voz baixa, mais como se estivesse falando sozinha. “Ele veio até a porta com um saca-rolhas na mão...”

“O que ele queria?” disse a Rainha Vermelha.

“Ele disse que entraria ,” a Rainha Branca continuou, “porque estava procurando um hipopótamo. Agora, como aconteceu? não havia tal coisa na casa, naquela manhã.”

“Existe geralmente?” Alice perguntou em um tom surpreso.

“Bem, apenas às quintas-feiras”, disse a Rainha.

“Eu sei para que ele veio”, disse Alice, “ele queria castigar o peixe, porque...”

Aqui a Rainha Branca começou novamente. “Foi uma tempestade tão grande, você não pode imaginar!” (“Ela nunca conseguiu, você sabe”, disse a Rainha Vermelha.) “E parte do telhado se desprende, e muitos trovões entraram ... e foram rolando pela sala em grandes pedaços, e derrubando as mesas e coisas , fiquei tão assustada, eu não conseguia lembrar meu próprio nome!

Alice pensou consigo mesma, “Eu nunca deveria tentar lembrar meu nome no meio de um acidente! Qual a utilidade disso?” mas ela não disse isso em voz alta, por medo de ferir os sentimentos da pobre rainha.

“Vossa Majestade deve desculpá-la”, disse a Rainha Vermelha a Alice, pegando uma das mãos da Rainha Branca e acariciando-a suavemente, “ela tem boas intenções, mas não pode deixar de dizer coisas tolas, é a natureza dela .”

A Rainha Branca olhou timidamente para Alice, que sentiu que deveria dizer algo gentil, mas realmente não conseguia pensar em nada no momento.

“Ela não foi bem criada”, continuou a Rainha Vermelha, “mas é incrível como ela é bem-humorada! Dê um tapinha na cabeça dela e veja como ela ficará satisfeita!” Mas isso era mais do que Alice teve coragem de fazer.

“Um pouco de gentileza, e colocar papéis no cabelo dela, faria maravilhas com ela...”

A Rainha Branca deu um suspiro profundo e deitou a cabeça no ombro de Alice. “Estou com tanto sono?” ela gemeu.

“Ela está cansada, coitada!” disse a Rainha Vermelha. “Alisa o cabelo dela, empreste-lhe sua touca de dormir, e cante para ela uma canção de ninar reconfortante.”

“Não tenho uma touca de dormir comigo”, disse Alice, enquanto tentava obedecer à primeira direção, “e não conheço nenhuma canção de ninar calmante.”

“Devo fazer isso sozinha, então”, disse a Rainha Vermelha, e começou:

"Silêncio, senhora, no colo de Alice!

Até o banquete estar pronto, temos tempo para um cochilo,

Quando o banquete acabar, iremos ao baile

Rainha Vermelha, Rainha Branca, Alice e todos!

“E agora que você conhece as palavras,” ela acrescentou, enquanto colocava a cabeça no outro ombro de Alice, “apenas cante para mim. Estou ficando com sono também.” Em outro momento ambas as Rainhas estavam dormindo profundamente e roncando alto.

“O que devo fazer?” exclamou Alice, olhando ao redor em grande perplexidade, primeiro uma cabeça redonda, e depois a outra, rolaram para baixo de seu ombro, e caíram como um carço em seu colo. “Acho que nunca aconteceu antes, que alguém tivesse que cuidar de duas Rainhas adormecidas ao mesmo tempo! Não, não em toda a História da Inglaterra, não poderia, você sabe, porque nunca houve mais de uma rainha de cada vez. Acordem, suas coisas pesadas!” Ela continuou em um tom impaciente, mas não houve resposta a não ser um ronco suave.

O ronco tornava-se mais distinto a cada minuto, e parecia mais uma melodia, finalmente ela conseguia até mesmo distinguir as palavras, e ouvia

com tanta avidez que, quando as duas grandes cabeças sumiram de seu colo, ela quase não sentiu falta delas.

Ela estava de pé diante de uma porta em arco sobre a qual estavam as palavras RAINHA ALICE em letras grandes, e em cada lado do arco havia uma alça de sino, um estava marcado como “Campainha dos Visitantes” e o outro “Campainha dos Empregados”.

“Vou esperar até que a música termine”, pensou Alice, “e então vou tocar... a... que campainha devo tocar?” ela continuou, muito intrigada com os nomes. “Eu não sou um visitante, e eu não sou uma empregada. Deve haver um marcado como 'Rainha', você sabe...”

Nesse momento, a porta se abriu um pouco, e uma criatura com um bico comprido colocou a cabeça para fora por um momento e disse, “Sem entrada até a próxima semana!” e fechou a porta novamente com um estrondo.

Alice bateu e tocou em vão por um longo tempo, mas por fim, um sapo muito velho, que estava sentado debaixo de uma árvore, levantou-se e mancou lentamente em direção a ela, ele estava vestido de amarelo brilhante e usava botas enormes.

“O que é agora?” o Sapo disse em um sussurro rouco e profundo.

Alice se virou, pronta para criticar qualquer um. “Onde está o criado cuja tarefa é atender a porta?” ela começou com raiva.

“Qual porta?” disse o Sapo.

Alice quase corava de irritação com o lento ritmo em que ele falava. “Esta porta, é claro!”

O Sapo fitou a porta com seus grandes olhos opacos por um minuto, depois se aproximou e esfregou-a com o polegar, como se tentasse ver se a tinta saíria, então ele olhou para Alice.

“Para atender a porta?” ele disse. “O que ela está pedindo?” Ele estava tão rouco que Alice mal podia ouvi-lo.

“Eu não sei o que você quer dizer”, disse ela.

“Eu falei portugues?” o Sapo continuou. “Ou você é surda? O que ela pediu a você?”

"Nada!" Alice disse impaciente. "Eu tenho batido nela!"

“Não deveria fazer isso, não deveria fazer isso...” o Sapo murmurou. “Aborrece, você sabe.” Então ele pulou e deu um chute na porta com um de seus grandes pés. “Você, deixe a garota em paz” ele ofegou, enquanto mancava de volta para sua árvore, “ela vai deixar você em paz.”

Nesse momento a porta se abriu e uma voz estridente foi ouvida cantando:

“Para o mundo do Espelho, foi Alice quem disse.

'Tenho um cetro na mão, tenho uma coroa na cabeça,
Que as criaturas do Espelho, sejam elas quais forem, venham
jantar com a Rainha Vermelha, a Rainha Branca e comigo.'”

E centenas de vozes se juntaram ao coro:

“Então encha os copos o mais rápido que puder,
E salpique a mesa com botões e farelo,
Coloque gatos no café e ratos no chá
E dê as boas-vindas à Rainha Alice com trinta vezes três!”

Em seguida, seguiu-se um ruído confuso de aplausos, e Alice pensou consigo mesma: “Trinta vezes três são noventa. Será que alguém está contando?” Em um minuto houve silêncio novamente, e a mesma voz estridente cantou outro verso:

“‘Ó criaturas do Espelho', disse Alice, 'aproximem-se!
É uma honra me ver, um favor ouvir
É um grande privilégio jantar e tomar chá
Junto com a Rainha Vermelha, a Rainha Branca e eu!”

Então veio o refrão novamente:

“Então encha os copos com melaço e tinta,
Ou qualquer outra coisa que seja agradável de beber,
Misture areia com cidra e lã com vinho
E dê as boas-vindas à Rainha Alice com noventa vezes nove!”

“Noventa vezes nove!” Alice repetiu em desespero, “Ah, isso nunca será feito! É melhor eu entrar imediatamente... e houve um silêncio mortal no momento em que ela apareceu.

Alice olhou nervosamente ao longo da mesa, enquanto caminhava pelo grande salão, e notou que havia cerca de cinquenta convidados, de todos os tipos, alguns eram animais, alguns pássaros, e havia até algumas flores entre eles. “Fico feliz por eles terem vindo sem esperar para serem convidados”, pensou ela, “Eu nunca saberia quem eram as pessoas certas para convidar!”

Havia três cadeiras na cabeceira da mesa, as Rainhas Vermelha e Branca já haviam ocupado duas delas, mas o do meio estava vazio. Alice sentou-se nela, bastante desconfortável no silêncio, e desejando que alguém falasse.

Por fim, a Rainha Vermelha começou. “Você perdeu a sopa e o peixe”, disse ela. “Tragam a carne!” E os garçons puseram uma perna de carneiro diante de Alice, que olhou para ela com bastante ansiedade, pois nunca tinha tido que trincar um carneiro antes.

“Você parece um pouco tímida, deixe-me apresentá-la a essa perna de carneiro”, disse a Rainha Vermelha. “Alice...Carneiro, Carneiro...Alice. A perna de carneiro subiu no prato e fez uma pequena reverência para Alice, e Alice devolveu a reverência, sem saber se ficava assustada ou se divertia.

“Posso oferecer uma fatia?” ela disse, pegando a faca e o garfo, e olhando de uma Rainha para a outra.

“Claro que não,” a Rainha Vermelha disse, muito decidida, “não de etiqueta cortar alguém a quem você foi apresentado. Removam a carne!” E os garçons o levaram e trouxeram um grande pudim de ameixa em seu lugar.

“Eu não vou ser apresentada ao pudim, por favor,” Alice disse um pouco apressadamente, “ou não teremos jantar nenhum. Posso te dar um pouco?”

Mas a Rainha Vermelha parecia mal-humorada e rosnou “Pudim...Alice, Alice...Pudim. Retire o pudim!” e os garçons o levaram tão rápido que Alice não conseguiu devolver a reverência.

No entanto, ela não viu por que a Rainha Vermelha deveria ser a única a dar ordens, então, como um experimento, ela gritou “Garçom! Traga de volta o pudim!” e lá estava novamente em um momento como um truque de mágica. Era tão grande que ela não pôde deixar de se sentir um pouco tímida com ele, como havia sido com o carneiro, no entanto, ela venceu sua timidez com um grande esforço e cortou uma fatia e a entregou à Rainha Vermelha.

“Que impertinência!” disse o Pudim. “Eu me pergunto como você gostaria, se eu cortasse uma fatia de você , sua criatura!”

Ele falou com uma voz grossa e suave, e Alice não tinha uma palavra para responder, ela só podia sentar e olhar para ele e suspirar.

“Faça um comentário”, disse a Rainha Vermelha, “é ridículo deixar toda a conversa para o pudim!”

“Sabe, eu tive uma quantidade tão grande de poesia repetida para mim hoje”, Alice começou, um pouco assustada ao descobrir que, no momento em que ela abriu os lábios, houve um silêncio mortal, e todos os olhos estavam fixos nela, “e é uma coisa muito curiosa, eu acho...todo poema era sobre peixes de alguma forma. Você sabe por que eles gostam tanto de peixes por aqui?”

Ela falou com a Rainha Vermelha, cuja resposta foi um pouco fora do alvo. “Quanto aos peixes”, disse ela, muito lenta e solenemente, colocando a boca perto da orelha de Alice, “Sua Majestade Branca conhece um adorável enigma...tudo em poesia...tudo sobre peixes. Ela deve recitar?”

“Sua Majestade Vermelha é muito gentil em mencionar isso,” a Rainha Branca murmurou no outro ouvido de Alice, em uma voz como o arrulho de um pombo. “Seria um mimo! Posso?”

"Por favor", disse Alice muito educadamente.

A Rainha Branca riu com prazer e acariciou a bochecha de Alice. Então ela começou:

Primeiro, o peixe deve ser pescado.

Isso é fácil, um bebê, eu acho, poderia ter pego.

Em seguida, o peixe deve ser comprado.

Isso é fácil, um centavo, eu acho, teria comprado.

Agora cozinhe o peixe para mim!

Isso é fácil e não levará mais de um minuto.

Deixe-o repousar em um prato!

Isso é fácil, porque já está nele.

Traga isso aqui! Deixe-me jantar!

É fácil colocar tal prato na mesa.

Levante a tampa do prato!

Ah, isso é tão difícil que temo ser incapaz!

Pois ele o segura como cola

Segura a tampa do prato, enquanto ele está no meio,

O que é mais fácil de fazer,

Descobrir o peixe ou cobrir o enigma?

“Reserve um minuto para pensar sobre isso e depois adivinhe”, disse a Rainha Vermelha. “Enquanto isso, vamos beber a sua saúde, a saúde da rainha Alice!” ela gritou a plenos pulmões, e todos os convidados começaram a beber imediatamente, e muito estranhamente eles conseguiram, alguns

deles colocaram os copos na cabeça como uma cachoeira, e beberam tudo o que escorria pelo rosto, outros reviraram os decantadores , e beberam o vinho que escorria pelas bordas da mesa, e três deles (que pareciam cangurus) entraram no prato de carneiro assado e começaram a lamber o molho avidamente, "como porcos em um cocho!" pensou Alice.

"Você deveria retribuir os agradecimentos com um discurso elegante", disse a Rainha Vermelha, franzindo a testa para Alice enquanto ela falava.

"Nós devemos apoiá-la, você sabe," a Rainha Branca sussurrou, enquanto Alice se levantava para fazer isso, muito obedientemente, mas um pouco assustada.

"Muito obrigada," ela sussurrou em resposta, "mas eu posso ficar muito bem sem fazê-lo."

"Não daria certo", disse a Rainha Vermelha muito decidida, então Alice tentou se submeter a isso com boa vontade.

("E elas a forçaram!", disse ela depois, quando contava a história da festa à irmã. "Você acharia que eles queriam me espremer!")

Na verdade, foi bastante difícil para ela manter-se em seu lugar enquanto fazia seu discurso, as duas Rainhas a empurraram, uma de cada lado, que quase a levantaram no ar, "Levanto-me para agradecer..." Alice começou, e ela realmente se levantou vários centímetros enquanto falava, mas ela segurou a beirada da mesa e conseguiu se puxar para baixo novamente.

"Se cuida!" gritou a Rainha Branca, agarrando o cabelo de Alice com ambas as mãos. "Algo vai acontecer!"

E então (como Alice depois descreveu) todo tipo de coisa aconteceu em um momento. As velas cresciam até o teto, parecendo uma plantação de juncos com fogos de artifício no topo. Quanto às garrafas, cada uma delas pegou um par de pratos, que rapidamente encaixou como asas, e assim, com garfos no lugar das pernas, foram esvoaçando em todas as direções, "e parecem muito com pássaros", pensou Alice consigo mesma, tão bem quanto podia na terrível confusão que estava começando.

Nesse momento, ela ouviu uma risada rouca ao seu lado e se virou para ver qual era o problema com a Rainha Branca, mas, em vez da Rainha, havia a perna de carneiro sentada na cadeira. "Aqui estou!" gritou uma voz da terrina de sopa, e Alice virou-se novamente, bem a tempo de ver o rosto largo e bem-humorado da Rainha sorrindo para ela por um momento sobre a borda da terrina, antes de desaparecer na sopa.

Não havia um momento a perder. Vários dos convidados já estavam deitados nos pratos, e a concha de sopa estava subindo pela mesa em direção à cadeira de Alice, e acenando para ela impacientemente para sair do seu caminho.

"Não aguento mais isso!" Ela gritou enquanto se levantava em um salto e agarrou a toalha da mesa com as duas mãos, um bom puxão, e pratos, convidados e velas caíram juntos em uma pilha no chão.

"E quanto a você ," ela continuou, virando-se ferozmente para a Rainha Vermelha, a quem ela considerava a causa de todos os danos, mas a Rainha não estava mais ao seu lado, ela de repente havia diminuído para o tamanho de um pequeno boneca, e estava agora sobre a mesa, correndo alegremente em círculos atrás de seu próprio xale, que estava atrás dela.

Em qualquer outro momento, Alice teria se sentido surpresa com isso, mas ela estava muito animada para se surpreender com qualquer coisa agora . "Quanto a você ", ela repetiu, agarrando a criaturinha no próprio ato de pular sobre uma garrafa que acabara de cair sobre a mesa, "eu vou sacudir você até virar uma gatinha, eu vou!"



gitação

Ela a tirou da mesa enquanto falava e a sacudiu para frente e para trás com toda a força.

A Rainha Vermelha não fez qualquer resistência, seu rosto apenas ficou muito pequeno, e seus olhos ficaram grandes e verdes, ainda assim, enquanto Alice continuava a sacudi-la, ela foi ficando mais baixa, e mais gorda, e mais redonda, e...



acordar

...e era mesmo uma gatinha, afinal.



Qual sonhou?

"Vossa majestade não deveria ronronar tão alto", disse Alice, esfregando os olhos e dirigindo-se a gatinha, respeitosamente, mas com alguma severidade. "Você me acordou oh! um sonho tão bom! E você esteve comigo, Kitty, por todo o mundo do Espelho. Você sabia disso, querida?"

É um hábito muito inconveniente dos gatinhos (Alice uma vez fez a observação) que, não importa o que você diga a eles, eles sempre ronronam. "Se eles apenas ronronassem para 'sim' e miassem para 'não', ou qualquer regra desse tipo", ela disse, "para que alguém pudesse manter uma conversa!

Mas como você pode falar com uma pessoa se ela sempre diz a mesma coisa?”

Nesta ocasião, a gatinha apenas ronronou, e era impossível adivinhar se significava “sim” ou “não”.

Então Alice caçou entre as peças de xadrez sobre a mesa até encontrar a Rainha Vermelha, então ela se ajoelhou no tapete da lareira e colocou a gatinha e a Rainha para olhar uma para a outra. “Agora, gatinha!” ela gritou, batendo palmas triunfantemente. “Confesse que foi nisso que você se transformou!”

(“Mas não olhava”, disse ela, quando explicava a coisa depois à irmã, “virou a cabeça e fingiu não vê-la, mas parecia um pouco envergonhada de si mesma, então Acho que deve ter sido a Rainha Vermelha.”)

“Sente-se um pouco mais rígida, querida!” Alice gritou com uma risada alegre. “E faça uma reverência enquanto você está pensando o que...o que ronronar. Economiza tempo, lembre-se!” E ela pegou e deu um beijinho, “apenas em homenagem a ter sido uma Rainha Vermelha”.

“Floco de Neve, meu animal de estimação!” ela continuou, olhando por cima do ombro para a Gatinha Branca, que ainda estava pacientemente sendo lambida, “quando Dinah terminará com Vossa Majestade Branca, eu me pergunto? Essa deve ser a razão pela qual você estava tão desarrumada no meu sonho. Dinah! Você sabe que você está esfregando uma Rainha Branca? Realmente, é muito desrespeitoso de sua parte!

“E você Dinah, eu me pergunto?” Ela continuou tagarelando, enquanto se acomodava confortavelmente, com um cotovelo no tapete e o queixo na mão, para observar os gatinhos. “Diga-me, Dinah, você se transformou no Humpty Dumpty? Acho que sim, no entanto, é melhor não mencionar isso para seus amigos ainda, pois não tenho certeza.

“A propósito, Kitty, se você estivesse realmente comigo no meu sonho, havia uma coisa que você teria gostado, uma quantidade tão grande de poesias recitadas para mim, tudo sobre peixes! Amanhã de manhã você terá um verdadeiro deleite. Todo o tempo em que você estiver tomando seu café

da manhã, eu vou repetir 'A Morsa e o Carpinteiro' para você, e então você pode fingir que são ostras, querida!

“Agora, Kitty, vamos considerar quem foi que sonhou tudo isso. Esta é uma pergunta séria, minha querida, e você não deveria ficar lambendo sua pata assim, como se Dinah não tivesse lavado você esta manhã! Veja, Kitty, deve ter sido eu ou o Rei Vermelho. Ele fazia parte do meu sonho, é claro, mas eu também fazia parte do sonho dele! Foi o Rei Vermelho, Kitty? Você era a esposa dele, minha querida, então deveria saber... Oh, Kitty, ajude a resolver isso! Tenho certeza que sua pata pode esperar!” Mas a gatinha provocadora só começou lamber a outra pata e fingiu não ter ouvido a pergunta.

Qual você acha que foi?

Um barco sob um céu ensolarado,
Permanecendo sonhadoramente
Em uma noite de julho

Três crianças que se aninham perto,
Olhos ansiosos e ouvidos dispostos,
Satisfeito com uma história simples de ouvir

Longo empalideceu aquele céu ensolarado
Os ecos desaparecem e as memórias morrem.
As geadas do outono mataram julho.

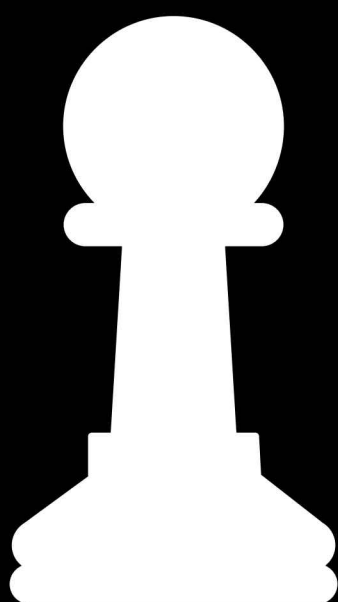
Ainda assim, ela me assombra, fantasmagórica,
Alice movendo-se sob os céus
Nunca vista por olhos despertos.

Crianças, ainda a história para ouvir,
Olho ansioso e ouvido disposto,

Amorosamente se aninhará perto.

Num País das Maravilhas eles jazem,
Sonhando enquanto os dias passam,
Sonhando enquanto os verões morrem.

Sempre à deriva no riacho
Permanecendo no brilho dourado,
Vida, o que é senão um sonho?





of Tim